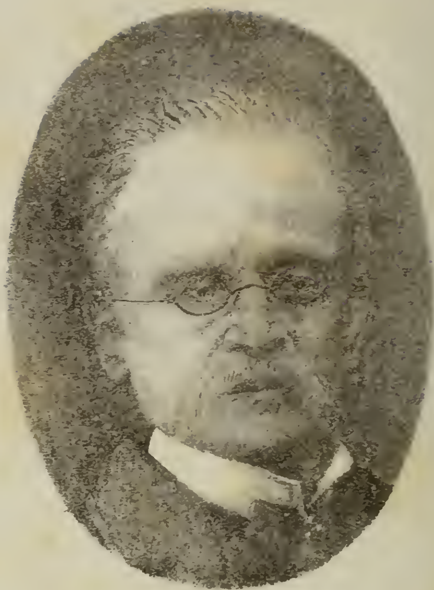

3 1761 07043130 9



BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

Em 1886

MENDES LEAL JUNIOR

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
(Imprensa da Casa Real)
RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 110

1886


LIBRARY
NOV 27 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

MENDES LEAL JUNIOR

Memorias varias
politicas, litterarias e bibliographicas

POR

BRITO ARANHA

Em o n.º 7:401 de 25 de agosto d'este anno (1886), o *Diario de Noticias*, depois de referir pormenores dos derradeiros momentos do illustre diplomata e escriptor, conselheiro Mendes Leal, annunciou o seguinte:

«A empreza do *Diario de Noticias*, tendo desde muito como uma das mais severas obrigações moraes auxiliar com a publicidade da sua folha todos os esforços e elementos civilisadores do povo, bem como prestar homenagem da sua consideração aos obreiros dignos do progresso, exemplificando assim ás multidões o acatamento que se deve a todos os nossos concidadãos que lidam no engrandecimento da patria, promovendo os adiantamentos da educação e instrucção publica resolveu, em continuação da iniciativa desde muito começada, dedicar o BRINDE do actual anno á memoria do illustre poeta, dramaturgo, jornalista e homem publico, que a morte agora roubou ás glorias portuguezas, José da Silva Mendes Leal.»

O livro, pois, que vae ser offerecido aos srs. assignantes do *Diario de Noticias* é o cumprimento da promessa contida no annuncio acima, a que a empreza não faltou jámais.

A pessoa incumbida d'esse trabalho, por circumstancias obvias e pela brevidade do tempo, não póde apresentar, nas paginas que vão lêr-se, nem memoria biographica perfeita, nem um estudo completo, com pretensões á analyse de uma epoca e de um homem distincto na republica das lettras. Apenas reuniu algumas notas politicas e litterarias da vida de Mendes Leal, que servirão talvez de elemento para quem tiver que escrever obra de maior tomo. Tratamos de um cidadão que, no longo lapso de meio seculo, de 1836 a 1886, figurou na litteratura e na politica, subindo desde os mais humildes postos até os mais eminentes; e que atravessou muitos dos periodos mais agitados e convulsionados da historia contemporanea e foi um trabalhador incansavel e exemplar. Não parece por isso mui difficil a missão, principalmente quando vão tentar-se escrever notas varias e modestas. Empregaram-se, comtudo, as diligencias para que fossem verdadeiras.

Novembro, 1886.

I

Mendes Leal Junior nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Pena, da cidade de Lisboa, no anno 1818 (18 de outubro, ás 11 horas e meia da noite). Esta data, com a qual os seus primeiros biographos não acertaram, pudemos averigual-a com pessoa sobrevivente da sua familia. Foram seus paes José Maria da Silva Mendes Leal e D. Maria Domingas de Ascenção Barbosa, casados em Loures a 25 de junho de 1817 pelo respectivo vigario, reverendo desembargador da relação patriarchal, Francisco de Borges Ferreira, tio dos nubentes e homem de variada instrucção.

Seu pae, estabelecendo-se em Lisboa, apesar de ter sido obrigado a seguir a profissão de professor de musica, ensinando a arte e exercendo-a, onde podia ganhar os meios para sustentar com decencia familia numerosa, olhava com attenção para todos os filhos e cuidava desveladamente da sua educação.

Mendes Leal Junior, foi depois dos estudos primarios, a educar no mosteiro de S. Vicente de Fóra, para adquirir a instrucção necessaria á vida ecclesiastica. N'isto seguiria os desejos de seus paes, e os incitamentos que lhe vinham do tio, vigario de Loures, seu primeiro mestre de latim e seu amigo dedicado.

Não o chamava, porém, a vocação para a vida claustral; e parece que os clarões que illuminaram a mallograda regeneração de 1820 e os abalos politicos, provenientes d'esse grandioso facto, fizeram pensar o moço estudante em futuro que tivesse horisontes mais claros e rasgados.

Julgando demasiado o peso de uma educação classica e pautada, e curvando-se já ao que o conservava tremulo e irrequieto, que era, nem mais nem menos, o desabrochar de pequeninas ambições que nascem dos impulsos do coração e do fortalecimento do cerebro, o moço estudante deslisou da porta do mosteiro de S. Vicente um tanto para o bulicio mundano; e aos primeiros arrufos com seu pae, cuja rispidez se lhe afigurava desharmoniosa com o seu pensar e a sua vontade, julgou-se emancipado e saíu de casa. Esta desobediencia e rebeldia, era a primeira manifestação do seu animo, depois tão forte e varonil, e tão provado em tantos contratempos e amarguras.

Questões de temperamento, como diriam os antigos. Questões physiologicas, ou mais essencialmente psychologicas, em que não entramos.

Mendes Leal contava 17 ou 18 annos de edade. Tivera já os primeiros amores e compozera os primeiros versos.

II

Os seus primeiros ensaios poeticos appareciam, com effeito, em 1837, no *Recopilador;* e no anno seguinte, enthusiasmado com os ultimos triumphos alcançados por Almeida Garrett, que então fizera representar no theatro da Rua dos Condes, o seu *Auto de Gil Vicente,* o novel escriptor tentava outro genero de escriptura e preparava para a scena os *Dois renegados.*

Pensaria elle que, desde logo, subiria á estatura do grande mestre?

Eram constantes os seus sonhos de gloria, e tambem contava com um triumpho que se não excedesse os de outros auctores dramaticos, o collocaria quando menos ao par d'elles. O acolhimento, que tiveram os *Dois renegados,* e a popularidade, que d'ahi resultou para o nome de Mendes Leal Junior, são factos em demasia conhecidos, que não carecem de longa menção. A xacara, que elle compoz para esta peça, veio das ovações da scena para os applausos das multidões, e foi tocada e cantada em todas as salas, e decorada por todos!

O drama *Dois renegados,* moldado sob a fórma antiga e imitado de outra peça estrangeira do mesmo genero, era em cinco actos com sete quadros. Cada acto com titulo: 1.º *A leitura da Biblia;* 2.º *O enviado;* 3.º *O julgamento;* 4.º *Um por outro;* 5.º *O resuscitado.* Epoca, reinado de D. Manuel.

Subiu á scena, pela primeira vez, no theatro normal da Rua dos Condes a 9 de julho de 1839.

A xacara, que se tornou popular, era cantada com acompanhamento de harpa, logo no começo da scena I, acto V.

Eil-a:

Xacara

Nobre donzel, Dom Gutteres,
Dom Gutterres o infanção,
Á gentil, donosa moura
Alma deu e coração;
E por logral-a se fez
Infiel, sendo christão.

Mas em breve, arrependido,
Porque o demonio o tentava,
Por amores de christã
Antiga affeição trocava,
E, co'a esposa innocentinha,
Pae e mãe assassinava.

Porém, quando a virgem leva
Ao altar o condemnado,
Da vingança estala o raio
Ergue o inferno horrivel brado
«Morte e affronta ao assassino,
«Morte e affronta ao renegado!»

III

Nenhum dos homens da geração actual, que tem tido outra orientação e que se tem dado a desdenhar, quiçà com injustiça, os escriptores da

geração anterior, póde ser hoje chamado a depôr ácerca de Mendes Leal, porque não o conheceu, nem apreciou, no periodo aureo dos seus trabalhos, nem testemunhou, dia a dia, as difficuldades que elle venceu, e os espinhos que lhe amarguraram a existencia, nos annos da mocidade!

Não sabemos se elle deixou escriptas algumas paginas intimas da sua biographia. Teriamos n'ellas, sem duvida, uma grande lição. Mas podemos prescindir d'essas confidencias, porque os factos sabidos e conhecidos sobejam para os que desejarem fazer uma apreciação serena e levantada.

Nada mais honroso!

Mendes Leal, como vimos, saído de uma familia, modesta nos meios e na posição, por circumstancias independentes da sua vontade, achou-se, pelo dizer assim, só no mundo. Acompanhavam-o apenas o seu engenho e a sua vontade.

Justificou o proloquio: *querer é poder*. Quiz e pôde!

O *Recopilador*, publicado em 1837, em que elle se estreou, como dissemos, era uma gazeta litteraria de pequeno formato, in-4.°, e de pequenissimo valor. Parece-nos que os versos que publicou ali, não os subscreveu. Em o n.° 3, pag. 39, que temos presente, deparam-se-nos umas quadras, de auctor anonymo, que talvez fossem d'elle.

Um anno antes, Mendes Leal, conseguira uma graduação burocratica em uma repartição, de que muito depois foi chefe. Por portaria de 28 de julho de 1836 nomeavam-no official honorario da bibliotheca nacional de Lisboa, declarando-se no diploma, que era *sem vencimento*.

A honraria, porém, não lhe dava os recursos para a existencia, e elle, d'ahi em deante, empregou todos os meios decorosos de os adquirir. Não nos é possivel, por falta de dados positivos, acompanhar a vida de Mendes Leal e deixar n'estas paginas despretenciosas uma biographia ligada e completa. Por isso lhes demos o titulo de «Memorias varias».

IV

Por causa dos factos occorridos depois da revolução de 1836, que prepararam a restauração da carta, os irmãos Cabraes, Sotto Maior, Rebello da Silva, os irmãos Lacerdas, José Feliciano de Castilho, Felner e outros, ligados em intuitos politicos, foram chamando para o seu gremio homens de merito e prestantes. Mendes Leal, convidado para os sustentar na imprensa diaria e oppôr-se á propaganda vigorosa da *Revolução de Setembro,* acceitou o encargo, indo escrever para a *Restauração da Carta*, que apparecera em 1846, e ahi inseriu elle muitos capitulos do seu romance *A estatua de Nabuco.*

No mesmo anno, tendo seguido o general duque da Terceira, ao Porto, conseguiu partir d'aquella cidade, quando prenderam o duque, e ir tomar posse das funcções de secretario geral do governo civil do districto de Vianna do Castello, onde tambem serviu como governador civil interino.

Quando foi necessario organisar os batalhões

de voluntarios, para accrescentar as forças do exercito activo, em parte dividido por sublevações parciaes e pelas forças importantes que se agruparam em volta da bandeira da «Maria da Fonte», teve Mendes Leal Junior, no batalhão dos cartistas de Vianna do Castello, o posto de capitão.

Antes e depois das luctas civis da «Maria da Fonte», dentro da linha politica em que militava, Mendes Leal procedeu briosamente. Serviu bem os seus amigos politicos e foi elogiado pelas auctoridades superiores militares e civis. Lemos isto em uma antiga biographia d'elle, publicada ha trinta annos, na qual se faz menção d'esses serviços e louvores politicos.

Dando-se em 1847 a separação dos irmãos Cabraes, José e Antonio, cada um dos quaes tinha um grupo de amigos dedicados, Mendes Leal ficou com os partidarios de José.

Em 1848 fôra nomeado secretario do real Conservatorio Dramatico.

V

O triumpho alcançado com os *Dois renegados*, deu-lhe animo para continuar a escrever para o theatro, e, apezar dos trabalhos de outro genero, a que o obrigavam as luctas politicas e o labor do jornalismo quotidiano, de 1840 a 1847 deu para a scena nacional não menos de vinte e um actos. Vejamos:

O homem da mascara negra, drama em 5 actos (1840).

D. Maria de Alencastro, drama em 3 partes (1843). Premiado pelo Conservatorio.

O caçador, farceta-lyrica em 1 acto (1845).

Manhã de um bello dia, ode-cantata allegorica (1845).

A pobre das ruinas, drama em 3 actos e prologo (1846). Premiado pelo Conservatorio.

O pagem de Aljubarrota, drama em 3 actos (1846).

Madre-silva, drama em 5 actos (1847).

Ao par d'esta prodigiosa actividade para o theatro, podemos notar egualmente que elle compunha versos, que depois colligiu em volume, como indicaremos, e que os dava ás folhas litterarias d'aquelle periodo, o *Mosaico* (1839–1840), o *Panorama* (1841), e a *Revista Universal Lisbonense* (1844).

VI

A separação politica dos dois irmãos Cabraes, Antonio e José, ficou bem accentuada na fundação do *Estandarte*, no qual o conselheiro José Bernardo da Silva Cabral publicou em o primeiro numero, que appareceu em 1 de agosto de 1847, um protesto contra o que se dissera nas camaras francezas e inglezas a proposito da situação de Portugal, por causa e durante as luctas intestinas de 1846, protesto que a direcção do *Diario do Go-*

verno se negou a inserir, de certo por ordem expressa do sr. conde de Thomar, sob pretexto de que em breve seria publicado um manifesto do chefe principal do partido conservador.

Convidado para escrever em a nova folha do conselheiro José Bernardo, Mendes Leal ahi esteve por algum tempo. Como responsavel do *Estandarte* lê-se o seu nome desde o n.º 289 de 2 de janeiro de 1849 até o n.º 485 de 5 de setembro do mesmo anno, em que foi substituido pelo novo gerente do periodico o sr. José Joaquim da Silva Mattos Junior.

Ao sair do *Estandarte,* Mendes Leal passou para a *Lei,* fundada com o fim de defender o grupo do sr. conde de Thomar.

O *Estandarte* findou em 1850, e foi passados annos substituido na mesma ordem de idéas, pelo *Rei e Ordem,* cujo primeiro numero saíu á luz em janeiro de 1857, e viveu até junho de 1860, acabando com o n.º 897. D'este periodico foi administrador o sr. bacharel João da Silva Mattos.

Da typographia do *Estandarte,* quando esta folha se extinguiu, nasceu a imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, que era o director d'aquella, e mui dedicado ao conselheiro José Bernardo.

VII

Entrando tão bem no mundo das letras, e transpondo as portas, perfeitamente abertas, da poesia

lyrica e do theatro, como poucos as terão atravessado, deparou-se ao novel escriptor, laureado na scena, quem o amparasse na vereda, nem sempre benefica, que tinha que percorrer.

Occorre-nos que um dos litteratos e eruditos, que se collocou ao lado d'elle e que não o deixou nas letras e na politica, por muitos e longos annos, foi Rodrigo José de Lima Felner, que tinha por seus estudos e por sua posição no funccionalismo, preeminencia na republica litteraria.

Foi com Lima Felner, primeiro official do thesouro publico, que Mendes Leal Junior se filiou no partido conservador; foi com elle que entrou no periodismo militante e ao seu lado combateu nas folhas, que de 1846 a 1853, mantinham esse partido, que dominava a situação n'aquella epoca, e que pretendia por todos os meios que triumphasse certo numero de idéas retrogradas.

Na *Lei*, que viveu de 1849 a 1853, saindo o primeiro numero a 1 de setembro, só trabalharam Luiz de Vasconcellos, Felner e Mendes Leal. Havia ali um quarto collaborador, Manuel José Gonçalves, antigo escrivão do deposito publico, que os ajudava, mas não tinha, nem podia ter, a importancia dos tres. O revisor era Manuel Cypriano da Costa Freire (hoje empregado superior da secretaria da camara dos dignos pares do reino); responsavel Figueiredo Frescata; e gerente da folha Antonio Ferreira de Simas, que d'ali passou para o *Conservador*, de que eram redactores principaes, D. Antonio Correia de Lacerda (já fallecido), e Paulo Eduardo Pacheco (hoje coronel de artilheria); e noticiarista Eduardo Coelho, que

depois fundou o *Diario de Noticias* com Thomaz Quintino Antunes (hoje visconde de S. Marçal), convidando ambos para a administração da sua folha, o honrado Simas da *Lei* e do *Conservador*.

Mendes Leal e Luiz de Vasconcellos eram mais effectivos que Felner.

A typographia da *Lei* fôra estabelecida n'uma casa da travessa das Mercês, proximo, ou á esquina da rua dos Caetanos, e ali tinham dado um quarto a Mendes Leal Junior. Elle passava, ás vezes, dias e noites, mettido n'esse quarto, ora escrevendo para sustentar as doutrinas do partido em que militava, ora compondo peças para o theatro ou artigos e folhetins para os periodicos litterarios, cujos editores lh'os pediam ou encommendavam.

O caracter da letra de Mendes Leal foi mau sempre: muito meudo, com poucos grossos, e ás vezes uns riscos imperceptiveis, como é facil vêr no *fac-simile.* De quando em quando, Mendes Leal tomava secretario, para que os typographos e os copistas dos theatros entendessem melhor e mais rapidamente, dispensando interprete, o que elle dictava. Na epoca da *Lei* tinha elle chamado para junto de si seu irmão Antonio, que tambem foi talentoso poeta e dramaturgo, e morreu n'uma excursão artistica que fizera ao Brazil. Antonio Mendes Leal tinha letra mais legivel.

N'aquelle quarto escolastico, que poucas pessoas conheciam, e onde Mendes Leal só recebia os mais intimos amigos, em limitado numero, quantas obras delineou e executou o poeta, o dramaturgo e o jornalista; e quantos planos politicos traçou

e discutiu para combater a onda revolucionaria, que não parára nos desastres da «Maria da Fonte» e que devia levantar-se mais forte e poderosa no advento da regeneração!

VIII

Em janeiro de 1852 appareceu a *Imprensa* para defender as mesmas idéas, em que se empenhára a *Lei*. A *Imprensa* durou, porém, um anno sómente. Concluiu-se a sua carreira jornalistica em 1853, por conveniencias politicas, para dar logar á *Imprensa e Lei*, que foi a imprimir a uma casa na rua dos Douradores, a typographia da *Imprensa*.

Em a nova folha, assim refundida, de que era principal redactor e responsavel Mendes Leal, figuravam na redacção alguns dos escriptores então mais illustres do partido conservador, como Cunha Sotto Maior (ainda ao presente honrado ministro plenipotenciario de Portugal em Stockolmo), e Correia Caldeira, Lobo de Moura, Rebello da Silva, Luiz Vasconcellos, homem de maneiras affaveis, gestos aristocraticos, aceio irreprehensivel, talento facil para o jornalismo; e Francisco Duarte de Almeida e Araujo, que foi collaborador do *Diario de Noticias* (o encarregado das traducções), já fallecidos.

A imprensa da rua dos Douradores era de José Candido. Imprimiu-se tambem lá o *Parlamento*.

Mendes Leal Junior teve o seu nome na cabeça

da *Lei* desde o n.° 681 de 2 de janeiro de 1852, e desde então começou a assignar os artigos. Foram tantos e de tão variados assumptos até o n.° 1157, de 13 de agosto de 1853, em que terminou a publicação d'aquella folha, que, comparando esse trabalho com o que elle executava para outras publicações litterarias e para o theatro, parecia impossivel como lhe chegava o tempo para descançar sequer quotidianamente meia duzia de horas.

A *Lei,* como notámos, findou a 13 de agosto. A *Imprensa e Lei,* começou tres dias depois, isto é, a 16 de agosto do mesmo anno.

IX

Depois da campanha politica, em que tanto figurou activamente, já como funccionario administrativo, já como jornalista, tendo, como já referimos, que sustentar discussões acaloradas com escriptores da estatura de Rodrigues Sampaio, José Estevão, Serpa e outros, Mendes Leal continuava de coração a estudar e escrever para o theatro, vivendo intimamente com alguns artistas eminentes e estimaveis como Tasso, em cujo camarim, no theatro de D. Maria II, o viamos quasi todas as noites; e como Taborda, no theatro do Gymnasio, animando então este, que começava a sua carreira na arte dramatica, depois tão cheia de alegrias e glorias.

*

Em 1849 compoz elle para Taborda um soneto. Mandou-o imprimir e distribuir, sem nome, n'um dia de beneficio do sympathico artista. Muito depois é que Taborda veio a saber, talvez por D. José de Almada, o auctor da peça *A prophecia ou a queda de Jerusalem,* e de outras obras, intimo amigo de ambos, que a delicada composição e a obrigatoria offerenda partira de Mendes Leal. Talvez nem o proprio auctor, passados trinta e sete annos, se lembrasse de taes versos. Possuimos uma copia d'elles, por mercê de Taborda, que tem archivado com affecto e cuidado, estes e outros documentos honrosos; e por isso podemos deixal-os aqui:

Ao Sr.
Francisco Alves da Silva Taborda

No seu beneficio em 24 de fevereiro de 1849

No recinto das artes despontaste
E cresceste, e vingaste affoutamente:
¡Da viva inspiração o raio ardente
Queimou-te a fronte que sem custo alçaste!

Se da scena os segredos conquistaste,
Já com elle inflammas peito e mente;
São teus; são d'ella. Quem não vê, não sente
O viçoso laurel de que te ornaste?

Merece-lo; pertence-te: foi justo.
Teu talento nascente marcha ávante;
É bello e em breve ficará robusto!

Teu nome juvenil sobe incessante:
Das artes livres no sanctuario augusto
Inscreveu-t'o da gloria a mão brilhante

X

N'esta epoca, isto é, em 1849, delineava Mendes Leal o seu drama *Pedro*, em 5 actos, e, posto o mandasse logo para o theatro normal, não o representaram. Archivaram-no. Ahi ficou sepultado, como o auctor o escrevera, doze annos, apesar de ter condições de existencia lisongeira. Depois de ser impresso e representado no Brazil e no Porto, para onde o auctor mandára exemplares, é que se resolveram a apresental-o na scena em Lisboa, por 1861. Naturalmente, pequeninas questões de bastidores e de politica.

O auctor, nem no prologo da primeira edição, em 1857; nem no da segunda, em 1863, dá a razão da demora, nem o motivo por que afinal abriram a sepultura ao drama. Apenas menciona que, entregando-o novamente á publicidade, não lhe alterava por fórma alguma o contexto, e só lhe cumpria agradecer aos actores a sua fiel interpretação e ao publico e á imprensa a sua extrema benevolencia.

O drama *Pedro*, desenvolve um thema social com linguagem apaixonada, propria a excitar o sentimento popular em situações melodramaticas bem calculadas, para effeito seguro no commum das platéas. Trata de um homem de humilde condição, que sobe gradualmente pelos merecimentos proprios com triumphos incontestaveis no theatro, na imprensa, e na tribuna parlamentar, até os car-

gos mais elevados da republica, ao par de outro homem, a quem o personagem principal serviu, e o qual, apesar dos seus pergaminhos, dos seus fartos meios de existencia, e das suas relações numerosas nas salas faustosas, que se abriam ás visitas, ás diversões, aos prazeres e ao jogo, desce rapidamente até as mais degradantes phases da sua vida desregrada, inutil, miseravel!

No prologo da segunda edição, o auctor explica a sua idéa d'este modo:

> «Citam-se, a proposito da concepção, muitas coincidencias. Uma só esqueceu, e só essa lembrarei. O pensamento inspiradòr da obra — que foi mostrar n'um exemplo a inutilidade dos privilegios — tomou voz na scena justamente quando um dos mais antigos, e hoje mais damnosos privilegios, desappareciam na legislação. A doze annos de distancia a tribuna do parlamento respondia com ecco fiel ás tentativas da arte! Seja-me licito acompanhar o respeito a todas as crenças em a singela exposição da logica persistencia de uma idéa, ou fim laboriosamente convertido em facto social.»

Divulgou-se que o auctor quizera dar ao *Pedro* algumas feições da sua pessoa, apresentar n'elle os seus desejos de crescente gloria, e as linhas geraes do seu caracter. Existem, effectivamente, pontos de contacto entre a vida do auctor e as revelações e confidencias, que, a cada passo, pôz

na linguagem acalorada e de symbolismo da figura principal d'este drama.

As principaes figuras do drama eram: *Pedro, o conde de S. Tiago, D. Maria de Menezes* (filha do conde), e *D. Francisco de Athayde* (amigo intimo do conde e de Pedro).

Juntemos e comparemos algumas phrases de *Pedro,* e veremos que ás vezes o vulgo acerta em seus corollarios sinceros e frisantes.

No acto I, scena VI (*Pedro,* monologo):

> «Para que me havia de meu pae dar este fatal presente da educação? Se ella me não soltasse as azas á phantasia, não iriam estas imaginações delirantes descobrir outro horisonte, devassar outras regiões, ambicionar outra vida! E por que me não ha de ser permittido ganhar o que os outros herdaram? Por que não poderei conquistar da fortuna o que tantos acharam do acaso!...»

Mesmo acto, scena VIII, *(Pedro* a *D. Maria):*

> «... veja o que fui e o que sou, d'onde parti e a que cheguei... cheguei só por seu respeito! Não devo nada a ninguem, nem ao acaso, nem á fortuna, nem ao passado: não devo nada senão a mim e a Deus! Outros acabam sua nobreza, eu começo a minha. Tudo isto adquiri-o eu, conquistei-o eu, eu só!...»

Mesmo acto, scena IX (*Pedro,* monologo):

«... Urge sair d'esta casa. De ámanhã por diante, ou a gloria ou a sepultura.»

Mesmo acto, scena XIII (*Pedro*, no final do acto depois de uma troca violenta de palavras com diversos personagens, ao largarem o jogo):

«... ou subir, ou morrer.»

No acto II, scena VI (*Pedro* a *D. Francisco*):

«... Quero pelejar face a face com a sorte; e se n'esta lucta desesperada o destino me prostrar, quero dizer afinal: fui vencido por Deus sem ser ajudado pelos homens. Bem vê, meu amigo, fui expulso da casa em que tinha nascido, e não dobrei a cabeça. Perdi ali... perdi tudo o que um homem póde perder nos primeiros annos da vida, e não me desfalleceu o coração... Vou calcar o trilho de uma vida independente: imagine que terror e que anciedade, quantas aspirações e angustias se resumem para mim n'esse instante supremo.»

No acto III, scena VI (*Pedro* a *D. Francisco*):

«... não olho e não vejo em torno de mim, senão as hostilidades dos interesses, a hypocrisia dos sentimentos, a rivalidade das ambições, a lucta repugnante das vaidades egoistas: nunca a honrosa communidade da patria. Todas as faculdades se consomem n'estes perfis ignominiosos e inuteis. Á base de cada gloria de um dia

ha o verme fatal que a róe pelo pé, e a precipita no dia immediato no proprio abysmo d'onde surgiu...»

«... A imprensa é hoje uma arma poderosa, é um nobre sacerdocio; por isso mesmo tanto mais indigno e vil é prostituil-a á mentira...»

«... Ás vezes tenho orgulho quando penso que o orphão desvalido, abandonado e expulso, faz tremer com um rasgo da sua penna convicta os poderes e os partidos! excita ou serena as paixões! Ufano me sobre tudo quando vejo que não ha já soberba ou vaidade que se desprese de se egualar comigo!...»

No acto V, scena VI *(Pedro a D. Francisco)*:

«... tem-me visto na adversidade e no conflicto no seio das tempestades parlamentares e nos revezes da vida, no meio das convulsões do povo e da peleja das facções, sabe que nunca dobrei esta fronte...»

«... Consegui quanto intentei. No logar do triumpho achei sempre o desengano. No cimo da montanha é que se conhece quanto é pequeno o que nos rodeia, e como é estreito e arido o caminho que lá conduz. O homem vive dentro em si mesmo, cheguei até onde podia chegar; e, hoje que já não posso subir mais, quasi que sinto prazer em descer, ludibriado por uns, desconhecido por outros, sem nunca poder contentar os que se chamam amigos, sem

nunca poder alcançar justiça dos que se dizem inimigos... Estou cansado. Deus sabe se desejei sinceramente o bem da minha patria!...»

Acreditamos sinceramente que se, no theatro normal, se lembrassem de resuscitar este, ou outro trabalho de Mendes Leal, de preferencia a qualquer versão ou imitação estrangeira de somenos valor, não desagradaria ao publico e honrar-se-hia a memoria de tão festejado e illustre dramaturgo.

XI

De 1849 a 1855, Mendes Leal, aproveitando novos intervallos de seus quefazeres jornalisticos e politicos, compunha para o theatro, além de outras que ficariam em esboço, ou que, sendo representadas, não gosariam o favor da publicidade, e de que não temos nota, oito peças—quatro dramas e quatro comedias—com vinte e nove actos.

Pedro. Drama em cinco actos (1849).

Quem porfia mata caça. Comedia em dois actos (1850).

O tributo das cem donzellas. Drama em um acto (1851).

A afilhada do barão. Comedia em dois actos (1851).

As tres cidras do amor. Comedia em quatro actos (1852).

Os homens de marmore. Drama em cinco actos (1854).

A herança do chanceller. Comedia em tres actos e em verso lyrico (1855).

O homem de ouro. Drama em tres actos (continuação dos *homens de marmore* 1855).

Do *Pedro* já fallámos, no capitulo anterior.

De todas as peças do grupo indicado, a que lhe deu por sem duvida maior trabalho, foi a comedia *A herança do chanceller,* toda em verso. Elle tinha-a em grande conta como uma renovação da arte antiga e por isso a dedicou a el-rei D. Pedro V. Quando a mandou imprimir, na dedicatoria ao esclarecido soberano, de saudosa memoria, escreveu Mendes Leal (pag. V e VI).

> «... é... ao menos, um ensaio de restauração n'uma fórma d'arte, essencialmente nacional,—obsoleta hoje, como outras muitas fresquissimas galas dos tempos saudosos do nosso passado, — perdida ha tres seculos com o seu verdadeiro fundador, em quanto, na outra parte da peninsula, a abandonada herança, fecundada em composições immortaes, alargava a gloria das letras castelhanas a par do esplendor das suas armas. O mesmo sentimento, que faz pulsar de orgulho o coração de todo o hespanhol ouvindo o nome de um Pelayo, lhe accende nas faces o rubor do enthusiasmo vendo as gerações espirituaes de todas as litteraturas prostradas diante do vulto de um Calderon.

«D'ahi vem que, no conceito da maioria da Europa, a individualidade portugueza, desbotada, foi absorvida pela individualidade hespanhola.

«O resto, se sabe que existimos, é só pelo nome e pelo livro de Camões.»

No prologo ao leitor (pag. IX a XII), ratifica as phrases e o desabafo da dedicatoria, em homenagem á arte, accrescentando, que—«esperava que o publico intelligente avaliasse quantas difficuldades tivera de vencer, difficuldades de applicação, de investigação, de fórma e de assumpto, para chegar a produzir, tal qual era, *A herança do chanceller.*» Pondo mais (pag. X):

> «*A herança do chanceller* não é uma comedia historica, no sentido de reproduzir exactamente um facto dado; mas o auctor procurou que ella fosse historica no sentido de retratar as feições caracteristicas. Alguns dos personagens da peça existiram realmente. Mas a questão historica, para o theatro, não é essa; é saber se elles correspondem aos typos possiveis. É esse tambem outro ponto cuja solução pertence ao publico.»

A acção d'esta peça é do anno 1433. Entram n'ella dez figuras, sendo as principaes, *Dr. Pedr' Annes Lobato,* governador da casa do civel; *Lopo Soares,* estudante dos geraes; *Fernão Vieira, Cosmo,* bésteiro; *D. Branca da Cunha,* filha do

dr. João das Regras, *Briolanja*, sergenta de D. Branca, e um joalheiro, um jubeteiro, uma regueifeira, e uma ex-cantadeira de Janeiras e Maias e ex-carpideira.

Vejam como é bem feito, cadencioso, levantado, o trecho da scena v do acto I, em que Lopo Soares refere ao bésteiro Cosmo os seus amores e retrata a sua amada.

LOPO

Se a visseis! — Gracioso mixto
De recato e de candura,
Não ha flor de mais frescura...

COSMO

Um anjo em tudo: está visto.

LOPO

Os seus olhos são dois astros,
Que dão amor e desmaios,
Vertendo languidos raios
D'entre os curvos alabastros.
Rubros labios de carmim,
Louras tranças sem segundas,
Duas rosas pudibundas
Sobre faces...

COSMO

De setim. —
O retrato está completo:
Vamos, é todo o composto...
Que um aborto faz de um rosto. —
(Comsigo)
Como pecca o mais discreto!
(Proseguindo, a Lopo)
Talhe esbelto, cinta airosa,
Toda em donaires creada,
Eis aqui a tua fada
Mais do que as fadas formosa.

LOPO

Já sabeis?

COSMO

É sempre assim
O sonho de uma paixão.

LOPO

Não é sonho: o coração
Diz-me que o sinto.

COSMO

Pois sim.

LOPO

Encontrei-a ajoelhada,
Como se pende uma rosa,
Na egreja da milagrosa
Nossa Senhora da Escada.
O seu rosto contemplava,
Atravez dos raros véus:
N'elle os olhos, a alma em Deus,
Confusas preces orava.
Cria, n'este inlevo terno,
Que as orações, misturadas,
Nossas almas, abraçadas,
Aos pés levavam do Eterno.
Se era d'ella, ou da Senhora,
O templo, nem eu sabia...
Que tudo ao céu rescendia.

COSMO

Eu te conto o resto agora.—
Junto á pia d'agua benta,
Inclinando-se galante,
Um moço e guapo estudante
D'agua um pouco lhe apresenta.
Ella, timida e indecisa,
Molha os dedos, faz a cruz,
E deixa rastros de luz
N'um olhar que lhe desliza.

O tremor da mão nevada
O mancebo fez tremer...
Se era de dôr ou prazer
Não n'o soube a alma turbada.

LOPO (Espantado)

Adivinhaes, senhor Ruy!

COSMO

Em sortilegios é lido
Quem tres vezes tem morrido. —
(Melancolico)
Tambem assim, tambem fui! —
(Para Lopo)
Sabes quem seja?

LOPO

Á memoria
Me chamaes o padecer! —
É filha do chanceller
Que Deus haja em santa gloria.
Chama-se Branca, — e, em vergeis,
Mais alvo lyrio não brilha.

COSMO

Póde um lyrio ser a filha;
Mas o pae... foi mestre em leis!

LOPO

Por seu alto nascimento
E seus grossos cabedaes...

COSMO

Receias. — Não digas mais. —
O que tens então no intento?

LOPO

Obscuro e pobre, cogito
No seu estado e riqueza;
E mais me doe a incerteza
Quanto mais em tal medito.

O esforço, ás vezes, descae;
Outras vezes, só de vêl-a,
Quero, para merecel-a,
Ser grande como seu pae.
Horas e horas, no estudo,
Sobre os livros, passo absorto,
E digo ao meu desconforto:
«Força e vontade são tudo!»

Este ultimo verso, como se vê, reproduz a idéa predominante com que Mendes Leal faz brilhar na scena o personagem principal do seu drama *Pedro.*

No acto III, scena I, a sergenta Briolanja canta um romance popular para acordar em sua ama, D. Branca, um sentimento, que pretende reprimir; uma paixão, que deseja occultar. Briolanja, serviçal fiel, é uma confidente com quem póde desabafar a joven apaixonada.

BRIOLANJA (Cantando e contemplando Branca)

«Palavras não eram ditas
«El-rei á porta batia,
«Perguntando se a condessa
«É já morta, ou morreria.
«— A condessa não é morta
«Mas está n'essa agonia.
«— Anda, conde, vae matal-a
«Dentro n'uma *Ave-Maria.*»

(Interrompendo-se, levantando-se, e indo corrigir-lhe o penteado)

Como tendes essas flores!
E quem vol-as poz assim? —
Brilha mais entre o jasmim
Rosa córada de amores.

D. BRANCA

Foi Berengueira — Coitada!

Não sabe ! Já não é nova. —
Mas como acaba essa trova ?

BRIOLANJA

Eu vol-a digo acabada :
«Ai ! Jesus ! dobram-n'os sinos,
«Ai ! Jesus ! quem morreria ?
«Morreu-se D. Sylvana
«Pelos males que fazia.
«Descasar os bem casados,
«A quem santo amor unia,
«Era um crime, negro crime,
«E Deus tal não permittia.»
(Ponderando)
A trova diz : «bem casados»
(Suspirando)
Se o fossem mal, a Sylvana
Tendo o conde uma semana
Melhor purgava os peccados.

D. BRANCA (Pensativa)

Era um crime separar
As almas que amor unia,
E Deus tal não permittia !...
Linda trova !

BRIOLANJA (Ironica)

É de encantar !...
Mas não lhe sente o sabor
Quem, por si, tem já sentido
Que trava a fel um marido...
(Fazendo o gesto de fustigar)
Quando não trava a peior.

D. BRANCA (Tristemente)

Em não sendo por vontade,
Mas por força, o casamento,
Acaba sempre em tormento...
E é melhor a liberdade.

BRIOLANJA

Tambem o amor traz engano!
(Á parte)
Tremo sempre, n'este assumpto,
Quando penso que o defuncto
Vivo está, para meu damno.

D. BRANCA

Mas se as almas juntas são
Pelo affecto verdadeiro,
Deseja-se o captiveiro,
E abençoa-se a prisão.
E nem prisão já se chama,
Nem captiveiro ha-de ser;
Porque tem um só querer,
Tendo um só sentir, quem ama.

BRIOLANJA

Como o sabeis, vós, menina?

D. BRANCA (Confusa)

Sei... não sei... Tenho-o pensado.

BRIOLANJA (Maliciosamente)

Pelo vosso desposado
Que de aguardar se amofina?

D. BRANCA (Vivamente assustada)

Não... esse não... Nunca o vi!

BRIOLANJA (Curiosa)

Vistes outro?

D. BRANCA (Ingenuamente)

Quem t'o disse?

BRIOLANJA (Sorrindo)

E esse fez que a alma sentisse
O que pensou... para si?

D. BRANCA (Balbuciante)

Tambem não... sei só que custa,
Sei que me mata esta união...
(Suspirando)
Não se ajusta o coração
Como o contracto se ajusta!

A Afilhada do barão, foi a comedia que Mendes Leal Junior escreveu em mais breve espaço para o theatro de D. Maria II. Nasceu, como temos ouvido poetar — de repente. O auctor o confessa na pequena introducção (tres paginas apenas) com que pouco depois mandou imprimir a peça, em 1851; e que de sobejo abona as suas faculdades inventivas e accentua a sua valia como auctor dramatico.

Na introducção citada escreveu elle:

«Devia-se dar n'um dia solemne, no theatro de D. Maria II, uma linda comedia do sr. Garret a *Sobrinha do Marquez.* Era em 3 actos e não podia, por si só, preencher isto o que se chama fazer espectaculo. Disseram-me que desejavam uma representação toda composta de peças originaes, e, depois de se ter ponderado que seria conveniente uma peça em dois actos, perguntaram-me se me lembrava de alguma. Respondi que me lembrava de escrevel-a. Pegaram-me na palavra. Dois dias depois estava a peça no theatro. Uma analogia fez-me escrever o titulo de *Afilhada do barão,* tambem são as unicas parecenças

que tem com a *Sobrinha do Marquez,* da qual está muito distante em merito.

«Se conto esta anecdota, ninguem pense que é para me desculpar. Cousa é que me aborrece. Ao leitor ou espectador nada importa (e tem razão) que na composição tenha levado muitos ou poucos dias a pensar e escrever. Avalia o que está pensado e escripto, e não é obrigado a mais. Digo isto unicamente para que se saiba que não ligo a esta comediasinha mais importancia do que ella póde ter realmente. É uma obra que nasceu de um titulo, como nascem titulos sem obras; mas que nascem espontanea....

«Escripta, estudada e representada em muito menos de oito dias, tem sido sua vida muito superior á sua origem e ás minhas esperanças.»

XII

Mendes Leal foi nomeado bibliothecario-mór da bibliotheca nacional de Lisboa em 26 de julho de 1850. Tinham sido ali seus antecessores a contar de 1834:

O bacharel Joaquim Larcher, que era prefeito da provincia do Alemtejo, nomeado director da real bibliotheca (denominação que tinha n'aquella epoca), em 25 de fevereiro de 1834, e d'ahi a tres

mezes passou para outra commissão de serviço publico;

Vasco Pinto de Balsemão, que foi director de 8 de abril a 19 de julho de 1834; e bibliothecario-mór d'esta data em deante até 22 de março de 1843, em que passou para a bibliotheca do Porto;

José Feliciano de Castilho, que entrou como bibliothecario-mór em 22 de março de 1843 e saíu em 22 de junho de 1846;

Filippe Ferreira de Araujo e Castro, o qual recebendo a nomeação n'aquella data, declarou seguidamente que não podia acceitar;

Antonio de Oliveira Marreca (ainda ao presente guarda-mór da Torre do Tombo), que foi nomeado em 27 de junho de 1846, mas que só ali se conservou quatro mezes, pois a sua exoneração tem a data de 8 de outubro do mesmo anno;

José Feliciano de Castilho, que foi reintegrado no dia seguinte ao da saída do sr. Oliveira Marreca, isto é, a 9 de outubro de 1846; pediu dois dias depois a sua exoneração, mas conservaram-o até 30 de dezembro de 1847.

De 1847 a 1850 serviu interinamente o conservador mais antigo, Francisco Joaquim Pereira e Sousa, que entrára em 1834 e falleceu a 15 de julho de 1851.

Entrando, como dissemos, em 1850, Mendes Leal não exerceu as funcções de bibliothecario-mór d'esta vez, senão até 21 de maio de 1851, em que o exoneraram, por circumstancias politicas; substituindo-o

José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, cujo diploma de nomeação tem exacta-

mente a data da exoneração dada ao seu antecessor. Barbosa Canaes conservou-se á frente d'aquelle importante estabelecimento de instrucção até o seu fallecimento, occorrido em 22 de novembro de 1857. Oito dias depois, foi novamente chamado Mendes Leal, que sendo reintegrado em 1 de dezembro de 1857, tomou posse no dia 7 do mesmo mez, e ahi se conservou até o fim da vida, posto que com interrupções, em virtude dos variados e altos serviços publicos, a que o chamaram pelas occorrencias e pelos proprios merecimentos [1].

Nos interregnos, serviram o logar de bibliothecario-mór os conservadores, chefes de repartição, bacharel João José Barbosa Marreca (que entrou na bibliotheca em 5 de fevereiro de 1853 e finou-se em 15 de julho de 1862), e Francisco Martins de Andrade (que entrou no mesmo estabelecimento em 31 de agosto de 1836 e falleceu em 21 de outubro de 1878).

Teve Mendes Leal muitas occasiões de saír d'aquelle estabelecimento; mas, apezar de serem inferiores em cathegoria as funcções de bibliothecario-mór com outras mais elevadas, e quasi effectivas, a que subira; e não obstante não auferir por ellas nenhum vencimento, não quiz jámais pedir a exoneração.

Conservava-se affeiçoado á bibliotheca nacional, gostava de trabalhar no seu gabinete, ali amon-

---

[1] O actual biliothecario-mór é o sr. Antonio Ennes, illustre dramaturgo e jornalista, e deputado ás côrtes, nomeado em 16 de outubro de 1886, e tomou posse em 27 do mesmo mez.

toára alguns centenares de seus melhores livros, e alegrava-se de estar com os seus amigos, ali empregados, e seus velhos companheiros, como Silva Tullio, amigo de grande intimidade, de incontestavel e inolvidavel dedicação, e collega nas letras desde a mocidade. Além d'isso, uma parte de seus vencimentos revertia em favor dos funccionarios superiores, que se revezavam para o substituirem durante as suas ausencias, que, ás vezes, foram longas no estrangeiro.

XIII

Em 1858, Mendes Leal colligiu em um volume, para ser impresso pelo conhecido editor Fernandes Lopes (que continuára o *Panorama*), parte das suas poesias publicadas em diversos periodicos, e parte ineditas, sob o titulo *Canticos*, 8.º de mais de 400 paginas, e offerecido a sua magestade el-rei D. Fernando.

Dividira os *Canticos* em tres partes ou livros: I *Lyra*, II *Harpa*, III *Alaude*; e ahi incluiu *A infante de Granada*, e *Christus Rex*, que saíra na *Revista Universal Lisbonense*, em 1848; o *Ave Cesar!* que viera no *Estandarte*, ou em outra folha (1849); *Gloria e saudade*, á memoria de Garrett, que fôra publicada na *Imprensa e lei* (1854); *Flebilis ille!* no anniversario da morte de D. Pedro IV, que saíra no *Estandarte* (1848); e as *Indianas*, *Vasco da Gama* e *Diu*, que tinham vindo no *Archivo Pittoresco*.

Dois annos antes, Rebello da Silva publicava no tomo II da *Revista Peninsular* um dos seus mais formosos artigos de critica litteraria, que dedicava a José da Silva Mendes Leal Junior, sob a denominação de *Poetas lyricos da geração nova.*

Leiamos alguns trechos d'essa apreciação, que era uma justa homenagem ao valor do illustre poeta.

Está, como dissemos, na *Revista Peninsular*, tomo II, de pag. 433 a 452.

Na pag. 437 para 438 lê-se:

«Mendes Leal estima a forma, procura-a, mas não se deixa absorver por ella. O seu verso diz sempre alguma cousa ao espirito e ao coração. Ha nas poesias d'elle canticos que o sentimento catholico de Lamartine não julgaria abaixo de algumas das elegias de *Jocelyn.* Tem estrophes, cujo impeto e pompa, cuja clamyde bordada de imagens fulgentes, tecida com fio de ouro e purpura do estylo arabe, Victor Hugo julgaria dignas do phantastico bando das aladas irmãs, chamadas *Orientaes*...

«Se perguntarmos d'onde procede a musa risonha, enlevada e ligeira umas vezes, pensativa, magoada e religiosa outras de Mendes Leal; se indagarmos a filiação do verso elegante e ornado; do metro harmonioso e viril; d'essa veia que ora é funda como a paixão, ora vae tanto á superficie da vida, como a brisa arraza ligeira o calice das flores, não seria facil marcar de leve as fontes d'onde deriva o seu talento, nem indicar de perto os modelos em que formou o gosto, e castigou o estylo.

«Ouvindo-o suspirar no alaude christão, diriam que desceu dos melancolicos trovadores, cuja endeixa respira com graciosa soltura, isenta dos artificios da fórma. Ouvindo-o celebrar as armas e as conquistas, ou infortunios dos povos, e a lição dos reis, julgar-se-hia que roubou parte do segredo á perfeição classica, e que o seu canto é ainda um ecco de antigos lyricos. No seu verso, terno como os enlevos da alma quando os descreve; altivo e potente como a phrase aberta em bronze dos prophetas quando a suscita; ha tons, ha luz e sombra, acha-se a força unida á graça e á invenção. Para durar o que duram as obras dos mestres falta-lhe só a unidade do desenho, proporções mais amplas no quadro, e aquella tinta forte, que se não come com o tempo, antes se faz bella com a edade.

«Nas suas mãos o instrumento tem dado todas as notas desde o cantico a Deus até o suspiro mais timido do amor. A ideia anima e córa a estrophe, ou se eleve a Christo nas azas da fé, ou suba fulgurante, com os raios do sol, á gloria dos Albuquerques e dos Gamas...»

Na pag. 439:

«Se applicarmos a analyse ao systema poetico de Mendes Leal, acharemos no verso, nos metros e na phrase, mais uma recordação feliz da escola portugueza. Lendo-o, sente-se algum sabor da arte classica, e ao mesmo passo o fino e agradavel picante dos cantores a quem os homens da prosodia alatinada e do compasso horaciano chamavam barbaros.

«No seio da verdadeira originalidade da phrase,

que ha em muitos trechos do poeta, e acompanhando-o das transições juvenis á expressão actual, é possivel caracterisar os elementos da apropriação successiva, e descobrir o laborioso tecido do estylo, a reflexão proveitosa dos bons modelos.

«A sua harmonia e o seu impeto lembram o fogoso Bocage, a firmeza do contorno e o cunho da idéa recordam Filinto, mas com a melodia que pouco o favoreceu. Na vaga tristeza de algumas estancias, na singeleza de alguns toques, presentem-se uns longes de Bernardim Ribeiro; no relevo da pintura descriptiva e na perspectiva mimosa de certos paineis passa como um sopro das eglogas de Quita, do tom engraçado e puro de Rodrigues Lobo...»

Na pag. 441:

«Mendes Leal achou a revolução feita, e os dois chefes (Garrett e Herculano) ainda encostados ás armas que lhes tinham dado a victoria. Estava-se no calor do enthusiasmo, os idolos proscriptos arrastavam comsigo na queda os melhores paineis dos seus templos; e a plebe de imitadores em ode a Apollo ameaçava queimar os primores da lingua e da poesia, quasi não perdoando a Filinto nem a Bocage!...

«Mendes Leal, mesmo lançando-se nos braços da revolução, conservou a familiaridade antiga com os amigos da adolescencia. Deixando clamar os arruadores, continuou a tratal-os com respeito como velhos e sabios conselheiros...»

Na pag. 442:

«A experiencia e a madureza ensinaram-lhe a arte difficil de apropriar com originalidade os the-

souros das linguas mortas e das litteraturas modernas. Na admiração do bello, na contemplação da vida e da natureza, e no enthusiasmo pelas glorias do seu berço, achou os suspiros, os hymnos, e a ode fulgurante, que ás margens do Tejo levantou em carme digno da harpa de Manzoni. O *Cinque Maggio*, uma das paginas admiraveis d'este seculo, não envergonha o *Ave Cesar!*»

Agora abrâmos o livro dos *Canticos* e apresentemos as amostras de algumas das melhores poesias n'elle contidas. As que seguem são do livro II:

Avè Rex *(Pag. 183)*

Ante o berço de um Deus, pae da egualdade,
Me prostro, grave e mudo.
Salvè aurora christã da liberdade:
Bethlem, eu te saudo!

Rojo a fronte no pó, que ali desponta
O sol da Redempção;
Adoro a Luz, que apaga a eterna affronta
Do legado grilhão!

Cantae, vozes do mar, vozes da serra,
Um cantico profundo.
Eis o Senhor! Jesus nasce na terra,
No céo renasce o mundo!

Cura aos homens, Jesus, nova ferida
De nova escravidão;
Que, em vez da antiga mácula remida,
Ficou-lhes a ambição!

Christus Rex *(Pag. 185)*

Eil-o. Ao Golgotha vae, suando em bagas
O orvalho da agonia:
Pelos rabidos labios de cem chagas
Proclama o novo dia.

A purpura real leva cingida
Por derradeira affronta;
Sobem-n'o á cruz; despede-se da vida,
E a liberdade aponta!

Partiram-se as algemas n'este empenho
Á humanidade inteira;
É o Horto pedestal, é haste o lenho
E a purpura bandeira!

É bandeira que, esplendida volteia
No pincaro sagrado;
É o symbolo, o mysterio, a santa idéa
Do mundo resgatado!

Avè, Christo, Christo rei,
Que, no throno da montanha,
Á custa de dôr tamanha
Proclamaste a nova lei.

....
....

O signal da Redempção
Déste no transe supremo,
Que exemplo! Teu brado extremo
Foi um brado de perdão.

....
....

Que importa, no holocausto venerando
Das seitas o clamor?

Irá no pó dos seculos medrando
   O verbo do Senhor.

....

Surrexit! *(Pag. 189)*

Reinam trevas. Da meia noite as horas
Gemebundas no bronze susurraram.
Deserto o templo está. Santo silencio
É este, que domina temeroso
Na casa do Senhor. Pallida e triste
A baça luz da lampada soturna,
No denso ambiente agonisando anciada,
Em subitos clarões intermittentes
Quasi finge suspiro derradeiro
Do homem que vae morrer...

....

Acaso um tumulo não vejo
Lá no extremo da nave tenebrosa?

....

Quem jaz ali?...
                    Refulge subitaneo
De viva luz, de immensa claridade
O rosto ao cherubim. Celestes córos,
Suspensos os sentidos, arrebatam
O coração. Os angulos do tumulo
Raios lançam, que cegam deslumbrando.
A pedra sepulchral partida estala
Lume vivo golphando...
                          É elle, o Eterno,
O Homem Deus, o Martyr da montanha,
O Filho de Judá, o Desejado,
O cumpridor das altas prophecias,
O Rei dos reis, a magestade summa,
O Pae, o Redemptor, o Mestre — Christo!

Faces no chão, mundanos! Joelho em terra
Homens vaidosos! Universo, exulta;
Humilha-te ao teu Deus!
Vêdel-o? Surge
Em toda a pompa, em toda a magestade
Da sua eterna gloria. Ó natureza,
Entôa-lhe os teus hymnos mais festivos,
Murmurae-lhe, ó ribeiros da planicie,
O canto triumphal; aves, trinae-o;
Sussurrae-o, florestas...

....

... Allumiae-o, estrellas.
Astros do céo, bordae-lhe o seu caminho.
Curvae-vos, gerações, e respeitosas
Sumi no pó as frontes orgulhosas!

....

Resuscitou o Eterno! A gloria sua
Enche os mares e o céo, inunda a terra,
Cobre todo o universo, e ao proprio abysmo
Um raio manda a consolar piedoso
Quantos podem ser inda consolados.
O Eterno resurgiu! Para acolhel-o
Abrem-se os céos, como Elle abriu seus braços
Nos tratos do Calvario á humanidade!...

....

A pompa triumphal succede ao luto
E a filha de Sião, a branca virgem
Da cidade sagrada, troca em risos,
Em cantos festivaes as lacrimosas
Doloridas canções. Assim triumpha
De seculos, de loucos, e de incredulos, —
E de ingratos tambem, — a nobre crença
A fé pura da cruz! Assim aos tempos
De atroz perseguição e de desterro,
De dôr chorada em trevas, de mil penas,
De funda magoa, e tratos, e tormentos,

Succedeu bonançosa a quadra amena
Da victoria, da paz e dos seus fructos :
O protesto dos justos é qual era,
O Evangelho venceu, a Cruz impera.

E o cherubim, que o tumulo guardava,
Permaneceu no mundo á voz do Eterno
Para o velar sem fim; que n'esse tumulo,
Vestibulo dos céos, ficou patente
De Christo, Martyr e Deus, a extrema herança,
O thesouro dos homens, a esperança!

Ao reverendo Malhão, orador e poeta [1] *(Pag. 197)*

Ao mavioso cantor, illustre herdeiro
D'uma esplendida lyra,
Saúda, curvo e humilde, um forasteiro,
Que respeitoso o admira!

Tu excitas o transporte,
Eu sou simples trovador;
Mas fez-nos irmãos a sorte
Que nos deu o mesmo amor.
Deixa pois que o peregrino,
Bemdizendo o seu destino,
Teus humbraes logre passar.
O rico ao pobre consola:
Do teu espirito a esmola
Como pobre vou buscar.

Salvè, nobre cultor d'um nome illustre,
Que de loiros revestes;
Tu mudas, sobre as glorias do passado,
Em palmas os cyprestes.

....

[1] A estes versos respondeu logo o esclarecido padre Silveira Malhão com outros, mui lisongeiros para Mendes Leal. São datados da sua casa de Obidos.

Alvos lyrios do pocta
Que de cousas não dirão?
Que brando affecto a violeta!
Que negra magoa o chorão!
Como as nevoas matutinas
Sobre o calix das boninas,
Mil diamantes irão pôr,
Tornando, d'esta maneira,
Uma flôr cada balseira,
Uma estrella cada flôr!

Tu indagas do tumulo os segredos
E com elles discorres,
Quando, ao luar, vacillam nos rochedos,
As arestas das torres!

....
....

Vasto o espirito domina
Sobre os rôtos corucheos:
E das flores da campina
Se arremeça livre aos ceos.
Quem tal gosa e tanto sente,
No passado e no presente,
Póde acaso d'um mortal
Attender ao voto insano?
Póde: um vate é sempre humano
Mesmo n'esse pedestal!

A Pereira da Cunha *(Pag. 203)*

Ai! peno tambem, qual penas,
Da patria as chagas fataes;
Qual as choras, choro as scenas,
Que d'irmãos fazem rivaes.
Nas rubras veigas, tingidas
D'uma hecatomba de Atridas,
Dobre os joelhos com fervor,
A carpir, de egual gemido,

As derrotas ao vencido,
O triumpho ao vencedor.

Mas se a furia tormentosa
Das soltas, bravas paixões,
Faz que terra tão mimosa,
Sulque o ferro das facções;
Se o rancor, faminto e vario,
Profanando este sacrario
D'um solo, benção do ceo,
Faz que o filho desvairado
Manche as mãos no sangue herdado,
Sobre o seio que lh'o deu;

Se um povo, outr'ora de amigos,
Povo de tigres se fez,
Se a gloria e os brios antigos
Se esqueceram d'uma vez,
Choremos; mas, alto o rosto,
Cada qual em bando opposto
Siga recto o seu pendão,
Sem paixão, sem mutua offensa,
Rivaes talvez pela crença,
Irmãos pelo coração.

Sim, amigo; o nosso encargo
É de brandura, é de paz;
Se aos olhos se faz amargo,
O coração doce o faz.

....
....

Se porventura algum dia
Ás nossas juras fieis,
Nos toparmos na porfia,
Nuas as armas crueis,
Esquecendo a pugna irada.
Passarei á esquerda a espada,
E, dando-te a mão leal,
Bradarei: «os odios calem:

Paixões do mundo não valem
O que este abraço só val!» [1]

Abd-el-Kader *(Pag. 209)*

Do christão os frouxos hymnos
N'este ouvido morrer vem,
Como os cantos femininos
Das molles noites do harem:
Nem de glorias, nem de amores
Sonha sequer os ardores;
Não lhe accende o coração
Este sol, que, se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chamma,
Faz cada peito um vulcão.

De amor fallei? Tal fraqueza
Vence o guerreiro do Islam:
Foge á perfida belleza,
Vê na mulher sua irman.

---

1 Esta peça poetica, ou poemeto, compõe-se de sete quadras e seis decimas. Foi escripto em Vianna do Castello, solar da familia do sr. Antonio Pereira da Cunha, e respondia a outra composição d'este illustre poeta e dramaturgo. Corria o anno 1847 e acabára a lucta civil, em que os dois eminentes escriptores se encontraram em campos oppostos; um, Mendes Leal, obedecendo ao governo da rainha D. Maria II, que o nomeára para aquella villa; e o outro, Pereira da Cunha, conservando-se fiel á alliança, que o grupo politico, a que pertence, fizera com o governo da junta revolucionaria do Porto. Em uma nota, o auctor dá a seguinte explicação:

«Em 1847, o sr. Pereira da Cunha e o auctor acharam-se n'uma situação ardua para ambos. Seguira cada um o partido a que tem constantemente permanecido fiel; e esses partidos encontravam-se no campo, em armas, e como inimigos. Ambos exerciam delegações importantes, e ambos militavam activamente sob contrarias bandeiras. Eram severas as instrucções que o chefe administrativo recebia da côrte, e o officio do seu general, com relação aos grupos insurreccionados. Não seriam menos porventura as que os cabos da insurreição communicavam aos seus immediatos. Apesar d'isso, o sr. Pereira da Cunha e o auctor nem faltaram á amisade, nem trahiram os seus juramentos. É-lhe suave recordar agora este lance consolador, deplorando os desvarios de uma epoca lutuosa, que espera em Deus se não renove.»

Sente o amor? No amor impera.
Almas que o ferro tempera
Podem quebrar, não ceder;
Não acceitam jugo ou laço,
Querem livres ter o braço,
E livres querem morrer.

Em quanto a lei odiada
Reger em terras de Agar,
Nenhum de nós tem morada
Nem chão, nem tribu, nem lar.
Traça a longa carabina,
E largando na campina
O corcel, que ardendo está,
Traz sempre, erguido ou por terra,
Na mente um só voto: a guerra!
Na boca um só nome: Allah!

....

Eil-o, ainda nos céos erguido
O signal da nossa fé,
Errante e sempre temido,
Proscripto e sempre de pé.
N'esta sagrada bandeira,
Nossa esperança derradeira,
Ninguem mais ouse pôr mão:
E, se eu cair na batalha,
Sirva-me inda de mortalha
As dobras do meu pendão. [1]

A visão de Ezequiel *(Pag. 143)*

Vendo estaes um valle, aberto
Entre rochas a tombar;

[1] Esta composição, que foi muito popular no seu tempo, comprehende nove decimas, nove sextinas e duas quadras. Tem a fórma dramatica, entrando dois personagens, o celebre emir Abd-el-Kader e um official.

Secco e nú, triste e deserto,
Da montanha até o mar.
E o mar levanta-se afflicto;
Corre-lhe o funebre grito
Pelos eccos do infinito,
Longe, mais longe, a soar.

E o raio fulge e rebenta;
E o despedido vulcão
Sobre as azas da tormenta
Tinge de fulvo clarão
A espuma da vaga alçada;
Qual, de chammas boriçada,
Ignea juba afogueada
D'um phantastico leão.

E o propheta entre as agruras
Pára, sente, ouve, a tremer,
Os ossos e as sepulturas
Debaixo dos pés ranger.
E as ossadas alvejantes,
Passados poucos instantes,
Alevantam-se oscillantes!
E o Senhor diz-lhe: «Vem vêr!»

....
....

Não mente, não, não mente a prophecia:
A visão do propheta foi cumprida!

Agonisava o mundo. O filho do homem
Condemnado ao nascer, nascia á culpa.
Era a terra um exilio sem esp'rança,
Que as esp'ranças mirravam-se no berço.
Era a vida um supplicio. Além da vida,
Incerteza, negrume, o nada, o cahos;
Outro cahos peior! Além da morte,
Para sempre: dizia a Eternidade!
E o abysmo repetia: para sempre!

Tal como Ezequiel erectos vira,
Rotas as campas, os mirrados ossos,
E outra vida viverem; tal de Christo
O duplo sacrificio. Dupla vida
Aos homens restitue. A Eternidade
Cinge-os nos braços amorosa e leda:
Viviam para a morte: mortos, vivem!

O martyrio do Golgotha sublime
Propaga os fructos seus...

. . . .

Adorar o lenho vamos;
O berço vamos saudar:
N'um d'elles a morte achamos,
Para n'outro a vida achar.
O Christo, que nos soccorre,
Se nasce n'um, n'outro morre:
Morre e vive d'uma vez!...
Para ser unico exemplo,
D'um tugurio fez um templo,
D'um madeiro um mundo fez!

No livro III pôz Mendes Leal alguns trechos saudosos, cantos heroicos, de energia e valor poetico, sobresaindo a todos um, que, quando appareceu a primeira vez, foi transcripto na maior parte dos periodicos, citado repetidas vezes, e traduzido na Italia. Referimo-nos ao *Ave Cesar!* poesia dedicada á morte do rei Carlos Alberto, o qual, depois do desastre de Novára, se refugiou em Portugal e veio aqui morrer. Algumas estrophes são firmes, energicas e povoadas do mais profundo sentimento pelas desgraças que então affligiam a Italia.

Transcrevamos as seguintes estrophes do *Ave Cesar!*

Ave Cesar! *(Pag. 327)*

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade ;
Eil-o no extremo leito ! Á humanidade
O tributo pagou !
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou !

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,
Foi-lhe rota bordão de peregrino
Essa espada leal !
Hoje é cruz ! Do aço puro a cruz só resta.
Sentinella da campa, ao mundo attesta
Que o heroe era mortal !

Os Œdipos de um drama incerto e vario
Talharam-te na purpura o sudario
Deixaram-te ermo e só !
Salve, ó rei ! Rei no solio e no abandono ;
Mais rei no exilio, do que os reis no throno:
Rei até sobre o pó !

....

O calix já trasbordava :
Bebeste-o. Foi Deus que o quiz !...
Deu a vida á Italia escrava,
E a sua alma ao seu paiz.
Não dobra a fronte suprema :
Impondo o pé no diadema
Dos estranhos foge á lei,
E, holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei !

Foi longa aquella agonia !
Foi curta aquella afflicção !
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração.

Entre as balas despedidas,
Entre as phalanges caidas,
Ficou, tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha,
Que, da tormenta na sanha,
As selvas prostradas vê!

Pela Italia, Hespanha e França
Depois, calado, galgou ;
E por momentos descança
Onde o mundo lhe faltou !
Chega, observa, scisma e pára.
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

....

Salve, salve, ó magestade
Moribunda a succumbir!
Como o espinho da saudade
Te havia fundo pungir !
Como o homem soffreria
Do monarcha na agonia !
Longe do que era tão seu,
Da esposa e filhos briosos,
E dos campos seus formosos,
E do seu formoso ceo !

— «Patria, adeus ! Italia minha,
«Oh ! terra que tanto amei !
«Se não te fiz ser rainha
«Não quiz mais tambem ser rei !
«Adeus, margens do Tessino,
«Sentença do meu destino !
«Adeus, povo que escolhi ;
«Sê tu justo, e livre e forte,
«Possa dar-te a minha morte
«O que em vida não venci !

Assim diria: c, lançando
Os olhos em de-redor,
E vendo afflicto e chorando
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentara:
— «O soldado de Novara
«Morre contente afinal,
«Morre ao ecco das batalhas
«N'este berço de muralhas
«Que fez livre Portugal!»

O poeta commemora um anniversario da morte de Almeida Garrett dedicando-lhe uns versos, em que compara o nosso grande cantor do seculo XIX com o sublime cantor dos *Lusiadas*. Lê-se tambem esta poesia no livro III, sob o titulo

Garrett e Camões *(Pag. 349)*

Dão-lhes, prostrados, mais augusto vulto,
Porque a historia os resgata do abandono;
E as gerações lhes fazem, para culto,
Do tumulo um altar, da campa um throno.

Do tempo a onda, na voraz procella,
Não n'os cobre dos rolos fugitivos:
Cresce, elevando-os para Deus com ella,
E, mais perto do sol, brilham mais vivos.

....

Garrett é d'estes! Vivido suspira
O espirito nas azas da memoria:
Não morre o canto onde sôa a lyra,
Não morre o nome onde vive a gloria.

E vive! A flor d'um povo egregio o acclama,
Pondo-lhe aos pés o loiro inda virente,

E a patria ingrata do cantor do Gama,
Remindo o seu passado, honra o presente.

Não vêdes os dois genios abraçados ?
Um rijo e austero, como o arnez que veste,
Sizudo o outro, como os seus cuidados,
E ambos cingindo as c'rôas de cypreste ?

....

Bradae-lhe vós, que ahi seu genio inspira,
Clamae-lhe vós, que honraes sua memoria :
«Não morre o canto onde vibra a lyra,
«Não morre o nome onde vive a gloria !»

O livro I dos *Canticos,* que encerra as composições lyricas, as vozes amorosas e risonhas do poeta, varias imitações do francez, é a parte menos valiosa d'esta obra. No entretanto, alguns trechos são apreciaveis e entre elles citaremos os *Suspiros de abril.*

Copiamos as seguintes mimosas estrophes :

Suspiros de abril *(Pag. 23)*

Minh'alma, toda amor, em vão comprimo,
Debalde os males meus escondo attento :
N'este pego fatal, o meu tormento
    Nadar vem sempre ao cimo.

....

É todo fogo o meu peito,
A minha alma é toda amor ;
Solitaria é minha vida,
Incessante a minha dôr.

Se Abril os prados matisa,
Nos prados tormentos vejo:
Mudas as flores se entre-amam...
E eu... só tenho o meu desejo!

Se, tristemente sorrindo,
Enche a lua magestosa
De vaga ternura as almas,
Os campos de luz saudosa:

Eu, magoado e pensativo,
Conto as estrellas do céu;
E conto as ancias ferventes
Do profundo peito meu!

....

Meu coração era um vaso
Tão puro, tão precioso!...
Verieis d'alma por elle
O reflexo luminoso.

Abundante amor sincero,
Em nobres peitos vulgar,
E mil affectos sem nome
O enchiam a trasbordar.

Mãos profanas m'o partiram:
Roto está, tudo entornou ;
Até a propria esperança
Pelas fendas se escoou!

E comtudo talvez não merecesse
Desgraça tão cruel ; talvez minha alma
Fôra digna de amor egual ao d'ella!
Ai! prados verdes, campos matizados,
Sombras da tarde, estrellas pudibundas,
Minhas socias de amor! ai! trevas meigas,
Da noite amena! quantas, quantas vezes
No vosso recatado, occulto seio,
Meus prantos derramei quasi em delirio!

E, quantas, leve aragem que gemia
Nos laranjaes do valle, pelo espaço
Meus suspiros levou, que vinham d'alma !
E quantas mais, sentado, pensativo,
Na alameda da encosta, em rude pedra,
Á beira da corrente inquieta e funda,
Quantas — olhos no céu e mão na face —
Contei ao campo, aos astros, aos fraguedos
As ancias que no peito não cabiam !

....

XIV

Mendes Leal acolheu sempre com o mais vivo enthusiasmo a idéa do engrandecimento e da independencia da patria. Assim, quando se tratou da creação, por eleição popular, da commissão Central Primeiro de Dezembro de 1640 (da qual partiu muitos annos depois o projecto e a conclusão do monumento aos restauradores), foi dos primeiros em subscrever a proposta dos iniciadores d'essa commissão e não os desamparou com o seu conselho ; e quando o governo imperial da França, por causa da questão do aprezamento da barca *Charles et Georges,* veio com uma esquadra ás aguas do Tejo tomar aquella embarcação e offender a gloriosa bandeira das quinas, humilhada e aviltada por um acto de despotismo, injustiça e força, o homem publico soltou a sua voz vibrante e eloquente nas côrtes contra a prepotencia do governo francez de então e o poeta deixou á ener-

gia e ao sentimento da sua musa vingar o insulto á nação.

D'ahi nasceu o *Pavilhão Negro* (1859). É um poemeto formosissimo. É das composições mais vigorosas, depois do *Ave Cesar!* que devemos ao illustre vate. Na introducção a esta poesia escreveu que ella era «como um desafogo da musa nacional; que não ficára em silencio a lyra deante do ultrage á patria; e que não havia que estranhar que as grandes violencias provocassem o brado e a queixa dos opprimidos.»

Explicava melhor a sua idéa, accrescentando:

> «O auctor, em quem vive intenso e ardente o amor da sua terra, protestou já por todas as fórmas ao seu alcance contra o abuso da força que pôz aos pés o direito.
>
> «Fel-o como publicista nas columnas dos jornaes. Fel-o como deputado na tribuna do parlamento.
>
> «N'uma e n'outra parte porém o sentimento da responsabilidade collectiva lhe prendia os vôos e lhe reprimia os impulsos.
>
> «Aqui é só e livre. Não compromette nenhumas conveniencias, nem prejudica nenhuma camaradagem. O poeta responde por si a Deus e á sua consciencia.
>
> «Pois que nenhum outro se encarregou de pagar esta divida, onde tantos melhor o poderiam fazer, agora a desempenha o auctor, esperando que lhe seja levada em

conta para supprir a valia do canto a sinceridade do desejo.

«A França e o seu governo resgataram já nobremente aos olhos da humanidade a protecção dada á denominada *colonisação*. O decreto que a revoga é o reconhecimento da nossa justiça.

«Para honra do imperio, aos olhos do mundo, será tempo ainda. Para nós foi tarde, porque o acto de coacção estava consummado.

«Portugal padeceu a affronta pela causa santa da liberdade e da humanidade. Os mesmos que lh'a imprimiram confessam nos concilios da Europa a sem-razão dos seus procedimentos.

«Deve ser licito ao genio da patria exprobrar todos os vilipendios sem offender nenhuma gloria!»

Eis as principaes estrophes d'este poemeto:

O pavilhão negro

A PORTUGAL E AOS PORTUGUEZES

Lá vem as naus da França! — Magestosa
Cada qual traz no tope a gloriosa
Bandeira das tres côres!
As mesmas sam, que outr'ora, entre os ardores
Da batalha que deu a gran-cidade,
Raiaram, augurando maravilhas,
Nas rendidas ameias das bastilhas
Como um íris no ceu da liberdade!

. . . .

As mesmas côres sam, e sam amigas!
Se não bastassem relações antigas,
Disse-o voz que não mente;
Que não póde mentir; porque o potente
Se dissimula mais affronta o pejo.
Esse emblema que diz? Fraternidade.
É da França, ha-de ser da humanidade.
Bem vindo pois. — Salvae, torres do Tejo!

Salvae, torres, essa gloria
De tantas glorias herdeira!
Guarda a tricolor bandeira
Dos lyzes pura a memoria
Nos braços da mesma fama;
E os velhos falcoens do Gama
Podem, sem zelos, saudar,
Compassados trovejando,
O pavilhão venerando
De Duquêsne e de Jean Bart!

Salvae! — Tambem nós contâmos
Nobres datas celebradas,
E ás nossas palmas passadas
Recentes louros junctâmos.
Roto, mas não abatido,
Mostrar podemos erguido
O pendão, que ondea aos ceus
Estrellado de metralha...
E nos fustes da Batalha
De Talavera os tropheos!

O mesmo facho allumia
Da chamma da heroicidade
Tanto a joven liberdade
Como a velha monarchia.
Aqui sam gémeas. Preclaros
Dos laureis de Montes-Claros
Brotam do Porto os laureis:
Engastou a mão da historia
As joias da nossa gloria
Na c'roa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro
Não desdiz dos seus passados
Nos impávidos soldados
Do Bussaco e do Vimeiro!
Salvae, torres! E, se acaso
No parapeito já raso
O tempo os bronzes fundiu,
Assestae em taes apuros
No resto dos vossos muros
As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas
N'algum recanto sombrio,
Onde, co'o raio já frio,
Jazem na inércia ignoradas.
Nos rudes braços valentes
Ham-de trazel-as contentes
D'esses vãos dos arsenaes
Nossos bravos mareantes:
Elles sabem como d'antes
As manobravam seus paes!

Ao arrogante estampido
Das possantes caronadas
Pelas boccas inflammadas
Responda o immortal ruido
De tres seculos de gloria!
Gravada tem a victoria
Os decrépitos canhoens
Que, ovantes de praia em praia,
Renderam Goa e Cambaya...
E a que deu fogo Camoens!

Salva, Belem, sentinella
Solitaria do Restello,
Padrão glorioso e bello
Da nossa edade mais bella.
D'essas rendadas ameias
Espreitas as vellas cheias
Dos galeoens d'além mar?
Não; que o teu vulto guerreiro

Ficou só. Mas o estrangeiro
Ha-de inclinar-se ao passar!

Ergueu-te ahi, monumento,
O braço que o ignoto Oriente
Deu ao mundo de presente
Co'o sangue que é teu cimento.
Para que a data ficasse
Esculpiu-te sobre a face
O rijo ferro de Ormuz. —
Brasão que inda assombra as eras, —
As quinas sobre as espheras,
E por cima... só a cruz!

....

Porém que vejo! Presumo
Que me illudiu a esperança.
Não sam as côres da França:
Negro é esse pavilhão!
Negro, — não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos, —
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa
Que a águia, vôando ferida
No pundonor ou na vida,
Venha cahir sempre aqui?
O negro, côr luctuosa,
É dos mortos attributo...
Pois se a França está de lucto,
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Ha poder que inda se afoite
Contra a razão, contra a lei?
Haverá... Deus o proteja!
Estam co'o fraco a verdade
A justiça, a liberdade,
Os seus fóros e o seu rei.

Para a aguia imperial, que erguêra o seu alto vôo sobre um povo brioso e pacifico, calcando o seu nobre orgulho e a sua justiça, cumpriu-se a prophecia do egregio vate lusitano.

Quando essa aguia porém se voltou irada para outra, mais poderosa e mais feliz, caíu esmagada, não com a nação, que não podia morrer; mas com a sua soberba, que a vilipendiára!

XV

Tinham vivido, desde muitos annos, na mais franca, sincera e affectuosa intimidade, as familias Biester, Altavilla, do general Maia, do conselheiro Barcellos, e do conselheiro Duarte Cardoso de Sá, formando roda com ellas o general e estadista José Jorge Loureiro, o general Bravo, o professor Francisco da Fonseca Benevides; o advogado bacharel João Carlos Massa, que trouxera boa fama de Coimbra, como poeta e como jurisconsulto; o poeta e dramaturgo Silva Leal, Custodio Manuel Gomes, Antonio Maria Gomes, o medico Rodrigues da Camara, o capitalista Vianna Pedra, o procurador geral da fazenda conselheiro Simas, e outros.

Os chefes da familia Biester, apezar da sua origem allemã, lembrando-se do que passaram, por seus sentimentos liberaes e por sua dedicação á causa do imperador D. Pedro IV, na affli-

ctiva e sanguinolenta época de 1828 a 1834, sempre mantiveram as melhores relações com alguns homens publicos dos mais distinctos e gostavam de os vêr brilhar nas palestras politico-litterarias da sua casa.

Entre 1851 a 1858, Mendes Leal entrava egualmente nas reuniões mais selectas d'essas familias, e era estimado e venerado. Conversando com facilidade e graça, discutindo com cordura, revelando erudição sem pedanteria; poetando com encantadora espontaneidade, com bons ditos e anecdotas historicas a proposito, junto d'elle discorriam as horas sem que ninguem pensasse que o relogio devia marcal-as.

N'essas assembléas, que se dissolviam n'uma noite e se repetiam n'outra, deixando as mais gratas recordações; que eram mais espaçadas, que depois se foram amiudando e se tornaram quotidianas, Mendes Leal cortejou, no mais fervoroso e nobre enlevo, a sr.ª D. Rosa Biester, filha predilecta do sr. Frederico Biester, honrado negociante da praça de Lisboa e de D. Maria da Luz de Athayde (ambos fallecidos); e irmã de Ernesto Biester (tambem fallecido), fecundo dramaturgo, que tantas peças, algumas de muito boa contextura, deu para o theatro nacional; e do sr. Frederico Biester, successor de seu pae na classe commercial, e herdeiro de suas virtudes domesticas e publicas.

Essa illustre dama, cujas delicadas prendas do coração podem aquilatar-se com os dotes da intelligencia, robustecida e aprimorada n'uma educação esmeradissima, quiz ligar o seu destino ao

do mimoso poeta e ser-lhe companheira dedicada e inseparavel.

Justo o seu casamento, foi celebrada a ceremonia nupcial, na parochia do Sacramento, d'esta cidade de Lisboa, no dia 28 de novembro de 1858.

O poeta contava desde então mais um triumpho. O triumpho no lar!

Com aquella companheira, a eleita do seu coração, podia julgar que encontraria, ao seu lado, em todos os incidentes da vida publica, em todas as contrariedades de uma carreira, que ainda ía conquistando palmo a palmo, por entre espinhos e flôres, quem lhe désse conforto em todos os lances, quem não augmentasse as suas tristezas, quando as pudesse ter; quem, emfim, suavisasse as horas do desalento com os affectos e alegrias domesticas.

E não se illudiu jámais!

XVI

Mendes Leal entrou na vida parlamentar logo depois da revolta capitaneada pelo marechal Saldanha, que triumphou sob o nome de «regeneração».

Os seus amigos conseguiram que elle fosse eleito pelo circulo de Beja para a legislatura de 1851–1852; mas alguns dos adversarios politicos, prevendo, com razão, que teriam ante si no illustre jornalista um batalhador para temer, e que por

isso deviam afastal-o das lidas parlamentares, na occasião da constituição da camara (janeiro de 1852) puzeram de lado o parecer ácerca da eleição de Mendes Leal, sob pretexto de que lhe faltava o censo, prescripto na lei, para elegivel.

Passados dias entrou em discussão esse parecer, o diploma foi approvado em 20 do mesmo mez e o novel deputado prestou juramento e tomou assento em 21.

Desde então até 1871, em que passou para a camara dos dignos pares, entrou na camara legislativa oito vezes:

Na legislatura de 1858–1859 foi eleito pelo circulo da Feira, e sendo approvado o seu diploma em 18, prestou juramento em 21 de junho de 1858.

Na legislatura de 1861–1864 foi eleito pelo circulo de Mafra, e sendo approvado o diploma em 29 de maio, prestou juramento a 14 de junho de 1861. Em fevereiro de 1862 perdeu o logar de deputado por ter sido chamado aos conselhos da corôa; a camara, em 17 de março declarou a vacatura, e, em conformidade da lei, foi novamente apresentada a sua candidatura pelo indicado circulo. Saiu reeleito em abril e prestou juramento em maio.

Na legislatura de 1865, recebeu tambem os suffragios pelo circulo de Mafra, e sendo approvado o seu diploma em 9, prestou juramento em 16 de janeiro de 1865.

Na legislatura de 1865–1868, teve que apresentar a sua candidatura por um dos circulos de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel), n.º 162; e

sendo-lhe approvado o diploma em 12, prestou juramento em 26 de agosto de 1865.

Na legislatura de 1868–1869, apresentada de novo a sua candidatura na ilha de S. Miguel, foi eleito pelo segundo circulo, n.º 163, de Ponta Delgada; e sendo-lhe approvado o diploma em 19 de maio, prestou juramento a 8 de junho de 1868. Em 4 de janeiro de 1869 elegeram-o, em lista quintupla, para a presidencia, e foi nomeado por decreto de 7 do mesmo mez. Declarou, porém, resignar aquellas funcções (conjunctamente com o vice-presidente e os primeiros secretarios e vice-secretarios), em 15 de janeiro. Egual declaração fizeram no dia 18 os restantes secretario e vice-secretario. A camara foi dissolvida em 23 do mesmo mez.

Na legislatura de 1869–1870 foi eleito pelo circulo n.º 99 de Ponta Delgada, e sendo approvado o seu diploma em 7 de jnnho de 1869, prestou juramento no mesmo dia. Perdeu todavia o logar na camara por ter sido novamente chamado aos conselhos da corôa, e apresentando-se a sua candidatura pelo mesmo circulo n.º 99, declarado vago, saiu reeleito. Foi approvado o seu diploma em 8 de janeiro de 1870, e prestou juramento no mesmo dia.

Na legislatura de 1870–1871 saiu pelo mencionado circulo n.º 99, Ponta Delgada, teve e diploma approvado em 4, e prestou juramento em 14 de novembro de 1870.

Na legislatura de 1871–1874 foi tambem eleito pelo circulo n.º 99, e sendo approvada a sua eleição em 2 de agosto de 1871, não se apresentou

na camara. Em dezembro do mesmo anno era nomeado

Par do reino (a carta regia da nomeação tem a data de 28 de dezembro de 1871).

XVII

Parece-nos que as duas obras originaes mais trabalhadas com que Mendes Leal enriqueceu o theatro portuguez, e que constituem, pelo assim dizer, o ultimo periodo da sua grande actividade como dramaturgo, são o *Egas Moniz,* drama em seis actos, e os *Primeiros amores de Bocage,* comedia em cinco actos.

O drama foi escripto em 1861 para entrar em um concurso, e ganhou o primeiro premio, conferido pelo conselho dramatico, de que faziam parte cinco membros da academia real das sciencias e dois auctores dramaticos, além do commissario regio no theatro de D. Maria II e do inspector geral dos theatros.

N'esse concurso entraram sete peças. O conselho entendeu que tres não eram dignas de apreço, em vista do programma; que a uma *A inauguração da estatua equestre,* do sr. Costa Cascaes, apesar de ser trabalho historico mui consciencioso e com boa linguagem, faltavam certas condições essenciaes para a scena; e que a duas deviam ser conferidos os premios: o primeiro de 400$000 réis ao drama *Egas Moniz,* de Mendes

Leal; e o segundo, de 200$000 réis, ao drama *Abnegação,* de Ernesto Biester.

A respeito do *Egas Moniz,* o conselho dramatico deu o seguinte parecer:

«O estylo correcto e aprimorado d'esta obra é a primeira qualidade que n'ella se avantaja. Grata ao ouvido, e deleitosa ao espirito, a linguagem é quasi sempre amena, tornando-se por vezes tão elevada e nobre quão nobre e elevada é a acção do drama. Os caracteres são reproduzidos com extrema fidelidade, e agrupam-se artisticamente no quadro dramatico, em perfeita harmonia com os accessorios que os cercam; revelando-se no complexo d'esta composição, indagações profundas da nossa historia, minuciosos estudos archeologicos, e primores de estylo. A acção que, por ser historica, mal podia subordinar-se á fantasia do poeta, acompanhando-a nos seus vôos, passa austera e grave, animando aqui e alli os personagens; despertando entre elles pensamentos nobres, sentimentos elevados; e dando origem a lances do mais acrisolado patriotismo.

«Com estes fundamentos, o conselho entendeu que o drama *Egas Moniz,* é uma producção esmerada e conscienciosa na sua contextura, e correcta na fórma, parecendo-lhe comtudo que o rigor historico, que, sem duvida, aconselhou ao auctor a introduzir no dialogo alguns vocabulos obsoletos, concorrerá talvez para que tão distincta producção não possa ser condignamente apreciada pela maioria das platéas.»

Assignaram este parecer os membros do conselho dramatico, srs. Silva Abranches, Andrade

Corvo, Antonio Corrêa de Lacerda, Castilho (Antonio), Latino Coelho, Barão de Castello de Paiva e o secretario do conselho Carlos da Cunha e Menezes, que era tambem o secretario do conservatorio e da inspecção geral dos theatros.

Mendes Leal offereceu depois o premio do *Egas Moniz* a uma sociedade portugueza de beneficencia, do Rio de Janeiro.

A comedia *Os primeiros amores de Bocage,* composta em 1865, é finamente graciosa, bem moldada, e estudada. Prima pela linguagem castigada e vernacula, com o sabor da época (fins do seculo XVIII), e é apropriada aos personagens que n'ella figuram, sem attritos, nem complicações de enredo, porque a acção corre naturalmente e com simplicidade, mas sem lhe faltar interesse.

A singeleza do entrecho procedeu, emquanto a nós, do primitivo plano, que o auctor confessou em publico, porém que não chegou a executar. Dividindo em tres partes a vida agitada e singular do eminente poeta Bocage, o auctor dava a cada uma d'essas partes uma comedia. Devia de ser um estudo completo, abrangendo um periodo muito notavel para as lettras patrias, um periodo aureo para a poesia, em que Bocage entrava em competencia com Tolentino e Filinto!

Pena foi que o auctor não passasse do primeiro quadro!

Na comedia *Os primeiros amores de Bocage,* só se trata da mocidade do improvisador Elmano, quando este fazia já resplandecer nas salas e nas ruas o seu vigoroso estro, mas estava apenas no raiar da aurora da nobre carreira a que se destinára.

Mendes Leal explica esta sua obra nas seguintes palavras:

«A comedia, tomando o poeta nos primeiros annos e nas generosas paixões da mocidade, mede-lhe a grandeza do vulto pela grandeza dos impulsos, dá aos seus mesmos defeitos a explicação elevada e nobre, que só se póde ter por verdadeira em tão alto e claro espirito, mas deixa sempre entrever o germen fatal das futuras aberrações.

«Equivocar-se-hia de todo quem unicamente o quizesse ver segundo a tradição que ficou do derradeiro periodo da sua vida, transmittindo-se pela boca dos que só então o conheceram e chegaram aos nossos dias. O versista das trovas ao Chrispiniano, á Estanqueira do Loreto, e ao Antão Broega, o vate plebeu dos sonetos ao Galina, e aos novos arcades, não exclue o admiravel poeta de *Leandro* e *Hero,* de *Areneu* e *Argira,* do *Tritão* e das Epistolas. A propria mobilidade do seu talento duplica, multiplica as variantes de um caracter, cujo principal distinctivo era a excessiva impressionabilidade.

«Na comedia, Bocage mostra-se pelas duas faces essenciaes.»

Para se apreciar a verdade com que Mendes Leal nos apresenta Bocage, como elle o faz sobresair no aproveitamento da sua propria obra, ini-

mitavel e immortal, não obstante os senões da sua physionomia moral, vejamol-o no segundo acto d'esta comedia. A scena é na rua Augusta. As janellas armadas com damascos e colchas da India. As damas, assomadas com fatos garridos, á espera dos poetas. Motes promptos a atirarem-se aos improvisadores. Elmano com elles, alegre, descuidado, galhofeiro, tão repentista em dar com agudeza troco aos que julgam que podem zombar do seu engenho, como em glosar os motes difficeis.

Vejamos na scena XVIII d'esse acto interessante o trecho seguinte:

2.º POETA (para as janellas)

Mote. Venha mote.

MARIA GERTRUDES

«Os roubos que me fez a má ventura.»

BOCAGE (vivamente aos poetas)

Este para mim.

(Repetindo immediatamente.)

«Os roubos que me fez a má ventura!»

Eu deliro, Gertruria, eu desespero
No inferno de incertezas e temores,
Eu da morte as angustias e os terrores
Por ti mil vezes sem morrer tolero!

Pelo céo, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em candidos amores:
Longe a riqueza, e os seus vãos favores,
Quero o teu coração, mais nada quero.

VOZES (diversas)

Bravo! Bravo!

BOCAGE (continuando arrebatado)

Ah! não sejas tambem qual é comigo
A cega divindade, a sorte dura,
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi; mas valha-me a ternura;
Amor me valha, e pague-me comtigo
«Os roubos que me fez a má ventura!» [1]

(Grande explosão de applausos.)

POETAS

Bravo! bravo, Bocage.

No acto IV apresenta-nos Bocage a flagellar uns tolos e invejosos, que sempre surgem com risos alvares aos homens de talento. Cortemos da scena VIII a graciosa parte que n'ella toma Elmano:

D. FELICIA (a Bocage)

... Sr. Bocage... Um improviso dos seus... Quem dá mote?... Dê mote, sobrinha!

MORGADO

Versos a motes quem quer faz... Não tenho eu querido, senão... Versos a motes!... Sempre ouvi dizer que era o *A B C*... e está claro que é (sem achar saida), porque os versos com os motes e os motes com os versos... ou para fallar mais claro, os versos sem os motes e os motes sem os versos...

[1] Este soneto é o 83.º nas obras do poeta, «sem mudança de uma virgula.» — (Introducção á comedia, pag. VI.)

COMMENDADOR (suggerindo-lhe indirectamente a idéa)

O mote com effeito é uma sentença, que serve de assumpto, e põe a caminho o engenho. O principal está feito. O mais é ajustar palavras e combinar as rimas. Com algum exercicio não é difficil!

BOCAGE (medindo-os admirado e retraido)

Ah!

COMMENDADOR (continuando)

Mote querem alguns que venha do latim *motus*, que significa movimento. E bem se póde ter que assim é, porque do mote em verdade nasce o impulso que faz mover o estro...

MORGADO (atalhando)

É o que eu queria dizer. O mote vem a ser tudo... Mais por aqui, mais por alli, é tudo o mote. — O mote é o assumpto; não havendo mote não ha assumpto; e ahi é que está! (satisfeito de si e com extrema volubilidade) Fazer versos sem assumpto não é para qualquer: tem de se tirar tudo da cabeça, assim de repente, do pé para a mão, sem mais nem mais. Tambem não sei porque se ha de pedir mote. Quando uma pessoa monta a cavallo não precisa de mote para fazer os piafés, e as curvetas, e as balotadas, e as garupadas; nem tão pouco se dá mote quando qualquer mette mão á espada, e entra a executar batiduras, ligamentos, juntamentos, cambiamentos, tentamentos, e esquivamentos. Eis ahi. Isto é que eu queria... Chegar um homem, não esperar por mais, nem esfregar a testa, nem pôr os olhos em alvo, bater

as palmas e logo alli, zás... como quem deita um foguete de sete respostas!...

BOCAGE (atalhando e batendo as palmas)

Lá vae!

COMMENDADOR (sorrindo)

Sem assumpto?

BOCAGE

Está ahi defronte, o assumpto.

Famosa geração de falladores
Consta que foi, Morgado, a origem tua,
Que nem todos os cães, ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a lingua ensinou dos palradores;
Outro, o motu continuo achou na sua;
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma junta a cem doutores:

Teu avô, santanario venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com reza impertinente os ceus zangando:

Teu pae foi um trovão de pataratas:
Teu tio, o bacharel, morreu fallando;
Tu, fallando sem tom, não morres — matas!

TODOS (applaudindo)

Bravo! bravo!

MORGADO (engasgado de raiva)

Sr. Bocage!... Sr. Bocage!...

BOCAGE (fitando-o serenamente)

Que é?...

COMMENDADOR (com o seu sorriso, ao Morgado)

Agasta-se? De quê? Não tem razão... São facecias innocentes, e muito graciosas na verdade!... (Gonçalo passa disfarçadamente para o lado de Bocage) Mais picantes ainda as fez Juvenal!... Se fosse verdadeiramente improviso, era deveras um primor... E não digo que não seja... Mas é facil trazer estas coisas estudadas já... (Bocage estremece de indignação ante a contradictoria perfidia. — Gonçalo que lhe está ao pé detem-o).

GONÇALO (baixo)

Querem fazel-o sair de si. Com algum fito é. Modere-se.

COMMENDADOR (observando)

Depois, os conceitos naturalmente andam preparados com antecedencia.

BOCAGE (sem poder ter-se, batendo as palmas)

Lá vae! — Sr. Commendador, permitta-me descrever-lhe um certo individuo... do nosso conhecimento... á moda de Juvenal!

Do Sena, que foi ver por seu desdouro,
Um pedante voltou, de escassa fama,
Que os livros cata, os cartapacios ama,
E n'elles julga os annos um thesouro :

Traz laivos de francez, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama,
Que no gregó alphabeto o *G* é *gamma*,
Que *taurus* em latim quer dizer touro :

Tem de velhos canhenhos chocho extracto ;
Abocanha talentos que não gosa ;
Se rosna, prega unhadas como um gato :

Achareis na pintura rigorosa
Um fofo sabichão, posto em retrato,
Que é nada em verso, quasi nada em prosa!

Ao mesmo tempo, que ultimava a comedia *Os primeiros amores de Bocage,* ao que nos lembra, imitava a *Côrte na aldeia,* para o theatro de D. Maria II, reproduzida passados annos (por 1873) pela eminente actriz Emilia das Neves no Gymnasio Dramatico; e imitava ou traduzia outra peça para o theatro da Trindade.

Em 1869 traduziu a *Bella Helena,* opera-parodia em tres actos, que foi representada no theatro da Trindade.

XVIII

Depois de triumphar o movimento politico de 1851, o intuito principal do conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, que teve em suas mãos n'aquella epoca a superior gerencia dos negocios publicos, foi confundir os velhos partidos liberaes para augmentar o que se ia creando, e destruir inteiramente o antigo partido conservador ou cabralista.

Tendo já ao seu lado dois dos mais denodados e agigantados campeões da «patuléa», o famoso escriptor do *Espectro,* Sampaio, e o vigoroso tribuno José Estevão, podia o perspicaz estadista conseguir outras adhesões egualmente valiosas, e recrutar adeptos nas agremiações, cujas fileiras rareavam. Assim succedeu.

Os amigos da «patuléa», muitos dos que tinham pelejado com a «Maria da Fonte», encontraram-se desunidos, desamparados, enfraquecidos. O partido conservador succumbira. Os seus chefes e influentes podiam ter junto de si alguns intimamente dedicados, ainda confiando em mudanças promettedoras, suppondo que das trevas da sua politica surgiriam horisontes claros e rozados. Illusões! A verdade era, que não podiam tornar a reunir grupo para combate; nem puderam, desde então, alcançar na imprensa, ou no parlamento, votos que preponderassem contra a administração dos seus adversarios.

Nos primeiros cinco ou seis annos discorridos n'esta ordem de cousas, a geração, que saía das escolas para a vida publica, via de um lado derrotas e ruinas; e do outro lado, bandeiras pouco firmes, veredas ainda mal definidas. A luz de um passado, mais longinquo e mais formoso, não dava ao presente os seus clarões nitidos e intensos. Muitos desanimaram. Muitos se conservaram indifferentes.

Um grupo d'esses mancebos, que por sua intelligencia, por sua applicação e pelos premios obtidos, deixam o melhor nome nas aulas, e são desde logo esperanças da patria, agremiou-se com um pendão commum: estar ao lado do bom e do util, concorrer para o desenvolvimento da civilisação, auxiliar todos os progressos reaes, que levantassem o nivel moral, onde elle estivesse humilhado e abatido.

A esse grupo pertenciam, com o mais sincero enthusiasmo, com fé e crenças, uns que ainda

estavam a completar os cursos superiores com distincção; e outros, que tinham saido das escolas laureados para entrarem de novo como professores e aos quaes o exercicio no magisterio devia tornar dos mais illustres em os nossos estabelecimentos de instrucção official.

Não entramos em minucias.

Mas podemos citar nomes: ahi figuravam Augusto José da Cunha, João Ricardo Cordeiro Junior, José Elias Garcia, Manuel José Ribeiro, Marianno Ghira, e outros. Entre os que desejavam guardar a todo o custo o anonymo, contava-se um moço, que completava os seus estudos para a classe sacerdotal, com o fim de satisfazer a vontade da familia; e de quem ninguem suspeitaria, pela sua apparencia modesta e humilde, que elle seria jornalista vigoroso e erudito.

Quando estes mancebos se encostaram á grande alavanca do progresso, e procuraram nova e maior força na mais poderosa e mais fertilisadora de todas as forças — a imprensa! — tiveram elles para a sua propaganda serena, cordata e atilada, posto que um tanto cheia de idealisações, que não se harmonisavam com os egoismos e positivismos, ou antes com os opportunismos da politica militante, — tiveram, repetimos, uma folha diaria, que denominaram O *Futuro*.

O titulo caracterisava o ideal.

Por causa d'este ideal, o vulgo, considerou-os; a opinião publica não lhes foi adversa. Mas na politica indigena, nos corrilhos, nas conveniencias partidarias, ás vezes ephemeras, elles eram os excentricos...

Elles foram os «ecleticos».

A monotonia da politica alterou-se em 1858 por causa de um successo, que dividiu a familia liberal. Referimo-nos á questão das irmãs da caridade e do ensino.

Dois dos mais notaveis e estrenuos defensores da educação nacional, na tribuna do parlamento e na tribuna da imprensa, foram José Estevão e Mendes Leal. Ahi estão, nos papeis quotidianos os seus artigos, e nas sessões da camara electiva os seus discursos.

Não é agora a opportunidade de avivar por que circumstancias José Estevão se havia separado, n'aquella epoca, de seus antigos amigos politicos, e se inclinou para os esclarecidos mancebos do *Futuro*. Ainda talvez venha a escrever-se com inteira verdade esta pagina da historia contemporanea.

O *Futuro* foi a imprimir, nos primeiros tempos da sua existencia, n'uma typographia da rua dos Calafates (hoje rua do Diario de Noticias); e depois teve officina propria na rua da Cruz de Pau (hoje rua do Marechal Saldanha), sob a direcção do typographo e editor, Francisco Gonçalves Lopes, que ainda ao presente dirige a imprensa da *Democracia*.

Não existe já essa casa. Era n'uma parte do palacio dos condes de S. Lourenço. A outra parte, a principal, estava occupada pelas officinas do *Jornal do Commercio* [1].

[1] Este palacio foi depois demolido pelo novo possuidor, Vicente Jorge de Castro, que ali edificou a sua typographia modelo.

A redacção do *Futuro* tinha ali duas salas independentes, a mais pequena para o trabalho, e a mais vasta (com janellas tambem para a rua de Belver) destinada ás visitas, ao cavaco animado e inoffensivo, e ás reuniões politicas. Ás vezes, entre as visitas, contava-se Antonio Pedro Lopes de Mendonça [1] e Antonio Feliciano de Castilho, que tratavam simplesmente de assumptos litterarios.

O grupo dos «ecleticos» podia ir assim augmentando, e com effeito vieram adhesões, que se não eram numerosas, eram selectas.

O *Futuro* começou a sua publicação em 1858 e findou-a no terceiro anno com o n.º 589, em 2 de maio de 1860. Em março d'este anno apparecera em Lisboa uma nova folha sob o titulo *A Discussão*, de que só vieram a publicar-se 52 numeros, porque tambem suspendeu a impressão em 2 de maio.

As figuras principaes na *Discussão* eram o dr. Manuel Thomaz Lisboa, delegado de saude na capital, e o proprietario José Pedro de Barros Lima,

---

[1] Succedeu com este homem de letras e afamado folhetinista da *Revolução de Setembro*, um caso, que sensibilisou profundamente os que concorriam ás reuniões da rua da Cruz de Pau. Antonio Feliciano de Castilho não quizera acceitar uma cadeira no curso superior de letras e insinuára a nomeação de Lopes de Mendonça para essa cadeira. A nomeação fez-se em principios de 1860. O illustre folhetinista, desde então, entregou-se a estudos excepcionaes para bem desempenhar-se das funcções de professor. Mas elle pensára tambem em assumptos economicos, e animado por alguns amigos propunha-se a dar algumas prelecções de economia politica. Tinham-lhe concedido da melhor vontade a sala das reuniões da redacção do *Futuro*. No primeiro dia que destinára para a prelecção, já todos haviam reconhecido o desarranjo das suas faculdades mentaes! Desventurado mancebo! Quando tu pensavas que podias subir, embrenhavas-te na mais pavorosa das trevas — a loucura!

ambos sinceramente liberaes e fanaticamente democratas. Bons e bellos caracteres.

Com elles viam-se alguns esclarecidos funccionarios, superiormente collocados, e homens notaveis na sciencia, nas letras e na politica, cujas idéas eram homogeneas, na maior parte de seus pontos, com as de que estavam fazendo insistente propaganda os mancebos do *Futuro.*

Reconhecendo a inutilidade de duas folhas diarias com o mesmo alvo e eguaes intuitos, o grupo da *Discussão* entendeu-se com o grupo do *Futuro.* As conferencias não foram demoradas, nem perderam nunca o caracter de cordeaes e expansivas. Tratava-se de ligar e revigorar forças, que se debilitariam continuando separadas. O accordo realisou-se, afinal, no principio do mez de maio de 1860.

Como dissemos, no dia 2 suspendiam o *Futuro* e a *Discussão.* No dia 3 apparecia, sob uma direcção commum e ajustada, o primeiro numero da *Politica Liberal.*

José Estevão, então fóra das allianças que o prenderiam a outros grupos, e tratando da venda da propriedade da *Revolução de Setembro,* declarou-se affectuosa e intimamente ao lado dos mancebos do *Futuro* e da *Politica liberal.* Era evidente a sua franca sympathia para muitos d'elles. Era o prenuncio auspicioso da creação de um «partido novo.»

N'uma das reuniões dos antigos amigos do *Futuro* e da *Discussão,* tratou-se da redacção de um manifesto, ou programma, cujas bases principaes tinham sido préviamente incumbidas a José Estevão e Mendes Leal.

Na assembléa estariam trinta ou quarenta pessoas. [1]

A discussão foi breve e sem notaveis discrepancias. O programma expunha principios geraes e sãos, acceitaveis para todos e por fórma alguma visava a grave perturbação no reino. Esse era o desejo e empenho do egregio tribuno; e essa a vontade expressa da maioria dos congregados alli.

José Estevão pedira, ou antes exigira, como condição de subsequentes trabalhos d'elle na organisação do novo partido, que, apesar da approvação plena da assembléa, não se désse publicidade ao programma sem o *visto* de Mendes Leal, que não pudera vir a Lisboa. O caso era da maior urgencia.

Mendes Leal estava a banhos na Ericeira.

A assembléa dissolvera-se pouco antes das nove horas da noite. Pouco depois das onze, parava uma carruagem á porta da casa do capitão do porto, onde Mendes Leal costumava estar hospedado. Dentro da carruagem ia o portador do manuscripto do programma, autographo que se tornou precioso, não só pelo que representava, mas por conter os «hierogliphicos» de José Estevão e algumas rabiscasinhas de Mendes Leal. [2]

O illustre poeta recebeu com alvoroço o porta-

---

[1] Entre as pessoas, que depois da juncção dos dois periodicos, iam ali e concorriam aos serões politicos, se não nos falha a memoria, relacionaremos: Latino Coelho, Rebello da Silva, Magalhães Coutinho, Claudio José Nunes, Joaquim Thomaz Lobo de Avila (depois conde de Valbom), Gilberto Rolla, Freitas e Oliveira, Lobato Pires, Sousa Brandão, Barros e Cunha, e outros.

[2] Ouvimos que este autographo, passado o dia da sua impressão, fôra para o dr. Lisboa, extremamente laborioso e solicito n'estes trabalhos do «partido novo», e se perdera no espolio d'elle.

dor do programma, e confessou singelamente que o captivava e lisongeava a prova de extrema consideração que José Estevão e a assembléa tinham tido para com elle.

Leu o autographo com attenção, e indicando, com apparencia jubilosa e de applauso, que lhe agradava a redacção. Afóra ligeiras indicações verbaes, apenas marcou duas ou tres virgulas, e substituiu um ou dois vocabulos, por se lhe figurarem — disse elle, — mais claros e vernaculos. Em quanto ao mais, plena adhesão.

Despedindo-se da pessoa, que levára o manuscripto, e apertando-lhe cordealmente a mão, Mendes Leal repetia-lhe:

— Diga a José Estevão que estou com elle, e ao lado d'esse grupo de homens novos, com talento e probidade, cuja camaradagem nos deve honrar!

A's dez horas da manhã seguinte, José Estevão levantava-se, na sua casa da rua Formosa, para ouvir a pessoa, que tinha ido, com sacrificio, como n'um expresso de Lisboa á Ericeira, em pouco mais de tres horas, e que lhe reproduzia com satisfação e fielmente, o que passára.

José Estevão levantára-se bem disposto, soltando boas phrases — em um d'esses momentos, que era um encanto estar ao lado d'elle. A sua fronte esculptural parecia aureolada. O seu olhar scintillante fascinava. Illuminava-o uma alegria indescriptivel. Pensaria, talvez, — por que não havemos de suppôl-o? — que os homens, quando se erguem como elle, teem de concorrer com outra actividade, diversa da que podem levar á tribuna, em favor das cousas da patria!

A pessoa, que escreve estas paginas, ouviu n'essa occasião a José Estevão:

— Agrada-me a resposta de Mendes Leal. Bom é formar partidos novos com homens novos; mas para a vida publica é indispensavel que esses homens tenham junto de si outros. Não basta a boa vontade e o talento. É mister alliar taes qualidades com a experiencia. Mendes Leal tem muito talento e já sobeja experiencia, na imprensa e no parlamento. Os moços do partido novo ganharão um bom e util alliado. Eu tenho n'elle um leal amigo. [1]

Escrevemos acima: não entramos em minucias. Repetimol-o.

Passado um lapso de tempo, relativamente mui limitado, mallograram-se os esforços para crear, em solidas e productivas bases, o novo partido; e muitas das pessoas, que entraram nos trabalhos preliminares, afastaram-se e seguiram outro norte.

---

[1] O programma só appareceu em 27 de setembro de 1861 em o n.º 417 (2.º anno) da *Politica Liberal* com o titulo seguinte:

«*Exposição dos redactores progressistas...*»

Assignaram este documento, pela ordem por que os inscrevemos:

Manuel Thomaz Lisboa.
José Estevão.
José Maria Latino Coelho.
Manuel de Jesus Coelho.
João Felix Rodrigues.
José da Silva Mendes Leal Junior.
Luiz Augusto Rebello da Silva.
Jacinto Augusto de Freitas Oliveira.
José Elias Garcia.
Marianno Ghira.
Gilberto Antonio Rolla Junior.

Dos onze jornalistas indicados, restam presentemente dois: Elias Garcia e Latino Coelho.

A *Politica Liberal* chegou até o n.º 674 (3.º anno). Suspendeu a publicação e declarou-o em a folha de domingo 10 de agosto de 1862.

Tres dos que acima citei não quizeram mais entrar em trabalhos politicos:

Augusto José da Cunha proseguiu nos seus estudos mathematicos na escola polytechnica, e é presentemente o zelosissimo director da casa da moeda;

Manuel José Ribeiro voltou-se inteiramente para a engenharia agricola, e todos sabem que elle tem sido um dos ornamentos do corpo docente do instituto de agronomia e veterinaria;

João Ricardo Cordeiro, depois de ter enriquecido o theatro nacional com algumas producções de primeira ordem, com que elle podia conquistar os fóros de dramaturgo excepcional, muito acima de outros mais felizes, dedicou-se a estudos de administração publica;

José Elias Garcia, sem sair da escola do exercito, onde tem logar distincto, não abandonou o seu ideal, que traduziu na *Democracia,* para onde levou, todavia, alguns de seus antigos companheiros;

José Estevão, ferido por doença subita e fatal, descia á sepultura sem chegar ao termo da campanha, que emprehendera com os mancebos do *Futuro* e da *Politica Liberal;* e

Mendes Leal, chamado, por instancias e conselho de José Estevão, pelo duque de Loulé para formar parte de um ministerio, que fôra encarregado de organisar em 1862, era nomeado para a pasta da marinha.

XIX

Além do seu intenso amor á patria, Mendes Leal deleitava-se por vêr o seu nome associado a obras piedosas. Nunca se recusou a concorrer, bizarramente, para ellas com o seu valioso obolo, com o fructo do seu trabalho. A sua musa inspirava-o sempre bem a favor das boas causas. No seu coração acordavam-se os mais delicados sentimentos.

Assistimos a duas extraordinarias ovações feitas ao illustre poeta por causa de factos d'essa ordem: uma, em 1866, no theatro de D. Maria II, quando se realisava um beneficio para o cofre da associação typographica lisbonense, á qual elle, como o seu intimo amigo e academico, Silva Tullio, eram mui affeiçoados; e outra, em 1868, por occasião de um beneficio a favor da viuva e filha de Francisco Vieira da Silva, o apostolo das associações populares, a cuja voz eloquente e inspirada se prolongou a existencia do centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, que tantos e tão relevantes serviços prestou ao principio associativo.

Para a associação typographica lisbonense Mendes Leal compôz expressamente um monologo intitulado *Guttenberg,* o sublime inventor da imprensa; para o beneficio da familia de Vieira da Silva a poesia commemorativa *Ave crente!*

No monologo, soberbamente recitado pelo actor Rosa, pae, perante um auditorio numeroso, selecto, enchente á cunha, poz elle estes encantadores versos :

Donde venho?... Onde estou?... O que sonhei?...
Lutava o mundo em sombras envolvido :
Os povos cahos ; o saber perdido ;
A força era o direito ; o ferro a lei !

....

Apenas para guia nas procellas,
Que mais ensombram barbaros exemplos,
O reflexo que ás vezes vem dos templos,
E a face estríla ás negras cidadellas !...

....

Era assim !... Assim é !... E eu meditava !...
Meditava um invento peregrino,
Que impelle os homens a melhor destino,
E livres gentes faz de gente escrava !

Achei... achei-o, o universal crisol,
O impulso universal, o assombro d'arte !...
Alegrae-vos, nações, em toda a parte !
Terra, eis a aurora ! Povos, rompe o sol !

E rompe, e sobe, e á sua luz fecunda
As trevas da ignorancia se adelgaçam ;
Despartem-se, refogem, fundem, passam...
Rostos e peitos o esplendor inunda.

....

A arte insigne prospéra diffundida,
Grata ao céo, grata ás leis, aos homens grata ;
Restaura, inquire, avança, expõe, resgata...
De todos para todos pulsa a vida !

Vês, Guttenberg, os teus herdeiros, vês?
Jenson, Estienne, e Caxton, e Plantino,
Um, sabio; outro, conde palatino,
E Aldo, o grande; e Mariz, o portuguez?

Retumba o applauso em canticos sonoros,
A gloria os cinge do laurel frondente,
E a regia mão que rasga os véos do Oriente,
Solícita lhes dá brazões e fóros!...

....

O monologo finda assim:

Mas se o ocio apodar util suor,
Que é da santa floresta o santo orvalho,
Dizei: «Respeito aos filhos do trabalho.
Este foi timbre sempre. Qual maior?»

E se a vaidade proseguir ainda,
Respondei aos motejos temerarios:
«Somos, sim, somos nós os operarios
Da maior obra... porque nunca é finda!»

Na poesia *Ave crente!* em homenagem a Vieira da Silva, e recitada com grande correcção pelo que fôra amigo dedicado e admirador d'aquelle cidadão prestantissimo, A. J. Henriques Gonzaga (hoje, secretario do instituto de agronomia e veterinaria), no theatro do Principe Real, tambem com uma enchente escolhida, a trasbordar, accentuava o poeta as qualidades excepcionaes, que exornavam Vieira da Silva, nas seguintes estrophes:

Viveu — o fervido apostolo
Das fraternas allianças,
O que ás nobres esperanças
Alma abriu, e peito, e mãos,

O que, aproximando provido,
Mutua acção, mutuo agasalho,
Quiz nos filhos do trabalho
Criar um gremio d'irmãos;

O que da idéa magnanima
Tenaz, invicto soldado,
Lutou firme e denodado
Com a voz, o exemplo, o amor,
Para, em sua fé solicito,
Dar ao povo desoppresso
A justa lei do progresso
Na lei santa do Senhor!

. . . .

Viveu? — Vive, porque o espirito
Não segue o pó funerario,
Vive, eterno lampadario
Que lança eternos clarões;
Vive este pelos seus meritos
Não por traças illusorias,
Vive em todas as memorias,
Vive em nossos corações!

. . . .

Oh! não morre, não — concebe-se —
Quem se fez ser d'outros seres,
Quem na senda dos deveres
A humanidade conduz.
Que importa se as chammas fulgidas
O que era terreo consomem?
Só a razão faz o homem
Cae a cinza, sobe a luz!

Salve, ó animo benevolo!
Salve, ó pio! salve, ó crente!
Tu que a vida, tu que a mente
Deste ao dogma universal,

Olha agora, vê, consola-te
Da tormentosa vigilia :
Se a patria te foi familia
É-te familia afinal !

Mais um testemunho da condescendencia do poeta.

Quando em 1868 foi commemorado o primeiro anniversario da Escola Caridade, fundada na freguezia da Encarnação, de Lisboa, pediram a Mendes Leal uns versos. Offereceu-os elle de um dia para o outro. A composição constava de nove quadras, sob o titulo: *Caridade!*

Começa:

Filha do amor e piedade,
Luz, conforto na desdita,
Bemdita sejas, bemdita,
O' fecunda caridade!

E acaba:

Sacrosanta caridade,
Nosso amparo e nossa dita,
Bemdita sejas, bemdita,
Luz, conforto, amor, piedade !

Ainda outro exemplo.

Como se sabe, sua magestade a rainha sr.ª D. Maria Pia auxiliou a fundação da benemerita «Sociedade das crèches» e tem sido, como de todos os institutos pios da nação, a mais desvelada protectora.

Em 1876, apesar de estar em Paris, compôz um poemeto *Memoração*, destinado á mesma sociedade, offerecido e dedicado á excelsa princeza.

Este poemeto é dividido em duas partes: I *Os dois circos;* II *Os dois conjuges.*

Começa a primeira:

Em vasto coliseo um povo tripudia,
Sedento, ebrio de sangue, embravecido, insano!
Calculando o prazer pelo atroz da porfia,
Que o medonho, expressivo apparato inhumano
Aos impios olhos seus desde logo annuncia,
Frenetico antegosa o longo e vario damno;
A supplice agonia, anciada e inutil prece,
O tedio lhe distrae e os ocios lhe espairece.

E termina:

Não são, não são horrificas
Scenas de atroz matança,
Nem peitos busca a lança
De oppostos capitães.
Não são façanhas bellicas!
Mas esta dá, mais nobre,
Conforto á infancia pobre,
Auxilio a pobres mães!

Não são contadas fabulas,
Enlevo d'outras eras!...
Aqui as proprias feras
Ao bem contribuirão,
Que o próvido espectaculo
Duro penar despena...
Eis a moderna arena,
O coliseo christão!

A segunda parte começa:

Era terreo o casebre, humido, ao vento exposto;
Um regelo em dezembro, uma estufa em agosto;
O tecto mal seguro e mal grudado o chão,
Sem sol, sem ar, sem luz... e muita vez sem pão!

E acaba:

.... A crèche!... Tem paciencia...
«Mas a crèche o que é?» — «A nossa Providencia!»

....

Providencia!... Esta voz, quando assim d'alma sae,
Resume o Eterno Amor, que vem do Eterno Pae;
Que a todos, como o sol, presta o calor fecundo,
Vertendo a luz do céo nos abysmos do mundo;
E aos pobres abre o affecto; e aos ricos abre as mãos;
E inteira a humana stirpe une a grupo de irmãos!

XX

Mendes Leal foi, como já dissemos, duas vezes chamado aos conselhos da corôa, de 21 de fevereiro de 1862 a 12 de dezembro de 1864, em que exerceu as funcções de ministro dos negocios da marinha e do ultramar; e de 10 de agosto de 1869 a 20 de maio de 1870, em que lhe commetteram o encargo de ministro dos negocios estrangeiros, sendo em ambos os gabinetes presidente do conselho o duque de Loulé (já fallecido).

No exercicio d'estas ultimas funcções esteve doente de 14 de setembro a 28 de outubro de 1869, e serviu interinamente na pasta o presidente do conselho.

Para aproveitar a sua adeantada pratica dos negocios publicos, a sua cordura provada na resolução de importantes assumptos, e principal-

mente o seu profundo amor á patria, em 24 de outubro de 1871 foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal na côrte de Madrid.

Desde essa data, não saiu mais da carreira diplomatica. Veio muitas vezes a Lisboa, ou para gosar de licença e visitar seus parentes e amigos predilectos; ou para tomar parte nas discussões e votações parlamentares, quando os negocios a tratar na camara alta (na qual, sendo nomeado em 1871, só entrou em 1872), o chamaram ao cumprimento d'esse dever.

Demorou-se na legação em Madrid até 13 de abril de 1874, em que foi transferido para a legação em Paris, tomando posse pouco depois.

Esteve em Paris, officialmente, mais de nove annos. Em 28 de junho de 1883 recebia ordem de ir tomar novamente conta da legação de Madrid, e ahi permaneceu até que, por cansaço e doença, e as saudades da terra natal, o trouxeram a Lisboa em 1886.

Durante o desempenho de suas funcções em Madrid, teve ordem, por decreto de 16 de fevereiro de 1870, de tratar, estipular, concluir e assignar, como plenipotenciario, um tratado de commercio e navegação entre Portugal e os Estados Allemães, que formavam então a liga aduaneira; e por decreto da mesma data, de tratar, estipular, concluir e firmar, como plenipotenciario, um tratado de commercio e navegação entre Portugal e a Belgica e a Austria-Hungria.

Tanto em Madrid, como em Paris, soube conquistar a consideração dos governos, junto dos

quaes estava acreditado; e a estima e o respeito dos seus collegas no corpo diplomatico.

Tendo-se dado em 1881 uma vaga no conselho de estado politico, pelo obito do duque de Avila e de Bolama (occorrido em 3 de maio), sua magestade el-rei designou-o para occupar esse logar. O diploma da nomeação tem a data de 6 de maio do mesmo anno.

XXI

Não foi esteril a passagem de Mendes Leal pelo ministerio da marinha. A sua nomeação levou ali, pelo contrario, elementos de trabalho e actividade novos e fecundos. Nos annaes das repartições, que formam aquelle ministerio, e d'elle dependem, lá estão numerosos documentos para confirmarem esta asserção. As suas obras deixaram na marinha e no ultramar, nome sympathico e estimado.

Nos dois periodos da sua gerencia, 1862–1863, 1863–1864, de que deu contas ás camaras legislativas em dois amplos relatorios, a que não faltam elegancia na linguagem, nem factos comprovados e dignos de menção, resolveu Mendes Leal alguns assumptos, que existiam pendentes; e tomou a iniciativa de muitos, cuja execução trouxe prosperidade e lustre á administração dos negocios da marinha de guerra e das possessões de além mar.

Por sua ordem, foi construida em 1862 a corveta *Infante D. João,* de systema mixto; e depois,

em 1863, as corvetas *Duque de Palmella,* para a qual mandou ensaiar nas officinas do arsenal o trabalho de empreitadas; e *Duque da Terceira,* na construcção da qual desejou que a superintendencia seguisse o trabalho por tarefas, afim de poder apreciar e aferir a vantagem que teria este systema de trabalho sobre o outro anteriormente adoptado.

Além d'isso, no ultimo periodo foi terminada a construcção do hiate *Algarve* para o serviço da fiscalisação na costa; foram mandados activar os estudos para uma fragata, segundo o mais aperfeiçoado modelo e consoante com as conveniencias da marinha de guerra portugueza; e para incitar os brios da marinhagem e recordar-lhe os seus deveres e a sua lealdade no serviço da nação, determinou que em todos os navios do estado houvesse a inscripção:

— «Honrae a patria, que a patria vos contempla.»

Ao mesmo tempo, em beneficio da instrucção dos officiaes, tão difficil e tão arriscada na pratica, mandou organisar uma divisão naval para um cruzeiro de exercicios na costa e até o archipelago açoriano, estabeleceu uma escola de tiro a bordo da nau *Vasco da Gama* e adoptou outras providencias. Em favor da instrucção dos operarios, melhorou as officinas do arsenal e resolveu que alguns operarios, dos mais habeis e intelligentes, fossem aperfeiçoar-se nos competentes estaleiros da Inglaterra.

Para demonstrar o desejo, que tinha de vêr augmentar o numero de operarios no arsenal da

marinha e melhorar a sua educação artistica, para proveito d'elles e da nação, e lustre do nome portuguez, escrevia o ministro, no seu primeiro relatorio de 1863 (pag. 16):

«Acrescentar e aperfeiçoar as aptidões do operario, fazer-lhe adquirir pela educação e pela illustração a consciencia do dever, o esclarecido amor da classe, o respeito de si, e a dignidade do trabalho, elevar-lhe por esta fórma o nivel moral, é verdadeiramente semear para a sociedade e para o futuro, é fundar a legitima, a fecunda e vigorosa democracia, que se não fortalece nem exalça explorando as paixões, senão allumiando a intelligencia.»

Não temos isto como declamação banal para especular e illudir cegos, mas como expressão convicta e sincera de quem, na elevada posição em que estava collocado, devia, podia e queria, acompanhar as palavras da acção benefica, e vivificadora em prol da classe operaria ao serviço nacional. As obras justificaram-no.

Com relação ao augmento methodico, economico e indeclinavel da marinha de guerra portugueza, onde ella pudesse funccionar com a maior actividade e segurança publica, deu no citado relatorio de 1863, guardando para si e para os seus antecessores no ministerio, com extrema delicadeza, o quinhão que a cada um podia pertencer, estas indicações (pag. 20 e 21):

«Quando as paixões permittirem julgar imparcialmente as cousas e os homens, confessar-se-ha que não pouco deve a nação aos seus predecessores pelo proficuo impulso dado n'aquellas ponderadas circumstancias com esforço e merito proporcionaes ás difficuldades.

«Não vos delinearei o que *conviría* emprehender; sou forçado a conter-me nos estreitos limites do que *podemos* executar. As perspectivas seriam numerosas; a realidade será menos pomposa, mas será realidade.

«Sobre tres pontos, penso, se deve de preferencia concentrar toda a actividade do governo — methodificar a administração — augmentar o material — educar o pessoal... Será sempre o maximo desperdicio sustentar pessoal sem o correspondente material sobre que elle se deve exercer, porque será provocar a ociosidade...

«É urgente augmentar o numero de embarcações mixtas de pequena tonelagem e diminuta guarnição, para nos habilitar a ter sempre vasos de vapor nas estações, de modo que se multipliquem as forças e a vigilancia; ao mesmo passo muitas razões graves aconselham a construcção de um navio ao menos de superiores dimensões, já para instrucção, já para representação, já em alguns casos para transporte... Com a *qualidade* se ha de no nosso caso supprir a *quantidade,* tendo em vista que,

por ora, não seria prudente aspirarmos a mais do que a formar marinha apta para vigiar, proteger e communicar a vasta extensão das provincias ultramarinas.

«O alvo offerecido aos nossos maritimos é digno de lhes levantar os animos e exaltar os espiritos pela importancia, pela utilidade, pela verdadeira grandeza dos commettimentos. Ao seu zelo se confia o futuro da nação.»

A primeira parte d'este relatorio (negocios da marinha) termina assim (pag. 22):

> «Entendo que se não deve deter um passo nem parar um momento; mas entendo tambem que, para deixar obra aproveitada, importa alliar com a firmeza a prudencia, com a resolução a reflexão. Ao que me parece, deve ser o moto, senhores: — reformar sem destruir, progredir sem precipitar!»

Entre os estudos, a que mandou proceder para melhorar serviços do ministerio, e dos institutos que dependem d'elle, contam-se:

o projecto de reforma da escola naval,
o da escola de operarios,
o da revisão do regulamento do arsenal,
o dos estudos dos engenheiros hydrographos,
o do recrutamento maritimo,
o do aproveitamento dos officiaes de

veteranos de marinha em serviços sedentarios, compativeis com a sua longa experiencia e o seu estado de saude,

o do banco ultramarino [1].

Entre as diversas providencias (vinte e tantos decretos), que, dentro dos limites da lei fundamental do reino, expediu com caracter legislativo e permanente para as possessões ultramarinas, citaremos os seguintes:

regulando o serviço da saude no ultramar,

legalisando o curso da moeda fraca em Moçambique,

determinando que os soldos dos officiaes de Angola e S. Thomé fossem pagos em moeda forte,

dando novo regulamento das alfandegas de S. Thomé e Principe,

reformando em Angola o serviço da arrecadação e administração dos bens dos defuntos e ausentes,

regulando os cartorios e ordenando o systema dos livros da administração judicial e orphanologica,

estabelecendo o registo criminal e o registo parochial, e

mandando estudar as questões do trabalho indigena e de colonisação.

---

[1] O banco foi creado por lei de 16 de maio de 1864, sendo considerado nos estatutos principal fundador, membro nato vitalicio do conselho de administração, e governador, o conselheiro Francisco de Oliveira Chamiço.

No segundo relatorio, como o primeiro de que já tratámos, conclue Mendes Leal com umas considerações relativas á exposição dos factos occorridos nas provincias ultramarinas e ás resoluções adoptadas para melhorar alguns ramos do serviço n'ellas, e acudir ao seu socego e segurança. Da pag. 136 para 137 lêmos:

> «Effectuaram-se alguns melhoramentos; não faltaram os possiveis auxilios. Onde foi preciso reprimir audacias, abrir passo ao commercio, ou proteger as populações pacificas, não ficaram as armas ociosas, e não sem honra se empenharam, acompanhando-os a victoria e a fortuna.
>
> «Se não têem essas longinquas pugnas o estridor e applauso das grandes hostes e das grandes batalhas, não é menos certo o risco d'ellas; e o que as peleja bem merece da patria, porque alli lhe são inimigos como o gentio, e mais implacaveis do que este, os trabalhos e porfias com as asperezas da terra, com a densidão das matas, com a malignidade dos ares. Inconsequencia fôra desestimar estes modernos feitos, quando são ainda praticados contra os mesmos contrarios e nos mesmos logares em que os nossos passados justamente se illustraram, e quando a desproporção numerica não é certamente divèrsa hoje.»

Sob o ponto de vista da moralisação das provincias ultramarinas, o ministro affirmou uns prin-

cipios, que guiam modernamente alguns criminalistas, e que desde muito, por diversas vezes, e por ter amor a esses estudos, na imprensa periodica tem defendido a pessoa, que escreve estas linhas. Assim, tratando da colonisação africana, e accentuando a necessidade de extremar nas possessões portuguezas, a parte sã, da parte corrupta e pervertida da população, que a metropole para ali tem expedido como fardos, de que deseja livrar-se, mas que não levam, nem podem levar, ás provincias de além-mar, elementos de civilisação, e difficultam a sua gerencia, — Mendes Leal accrescentou (pag. 138 a 139):

> «A colonisação ha de ser considerada por dois aspectos inteiramente diversos: a colonisação forçada e a colonisação espontanea; a primeira imposta pelo rigor penal, a segunda estimulada da necessidade, ou das naturaes aspirações. Esta radical differença determina uma equivalente classificação.
>
> «A primeira, que deve entrar na ordem das colonias penitenciarias, não póde deixar de ser tutelada, superintendida, vigiada e sujeita ás regras severas de um especial regimen, acabando por este modo, conforme a todos os principios de justiça, a pratica illegal, monstruosa e incompativel, de fazer membros d'uma corporação nobre, aquelles que a lei exautorou de seus fóros. Se esse foi expediente provisorio, relativamente util, a que o tempo e o costume

tem dissimulado os gravissimos inconvenientes, não é tal razão para que se perpetue, nem o deve ser para impedir a applicação do conhecido remedio, concretado n'um systema que mais utilmente aproveita as mesmas forças, melhorando-as, sem viciar a instituição respeitavel cujos elementos de composição bem podem ser outros.

«A segunda deve ser livre. Livre para ser efficaz, segundo estão indicando os melhores exemplos e doutrinas; mas rodeada, mas escorada, mas protegida por instituições adequadas, que tendam a fundar a familia, a fortalecer os direitos, a desenvolver emfim uma nova sociedade.»

Esta era, por sem duvida, a melhor de todas as propagandas para levantar o nivel moral, ás vezes, por diversos erros da administração da metropole, tão baixo, da nossa administração colonial!

Com o estudo complicado dos varios ramos da gerencia da marinha e do ultramar, não se esqueceu Mendes Leal de proteger com subsidios publicações uteis, e mandar fazer outras de conta do ministerio, ou para divulgar conhecimentos nas corporações da armada, ou para augmentar a propaganda cordata e honrada em favor do brilho das tradições gloriosas de Portugal e destruir erros, que prejudicassem a sua legitima influencia nos vastos dominios ultramarinos. Não tiveram outros fins patrioticos: a ordem para ser creado

um *Annuario da marinha,* sob a direcção do director da escola naval; e a decisão de nomear D. José de Lacerda para escrever uma resposta concludante e energica ás especiosas, erroneas e offensivas asserções do explorador inglez Levingstone. [1]

XXII

Quando Mendes Leal foi elevado aos conselhos da corôa e saiu do ministerio da marinha, e ainda passados annos, recebeu alguns documentos honrosissimos, mais obrigatorios e lisongeiros por serem manifestações expontaneas, expressão não medida de affectos e reconhecimento, que elle tinha no maior apreço, e cujos autographos conservava com justo desvanecimento. Eis o extracto d'esses documentos: [2]

I. *Mensagem* da municipalidade do concelho de Mafra, felicitando-o pela mercê que recebeu de ter sido chamado aos conselhos da corôa.

Esta municipalidade congratulou-se com os seus

[1] Além das obras citadas, registamos, que mandou distribuir pela officialidade exemplares da obra *Viagem da corveta D. João I ao Japão,* por Marques Pereira; imprímir a *Higiene naval de Fonsagrives,* o *Regulamento de signaes e elementos de tactica,* o *Guia do marinheiro e artilheiro;* e subsidiar um *Compendio de direito maritimo internacional*, incumbido ao esclarecido official de marinha Marx de Sori (chefe de repartição).

[2] Os originaes de taes e tão honrosos papeis são guardados hoje, com a mesma veneração, pela ex.^ma^ viuva, a sr.^a^ D. Rosa Biester Mendes Leal, a cuja benevolencia, por intervenção do sr. Alvaro Cardoso, devemos a fineza dos respectivos extractos.

concidadãos pela merecida escolha para tão elevado cargo do eleito pelo mesmo concelho para seu representante na camara dos srs. deputados da nação. Mafra, 11 de março de 1862. — Tem esta mensagem 5 assignaturas.

II. *Officio* expedido de Loanda em 21 de abril de 1863, por José Baptista de Andrade, remettendo-lhe uma mensagem dos officiaes da guarnição da provincia d'Angola, em que demonstram os sinceros sentimentos de gratidão pelos beneficios que receberam pelo desvelo e solicitude de s. ex.ª, como ministro dos negocios da marinha e ultramar, designados nos decretos de 26 de março e 22 de junho do anno findo, beneficios que os ditos officiaes, desde muitos annos, tinham com justiça reclamado. Loanda, 18 de março de 1862. — Tem 15 assignaturas.

III. *Carta-officio* do governador geral da provincia de Moçambique, João Tavares de Almeida, de 12 de novembro de 1862, enviando uma mensagem dos officiaes d'aquella provincia, os quaes, em nome dos seus camaradas, agradecem a promulgação do decreto de 26 de março do mesmo anno em que melhorou com justiça a sorte d'estes officiaes. Moçambique, 28 de outubro de 1862. — Tem 10 assignaturas.

IV. *Mensagem* dos officiaes da guarnição da provincia de Moçambique felicitando-o, como ministro da marinha, e dirigindo os cordeaes reconhecimentos pelo interesse que o conselheiro Mendes Leal tomou em beneficiar todos os empregados das differentes classes do ultramar. — Sem data. Com 7 assignaturas.

V. *Mensagem* em que os habitantes da cidade de Loanda, capital da provincia d'Angola, com especialidade os da classe commercial, agradecem a resposta que se dignou dar aos deputados d'esta provincia, os srs. Antonio José de Seixas e Antonio Julio de Magalhães, encarregados pelos mesmos habitantes de depositar nas suas mãos a manifestação do profundo reconhecimento dos mesmos habitantes pelas beneficas providencias que tem tomado, como digno ministro das colonias, em assumptos de governação publica d'aquella provincia. Loanda, 15 de junho de 1863.— Com 64 assignaturas.

VI. *Manifestação* que os officiaes da marinha mercante portugueza depositaram, com profundo e verdadeiro pezar, pela sua demissão de ministro da marinha e ultramar, ficando reconhecidos pelos importantes serviços que prestou a esta classe mercantil. Lisboa, 15 de dezembro de 1864. — Com 143 assignaturas.

VII. *Manifestação* dos cidadãos portuenses, demonstrando o espontaneo e sincero pesar que lhes causou verem o paiz privado dos bons e patrioticos serviços que prestou como ministro dos negocios da marinha e ultramar. Porto, 15 de dezembro de 1864. — Com 420 assignaturas.

VIII. *Mensagem* que os cidadãos de Vianna do Castello enviaram, em signal de respeitoso e sincero sentimento, pela exoneração de ministro dos negocios da marinha e ultramar, e declarando que tem em alto valor os assignalados serviços que prestou ao paiz no desempenho da sua elevada missão publica. Vianna do Castello,

21 de dezembro de 1864. — Com 90 assignaturas.

IX. *Manifestação* que os cidadãos bracarenses enviaram agradecendo-lhe reconhecidos os valiosos serviços que prestou ao paiz, no tempo em que dirigiu com tão esclarecido zelo e perseverante dedicação os negocios da marinha e ultramar. Braga, 30 de dezembro de 1864. — Com 98 assignaturas.

X. *Mensagem* dos cidadãos portuguezes residentes na cidade de S. Paulo, no imperio do Brazil, sentindo-se de profundo pesar quando receberam a noticia da exoneração do conselheiro Mendes Leal, da pasta dos negocios da marinha e ultramar, mostrando o alto apreço e consideração pelos relevantes serviços que s. ex.ª prestou aos seus concidadãos e ás nossas possessões ultramarinas. S. Paulo, 26 de janeiro de 1865. — Acompanha esta mensagem 146 assignaturas.

XI. *Mensagem* dos habitantes da provincia de Loanda dirigindo-lhe, como ministro da marinha e ultramar, as maiores provas de reconhecimento, e avaliando os esforços que empregou para beneficiar a mesma provincia, e levantal-a do abatimento e rudeza em que jazia desde muitos seculos. Loanda, 15 de dezembro de 1865. — Acompanha esta mensagem 76 assignaturas, devidamente reconhecidas.

XII. *Mensagem* que a associação dos artistas portuguezes, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro enviou, em signal de respeito e consideração, dando as maiores provas de magoa e de profundo sentimento pela retirada do ministerio dos

negocios da marinha e ultramar, e testemunhando-lhe os sinceros votos de eterno reconhecimento pelos valiosos serviços que prestou á sua patria; e assim como aos que estavam fóra d'ella. Rio de Janeiro, 7 de junho de 1865. — Acompanha esta mensagem 482 assignaturas e a seguinte nota: «Faltando as assignaturas de que por nossa infelicidade, antes a nossa culpa, deixamos de fazer por não sabermos escrever, devido isto não ao atrazo de instrucção em que nos achavamos quanto muitos de nós dos patrios lares saimos e para não irem marcados em + cruz os já assignados por nós 700 o fazem.»

XIII. *Mensagem* que os portuguezes residentes na cidade do Rio de Janeiro enviaram, demonstrando ao conselheiro Mendes Leal o profundo sentimento pela sua demissão de ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, e agradecendo-lhe n'esta occasião os importantes serviços publicos que prestou á patria e aos que estavam distante d'ella, durante o tempo que dignamente administrou a pasta d'aquelle ministerio. Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1866. — Com 1:530 assignaturas.

XXIII

Para o seu trabalho no ministerio dos negocios estrangeiros não podemos seguir o mesmo processo, de que usámos para apreciarmos a sua gerencia na pasta da marinha e ultramar.

Os negocios internacionaes, de alguma importancia, são de natureza diversa. Correm em processos de caracter confidencial, dependem de varias actividades dentro e fóra do reino, e não raro passam de ministro para ministro sem solução. Só vem á divulgação nas repartições e á publicidade official depois de muitos incidentes, e ás vezes passados mezes e annos.

Isto se infere do que Mendes Leal pôz no resumido relatorio, que serve de introducção aos documentos contidos no *Livro branco*, apresentado ás côrtes em 1870. No entretanto, é de presumir que todos os assumptos, cuja ultima decisão lhe pertencesse, no periodo da sua administração, fossem rematados com são criterio e elevado patriotismo.

Já não diremos outrotanto ácerca da sua representação no estrangeiro. Trabalhador por habito e amor, no respectivo ministerio existem fartas provas do seu zelo e da sua actividade. Foi um diplomata exemplar. As suas contas, já confidenciaes, já relativas a negocios pendentes, eram, segundo constava, amiudadas, extensas e minuciosas.

Era-lhe facil e grato o mais solicito desempenho de suas funcções, porque a fama do seu nome, como poeta, jornalista e parlamentar; a respeitabilidade do cargo que exercia; e os brios e as tradições da nação, que elle procurava exaltar a cada momento, em todas as opportunidades, tinham feito da legação de Portugal, assim em Paris, como em Madrid, o ponto de reunião de verdadeiras summidades nas letras, na politica e nas artes.

As reuniões em casa do illustre representante portuguez, especialmente selectas, eram notabilissimas. Muitas vezes ali concorriam, na mais franca e encantadora intimidade, o celebre historiador Thiers, Caro, Ferdinand Denis, bibliographo; Alexandre Dumas Filho, dramaturgo e critico; Luiz Ulbach, Pailleron, Livet, Henri de Peine, Augier, Marquis de Beauvoir, Henri Bornier, o palmeado auctor da tragedia *La fille de Rolland;* Laboulaye, publicista; Duque de Broglie, M.mes Vicomtesse de Jauzé, Marquise de Haussonville, Marquise de Bloquaille, Mad. de Lagrené, e outras pessoas de distincção.

Essas reuniões, na legação de Portugal, não passavam despercebidas na sociedade elegante parisiense; e honrando o ministro e o litterato, honravam de certo a nação.

Umas vezes, n'esses serões familiares, mas com o cunho da elegancia e do tom, era ouvido o afamado compositor e pianista Marmontel. Outras, Mounet-Sully, da Comedia Franceza — uma das maiores celebridades do theatro francez—deliciava o escolhido auditorio, ora com a leitura dos contos

de Daudet, ora provocando as palmas geraes e repetidas, com a admiravel recitação de versos de Victor Hugo ou de Alfredo de Musset. Outras, a conversação animada ácerca de questões litterarias ou artisticas, cortada de anecdotas ou de allusões delicadas e graciosas, trazia novos encantos aos serões, que então se prolongavam brilhantemente. Mendes Leal parecia ter remoçado n'esse convivio, a que chamava sempre os compatriotas.

Durante a exposição internacional de 1878, em Paris, foi Mendes Leal nomeado representante de Portugal na maioria dos congressos, que ali reuniram n'essa epoca; mas não recebeu remuneração alguma e tomou parte activa e importante em muitos d'elles.

Sua magestade o imperador do Brazil, o sr. D. Pedro II, quando, na sua viagem á Europa, se demorou em Paris, ficou alegre por saber que na legação de Portugal estava Mendes Leal. Estimava-o, como présa e venera muitos homens distinctos do seu imperio, que se tem levantado acima do vulgar pelo talento, pelo estudo e pelo trabalho, e aos quaes tem protegido. E tem justificado orgulho em dizer que está em relações directas com elles, e com os de outras nações.

Um dos primeiros recados, que o imperador mandou da hospedaria, onde tomára aposentos com a sua modesta comitiva, foi a Mendes Leal, á noite, para lhe dizer que no dia seguinte ia almoçar com elle, e que depois lhe pediria para que o acompanhasse ao «Salon».

No almoço do dia seguinte, dizia o imperador a Mendes Leal:

— Desejo que o sr. ministro me acompanhe ao Palacio da Industria para vêr de novo os quadros expostos, indicar-lhe os que eu prefiro por suas bellezas artisticas, e conhecer pessoalmente alguns auctores, cujas obras todavia já conheço e aprecio.

Antes do imperador, o sr. D. Pedro II, sair de Paris, Mendes Leal offereceu-lhe uma *soirée*. N'essa noite, reuniu no palacete da legação de Portugal todos os ministros do gabinete francez; o corpo diplomatico estrangeiro, acreditado junto do presidente da republica; as pessoas mais conspicuas das colonias brazileira e portugueza; e outros homens eminentes. Sua magestade imperial ficou mui satisfeito, agradeceu a Mendes Leal a recepção, e principalmente os momentos que passára rodeado de tantos sabios e litteratos, poetas, prosadores e jornalistas, dos mais distinctos da França.

Em 1880 foi esplendidamente commemorado, em Paris, por iniciativa de Mendes Leal, o tricentenario do egregio poeta Camões. Teve como cooperadores, n'essa homenagem ao maior dos cantores das glorias patrias, os membros mais influentes da «Associação litteraria internacional» e alguns enthusiastas da colonia portugueza. A esses quizeram tambem desde logo associar-se nobres portuguezes n'essa occasião na capital da França, citando-se os srs. duques de Palmella, entre os primeiros que se offereceram amavelmente para tomarem parte em qualquer solemnidade, em que se exaltasse no estrangeiro o nome da patria de Camões [1].

[1] O programma da festa do tricentenario de Camões, em Paris, foi publicado em diversas gazetas parisienses da epoca e transcripto em folhas portuguezas e brazileiras.

Sem prejudicar, nem adiar o cumprimento de suas obrigações officiaes, [1] Mendes Leal acabava de compôr o poemeto *Visão,* [2] e um amplo estudo sobre *Camões e os Lusiadas,* que todos conhecem, pois ambos os trabalhos andam na edição luxuosa e commemorativa que o distincto photographo e editor portuense Emilio Biel preparava na Allemanha para as festas do tricentenario.

O poemeto *Visão!* contém vinte e tantas estrophes de diversa metrificação.

Começa:

Tres seculos! Um átomo no espaço
Ao que a celeste paz no Empyreo goza
Do Eterno aos pés, da gloria no regaço!
Tal Camões: na morada luminosa
Nem vê fugir ao mundo o tempo escasso;
Mas a Summa Justiça, carinhosa,

---

1 Occorre-nos que uma das questões mais espinhosas, que elle tinha entre mãos, e ainda hoje sem definitiva solução, era a do denominado emprestimo de D. Miguel, que não era razoavel, nem justo. que fosse reconhecido officialmente pelo governo portuguez.

2 Antes de apparecer em França a edição dos *Lusiadas*, de Biel, o sr. Sant'Anna Nery publicára, e mandára distribuir em Paris, o fragmento da sua traducção *La Vision*, que depois deu em folheto. Temos, por exemplo, á vista a folha avulso, *Correspondance Républicaine* (lithographica), que só contém esse fragmento, espalhado na occasião da festa. Nas linhas preambulares lemos:

«Le troisième centenaire de Camoëns vient d'être célébré à Lisbonne: l'Europe entière y a pris part.

«De tous côtés nous arrivent des détails sur ces fêtes dans lesquelles la presse et la littérature française ont tenu dignement leur place.

«Pour nous, nous ne croyons mieux pouvoir nous y associer, qu'en offrant à nos lecteurs une primeur littéraire, encore inédite en France: la traduction d'un fragment du beau poème que Mr. Mendès Leal, ambassadeur de Portugal à Paris, a consacré à la gloire de son immortel compatriote.

«Mr. Mendès Leal est une des illustrations littéraires de son pays; mais, ses sympathies pour la France sont si connues qu'en applaudissant à son œuvre, il nous semble que nous applaudissons à celle d'un compatriote.»

Quiz lhe fossem, resgate do abandono,
Tres seculos os tres degraus d'um throno.

E acaba:

«Póde esposar-se um povo; abolil-o, ninguem,
«Se d'um grande passado o vasto archivo tem.
«Tão sómente por si, a força mal a hospéda:
«Quando menos se cuida, irrompe a labareda...
«O archivo somos nós da heroica tradição
«Que viva se transmitte a cada geração!
«Foi-nos o dom fatal? é este o nosso officio:
«O fructo vem da flôr. Bem haja o sacrificio!
«És só saudade aos teus; invejam-te as nações;
«Grande, grande serás. Nos braços meus, Camões!»

Com estas duas grandes peças litterarias podia ter o auctor, na sua bagagem, mais um grosso volume.

Quando foi transferido de Paris para Madrid, a vida de Mendes Leal na côrte do reino visinho correu exactamente egual. Era ministro plenipotenciario com todos os encargos, com todas as responsabilidades, com a cordura e a solicitude do diplomata; mas era, pelo amor indestructivel, pela paixão não minorada e combatida, o cultor das Musas. Elle não podia existir sem aquella sua côrte formada por homens doutos, de grande luz e estatura na republica litteraria, que davam á sua casa o aspecto de templo consagrado ao bom, ao util, ao bello!

A legação de Portugal em Madrid era habitualmente frequentada por homens taes, como os academicos marquez de Molins, Campoamor, Casa-Valencia, Nunes de Arce, Menendez Pelayo, Canovas del Castillo, e outros tão notaveis como es-

tes. Reunia-os nos serões familiares e semanaes. Ás vezes, recebia-os antes, e então as palestras litterarias, instructivas, de pujante erudição e atticismo, começavam ao jantar, e prolongavam-se pela noite adeante.

Sempre que Mendes Leal comparecia nas sessões da academia hespanhola, a sua presença era festejada com as mais significativas demonstrações de apreço e sympathia.

Estando n'aquella côrte, Mendes Leal fôra incumbido, por uma empreza editora franceza, de escrever para um diccionario biographico dos artistas de todas as nacionalidades, a parte relativa aos artistas portuguezes. Parece que já tinha colligido numerosos elementos para o artigo ácerca da *Ourivesaria em Portugal,* com a coadjuvação valiosissima do erudito academico Ignacio de Vilhena Barbosa.

Mendes Leal tomou, em Madrid, activissima parte nas festas com que ali foram recebidos e obsequiados os notaveis exploradores Brito Capello e Ivens. O brinde, que o nosso illustre poeta e diplomata, levantou em honra d'elles no banquete, que lhes offereceram, podia considerar-se como um novo florão para a sua corôa de orador. N'essa solemnidade estavam reunidos os homens mais considerados nas sciencias, nas lettras, na politica e no periodismo, de Madrid.

XXIV

Aproximâmo-nos do ultimo periodo da existencia preciosa do illustre poeta e elegante prosador.

Estâmos quasi chegados ao periodo fatal!

Corre o anno 1886.

Tantas canseiras, tantas difficuldades a vencer, tantos espinhos a supportar, tão encontradas sensações, com depreciada e debil saude, haviam de forçosamente causar estragos graves no organismo delicado de Mendes Leal, e abeiral-o da sepultura.

Os que o rodeavam e estremeciam não o sonhavam sequer!

Mas o trabalho persistente, sem grandes folgas, quando a sua essencial força depende da actividade cerebral, enfraquecendo o sangue, mina, rala, atrophia, destroe...

Póde a arvore parecer forte e robusta, erguer-se ainda frondosa, ter signaes de vida longa; porém, lá vem um sôpro mais rijo, agital-a, commovel-a vigorosamente nas raizes, seccar-lhe a seiva, e prostral-a!

O homem é como a arvore. Resiste a uns tufões, mas não tem força para se oppôr a outros. Lá apparecerá o sôpro, embora se nos affigure menos rijo, que o fará cair.

Desde muito que a familia do digno par do reino Carlos Eugenio de Almeida fizera a promessa de ir passar á Villa Coronada oito dias a

casa de seus tios, o conselheiro Mendes Leal e a sr.ª D. Rosa Biester.

Nos primeiros dias de maio partiram-se, com effeito, para ali os paes e os filhos.

Não se demoraram os filhos, porque a continuação dos estudos que não deviam ficar interrompidos, sem prejudicar a educação das creanças, exigia a sua presença em Lisboa. Regressaram, pois, a Portugal, em companhia de sua avó. Os paes, Carlos Eugenio e a sr.ª D. Maria do Patrocinio, ainda ficaram em Madrid.

Ao chegarem a Lisboa, um dos meninos, Carlos, foi atacado subitamente de uma angina diphterica. Cruel doença! Os paes receberam logo aviso pelo telegrapho e recolheram precipitadamente a Lisboa. Quando chegaram junto do leito do filho querido de suas entranhas, estava já moribundo!

Expirou poucos momentos depois, deixando na mais profunda consternação a familia inteira.

Que dôr aquella!

Mendes Leal, que tinha ido em serviço á fronteira franceza para esperar e acompanhar suas altezas os principes de Orleans, só recebeu a terrivel nova ao recolher a Madrid.

Era mui amigo d'este sobrinho, que, ao desabrochar dos onze annos, revelava notavel desenvolvimento nas faculdades intellectuaes, e desejo de saber, não commum em tão tenra edade. Elle, o gentil pequenito, correspondia a esse affecto. Ouvia com profunda attenção a seu tio, a quem fazia perguntas sobre perguntas, principalmente sobre assumptos historicos, e ás quaes Mendes

Leal gostava de responder com a sua exposição erudita, clara e correcta.

Depois da morte de seu pae, a cujos derradeiros momentos não pôde assistir, por estar ausente do reino, as pessoas da familia de Mendes Leal nunca o viram tão dolorosamente impressionado, como com o fallecimento, quasi subito, da mallograda creança.

Bem o expressou elle n'uma carta escripta ao sr. Carlos Eugenio, logo que voltou a Madrid, e na qual se vê que não pôde occultar as lagrimas que lhe sulcavam as faces, e lhe vinham da ardencia do coração dilacerado! [1]

---

[1] A carta, a que nos referimos, e de que damos em frente o *fac-simile* de um fragmento do autographo, em gravura chimica, é a seguinte:

«Madrid — Maio 21-86.

Meu bom e querido Carlos

Chegou-me em 17 a sua carta de 15, e não lhe posso explicar a impressão profunda que me causou. Lemol-a, ou antes soluçámol-a junctos, eu e Rosa. Sei bem que a dôr dos Paes não se eguala. Tome a nossa ao menos por um ecco da sua. Que de angustias apoz tanta alegria! Fará de certo justiça ás purissimas intenções das nossas instancias, como nós a fazemos á resolução de nos trazerem aquelle summo contentamento que ninguem podia prevêr tivesse tal desenlace! Mas, para mim, fica indelevel este, e inseparavel d'um acontecimento de que só esperava festivos alvoroços. O que sam os designios humanos e os insondaveis mysterios dos nossos destinos!

Não lhe mando consolações banaes, nem a si, nem á nossa boa Patrocinio, nem á Avó, nem a ninguem! Que lhe poderia eu dizer? Conheço de triste e dolorosa experiencia o que é a sensação, quasi physica, e da pungente dilaceração em taes lances. Resignação? Deus lh'a dará. Conformidade? os seus piedosos instinctos lh'a inspirarão. Ninguem morre de todo em quanto tem quem o ame. É um amante? É. Mas não crê que ha uma Providencia e tácita communidade dos espiritos que se sobrepoem á separação e á distancia? Pelo seu extremoso amor meço bem as angustias d'ambos. O Carlos porém tem reflexão; e precisa tel-a por todos. E todos os que tam devéras lhes queremos, que somos tantos?

Bem pode imaginar se eu lhe quereria escrever logo, ficando tam sensibilisado e tam profundamente grato á sua carta. Mas foi no dia do nascimento d'El-Rei, dia em que não parei; mas na madrugada se-

Madrid — Maio 21 — 86

Meu bom e q.do Carlos

Chegou-me em 17 a sua carta de 15, e não lhe posso explicar a impressão profunda que me causou. Lembra-a, eu antes relendo-a [illegible], eu e Ros.a

....

Não lhe mando consolações banaes, nem a si, nem á nossa boa Patroninha, nem ao [illegible], nem a ninguem! Que lhe poderia eu dizer? Conheço, de tristes e dolorosas experiencias, o que é a sensação, quasi physica, da pungente dilaceração em taes lances. Resignação? Deus lh'a dará. Conformidade? os proprios sentimentos lh'a inspirarão. Não quero [illegible] tudo em quanto

tem quem o ame. E' uma amante?
E'. Mas não crê que ha uma
Providencial e tacita communicação
dos espiritos que se sobrepõe á
separação e á distancia? Pelo seu
extremoso amor pareço ligados os
enganados d'ambos. O Carlos parece
bem inflexivel; é preciso tel-o por
todos. E todos os que tanto desejam
lhes queremos, que somos tantos?

....

Um abraço bem apertado. A
dor, a mais tremenda ás almas,
robustece as almas e cobre tudo
extremos affectos.

Um abraço de todos
do seu dd.
Ver. amigo
[illegible]

Em julho pediu licença e veio a Lisboa. Demorou-se na capital poucos dias, e partiu para as Caldas da Rainha.

As suas estadas nas Caldas eram sempre mui agradaveis. Achava-se Mendes Leal ali, como na propria casa, e entre a familia. Todos o conheciam, estimavam e veneravam. Elle dava-se com todas as pessoas que annualmente procuram aquella aprazivel localidade, e n'ella formam uma das mais alegres e seductoras sociedades nas regiões thermaes de Portugal.

D'esta vez, todavia, Mendes Leal não parecia o mesmo dos annos anteriores. Fugira-lhe a jovialidade. Estava offegante, melancholico, preoccupado. Parecia querer afastar-se um tanto da antiga camaradagem e convivencia. No rosto abatido, no corpo alquebrado, notavam-se-lhe os signaes de uma ferida lancinante.

Sentia-se mal, padecia, mas não sabia communicar o seu soffrimento, nem adivinhára a verdadeira intensidade das amarguras, que o perturbavam.

Demorou-se apenas nas Caldas até 3 de agosto.

De lá passou para Cintra, onde se aposentou,

---

guinte parti para Medina del Campo a saudar os Principes, segundo as ordens d'El-Rei; mas tenho andado n'uma lida continua, sentindo apenas que vivo pelo movimento.

E por que ainda conservo esta faculdade de sentir, mais me doía a impossibilidade de lhe agradecer, de lhe mandar estas linhas a fugir, em quanto o não faço mais largamente, a si, á Patrocinio, a quantos possa!

Um abraço bem apertado. A dôr, como a tormenta ás arvores, robustece as almas, e sobretudo estreita os affectos.

Um abraço por todos do seu do C.

Tão amicissimo

M. Leal.»

segundo o costume e por instancias de seus sobrinhos, no palacio d'elles na Penha Verde.

As folhas periodicas chegaram a noticiar que estivera em Cintra atacado de rheumatismo, porém que as suas melhoras progrediam.

Foi de grande jubilo, na Penha Verde, o dia em que suppozeram que o illustre poeta e diplomata, melhorára, com effeito.

Veiu depressa o cruel desengano.

No dia 20 a febre pertinaz augmentára tão gravemente, que os medicos estremeceram. Tinham já examinado que não encontrariam na sciencia meios para a debellar.

Esta informação, como todas as más noticias, divulgou-se com rapidez. Em muitos circulos se disse logo que a vida de Mendes Leal estava em imminente risco. Os parentes e mais intimos se apressaram em ir acompanhal-o, ou em informar-se do seu estado pelo telegrapho.

No dia 21 a enfermidade estava na ultima phase — a suprema crise!

Os medicos realisaram nova conferencia n'esse dia. Por accordo unanime declararam que, fosse qual fosse a doença, era tão funda a anemia, que não deixava ao enfermo forças para a luta.

Sentença fatal que se confirmou, pelo assim dizer, passados instantes!

Desde as 4 horas da madrugada de 22 desappareceram todas as esperanças.

Elle reconheceu, emfim, em um momento lucido, que é como o derradeiro clarão em a nossa existencia, que tinha chegado ao passo mais arriscado da enfermidade.

Velavam á cabeceira dois dos nossos mais distinctos medicos e professores, Theotonio da Silva e Arthur Ravara, cujas palavras eram, de momento a momento, cada vez mais desanimadoras. O nuncio de Sua Santidade prestara-lhe já os soccorros espirituaes. A esposa e alguns parentes, com indescriptivel anciedade, soluçando, ou estavam tambem junto do leito, ou expediam telegramas, uns após outros, para que viessem outros facultativos a auxiliar os que tão dedicadamente ali estavam.

O afamado medico e professor, Antonio Maria Barbosa, que ainda permanecia nas Caldas da Rainha, ao receber o telegramma, respondia com urgencia e laconismo:

— «Vou partir.»

Para quê...?

Para um conforto, para um lenitivo, ao amor dos que viam, mortificados e attonitos, um moribundo, a quem anhelavam salvar!

Porém, quando o novo e esclarecido medico chegasse já não era necessaria, infelizmente, a sua profunda sciencia e a sua longa pratica.

Ás 5 horas e meia, Mendes Leal não dava signaes de vida.

Acabára a curta agonia...

Tinha expirado!

No correr do dia 22, o cadaver foi levado para a capella do palacio de Penha Verde.

Dando-nos conta minuciosa dos ultimos momentos do illustre poeta, escrevia-nos um seu parente e amigo intimo:

«A cem passos de distancia da capella, para

onde o transportámos, está o tumulo de D. João de Castro. Para ali veio descançar o grande batalhador e infatigavel vice-rei. Ao lado d'elle repousou tambem, algumas horas ao menos, outro incansavel trabalhador, outro dedicado obreiro da gloria portugueza, outro filho dedicado da nossa terra, que elle honrou com a sua palavra, com os seus escriptos, e com os seus nobres exemplos.»

Os restos mortaes de José da Silva Mendes Leal, poeta, jornalista, dramaturgo, estadista, e orador insigne, trazidos de Cintra no dia 23, ficaram no dia 24 de agosto depositados no jazigo da familia Biester, no cemiterio occidental, dirigindo o prestito um amigo intimo, o dr. Thomaz de Carvalho [1].

---

[1] As corôas, depostas no feretro, foram:

Do sr. conselheiro Francisco Chamiço e de sua esposa a sr.ª D. Claudina Chamiço;

Das sr.as D. Luz e D. Graça Barros Lima;

Do sr. Frederico Biester e de sua esposa a sr.ª D. Amelia Biester;

Da sr.ª D. Anna Chamiço;

Do sr. Carlos Eugenio de Almeida e de sua esposa a sr.ª D. Maria do Patrocinio de Barros Lima Eugenio de Almeida;

De «Mathilde», com um bilhete, em que lêmos: «24 de agosto de 1886. Ao meu bom e caro amigo mr. Mendes Leal, signal de reconhecimento; e

Da redacção do *Diario de Noticias*.

O testamento, com que falleceu Mendes Leal e foi publicado no *Diario de Noticias*, n.º 7:403 de 27 de agosto de 1886, é este:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro. Amen. — Este é o meu testamento, que de meu proprio punho escrevo e assigno, no pleno goso das minhas faculdades, tendo em vista a minha actual situação e residencia, conforme aos artigos do Codigo Civil Portuguez 1:920.º, 1:961.º, 1:964.º e 1:965.º —, pedindo que tão inteira e pontualmente se cumpra como vae exarado. — De todos os meus bens, havidos e por haver, mobiliarios e jacentes, titulos, direitos e acções, comprehendendo nos ditos direitos o montepio que me tocar, a propriedade absoluta das minhas composições de qualquer ordem, litterarias ou scientificas, quer publicadas, quer por publicar, e bem assim a da minha livraria, depositada em grande parte na Bibliotheca Nacional de Lisboa, — instituo por unica e universal herdeira minha muito presada esposa, D. Rosa de

XXV

Toda a imprensa commemorou a morte de Mendes Leal com phrases de profundo sentimento,

---

Athayde Biester Mendes Leal, em signal e memoria da minha profunda estima e constante affecto. — E, porém, meu desejo, que vendido o espolio da nossa residencia de apparato, onde quer que esteja estabelecida, e quando se effectue essa venda, com excepção de quaesquer objectos que a minha dita esposa queira designar e reservar, do respectivo producto, sejam separadas as duas verbas seguintes para terem o destino correspondente indicado.

Um conto de réis que devo ao banco de Portugal (1:000$000) sob minha responsabilidade e de meu cunhado Alvaro Evangelista Cardoso, achando-se pagos os respectivos juros, e devendo o dito meu cunhado considerar-se quite da quantia de trezentos mil réis (300$000) sua quota parte n'esta divida commum.

O numerario preciso para comprar e prefazer dois contos e oitocentos mil réis (2:800$000) em inscripções portuguezas de tres por cento, que serão averbadas a meus sobrinhos José da Silva Mendes Leal e Amalia de Macedo Mendes Leal, filhos legitimos de meu fallecido irmão Antonio Saturnino da Silva Mendes Leal, capital este superior á equivalencia do producto de uma subscripção que do Brazil me foi enviada na importancia de um conto trezentos e cincoenta mil réis fortes (1:350$000) em beneficio dos ditos meus sobrinhos, pelos annos de 1873 a 74, tendo entregue em cada anno, a minha cunhada D. Florinda Amalia de Macedo Mendes Leal, viuva do referido meu irmão Antonio e na qualidade de tutora de seus filhos menores, a somma de oitenta e quatro mil réis (84$000) de inscripções integral e sem nenhum genero de deducção ou desconto.

Á disposição de minha irmã D. Maria Carlota da Silva Mendes Leal e João Carlos da Silva Mendes Leal, continuará como até agora, depositado como se acha, o cartorio de musica de nosso fallecido pae, o sr. José da Silva Mendes Leal, podendo livremente usufruil-o, ou dar-lhe o destino que de commum accordo tenham por conveniente.

Mais rogo se faça dizer por minha alma um trintanario de missas (30) da esmola de quinhentos réis (500) cada uma.

A minha querida mulher muito particularmente recommendo queira entregar de sua mão, como prenda e lembrança de nós ambos, deixando a escolha ao seu judicioso arbitrio, um objecto que tenha sido do meu uso, a cada uma das seguintes pessoas: a sua irmã e minha boa cunhada Amalia Biester, aos nossos sobrinhos e sobrinhas, Pedro Manuel de Barros Lima, D. Maria do Patrocinio, D. Maria da Graça e D. Maria da Luz Barros Lima, José e Amalia, já nomeiados. D. Maria da Piedade Mendes Leal Cardoso, Philippe e Alvaro, filhos de meu irmão João Carlos.

fazendo justiça ás altas qualidades e ao grande talento do finado. Não sendo possivel, pelas dimensões d'este livro, transcrever na integra os mais notaveis artigos, ficarão aqui alguns trechos dignos de menção especial, que demonstram a dôr por esta perda nacional e accentuam as linhas geraes e proeminentes de tão distincto homem de lettras e estadista.

Do *Correio da Manhã* (de 23 de agosto de 1886), artigo do sr. Pinheiro Chagas:

«Pobre, obscuro, humilde soube levantar-se, só pelo seu talento e pelo seu trabalho, ás resplandecentes cumiadas da gloria e ás mais levantadas eminencias sociaes.

Foi o theatro que o acolheu primeiro, e foi esse moço de 18 annos que conquistou ao lado de Garrett os primeiros louros, no theatro portuguez.

Sorria-se hoje, de certo, Mendes Leal ao reler as scenas violentas dos *Dois renegados*, mas o cunho do genio lá estava, e esse drama, completamente *démodé*, está, apesar d'isso, no momento em que escrevemos, enthusiasmando algumas platéas brazileiras.

A meu cunhado Frederico Biester, seu irmão, fará a dita minha mulher entregar egualmente, como testemunho da minha gratidão e apreço, a minha edição rara dos Luziadas de 1579, supplicando especialmente ao dito meu cunhado, queira auxiliar sua irmã no desempenho d'estas clausulas.

Aos meus parentes especialmente, e a todos os meus amigos e inimigos, peço humildemente perdão de quaesquer offensas que possam ter minhas, voluntarias ou involuntarias, e declaro que vivi e morro na obediencia da egreja e na observancia da santa religião catholica, apostolica romana.

Paris, em 10 de março de 1875. — *José da Silva Mendes Leal.*»

No drama romantico, descabellado e ardente, foi elle o primeiro.

Quando a evolução do seu espirito e a da litteratura do seu tempo fizeram apparecer o drama de analyse, o auctor dos *Dois renegados*, transformou-se no auctor dos *Homens de marmore* e, quando o estudo e a reflexão sazonaram o seu talento, á sua penna deve o theatro portuguez esses magnificos estudos historico-dramaticos que se chamam *Egas Moniz* e os *Amores de Bocage*.

Romancista, soube entreter e apaixonar os leitores, com as magnificas scenas historicas do seu *Calabar* e dos seus *Mosqueteiros de Africa*.

Poeta, quem mais do que elle teve no nosso tempo a nota epica? *Abd-el-Kader, Ave Cezar, Pavilhão Negro, Napoleão no Kremlin*, são os cantos dispersos de uma vasta epopéa moderna, alguns dos quaes Victor Hugo firmaria com orgulho.

Jornalista, as suas conhecidas iniciaes *M. L.* formaram alguns dos mais valentes artigos de polemica e dos mais eruditos artigos doutrinarios da nossa imprensa; orador, pronunciou, entre muitos outros, aquelle admiravel discurso da questão das irmãs da caridade, que é a um tempo vibrante de commoção, e nervoso de argumentos. Não ha um só ramo de litteratura portugueza que lhe não deva emfim algumas das suas obras primas.

Um dia entrou no poder, e o poeta appareceu de um momento para o outro estadista. A sua vida politica era sempre energica e apaixonada. Esperavam todos um ministro que saberia admi-

ravelmente defender-se na camara, ninguem esperava um administrador que soubesse resuscitar a marinha portugueza, e que assignalasse em luminosos traços a sua regencia ultramarina.

E' que Mendes Leal tinha o genio que vem da inspiração e o genio que vem do esforço.

Aquelle eterno estudioso, que não recuava diante dos assumptos mais aridos, aquelle infatigavel trabalhador que subjugava com uma tenacidade inabalavel as fraquezas do seu organismo, sempre que se incumbia de uma tarefa, estudava-a a fundo, esgotava-a completamente. Ainda ultimamente, para cumprir como elle o entendia, a sua missão diplomatica em Paris, escreveu um magnifico livro *La légende et l'histoire,* em que se revela o mais obstinado trabalho ao lado da mais aguda perspicacia.»

Das *Novidades* (n.º 567 de 23 de agosto de 1886):

«Não é preciso fazer uma relação completa de todas as suas obras litterarias. O alto valor do artista não se mede pelo numero de paginas que escreveu; mas sim pelo vigor de talento, pelo brilho da inspiração, com que o fez.

Muitas obras publicou em França o abbade Prévost, e apenas ficou d'elle a *Manon Lescault,* que é realmente a sua obra-prima e uma das mais notaveis da litteratura franceza.

Mendes Leal foi notabilissimo no theatro, no jornal, na tribuna.

Difficil tarefa o tornar-se um escriptor querido das multidões ou um orador applaudido dos auditorios na epoca em que Herculano e Garrett

escreviam as suas obras, e José Estevão commovia os seus ouvintes com o fogo da sua palavra inspirada.

Como os jornaes da manhã dão larga nota da biographia de Mendes Leal, escusamos reproduzir esses dados aqui, e para breve reservamos, na nossa secção litteraria, prestar o preito que é devido a tão alta personalidade.

Um facto, porém, que não vêmos contado:

Quando em 1873 nasceu no palacio real de Madrid o principe italiano, que se acha actualmente em Lisboa, foram o sr. Mendes Leal e sua esposa os padrinhos de baptismo em nome de suas magestades os reis de Portugal D. Luiz e D. Maria Pia.

Por essa occasião o rei Amadeu, que distinguia muito o nosso representante na côrte hespanhola, presenteou-o com valiosos objectos, assim como a sua esposa, sendo tambem conferido n'essa occasião o Tosão de Oiro ao illustre diplomata e academico, cuja alta distincção não chegou a usar o agraciado, por haver coincidido com o decreto a abdicação d'aquelle brioso soberano, o qual, depois de haver renunciado a corôa de S. Fernando, se negou, como é sabido, a assignar jámais documento algum.

N'este numero se achava comprehendido o diploma da graça concedida ao nosso ministro em Madrid....

Este principe, de que Mendes Leal foi padrinho — é o principe Luiz, que actualmente está entre nós, e que por uma estranha coincidencia vem assistir ao seu enterro!...»

Da *Democracia,* (n.º 3:263, de 29 de agosto de 1886), artigo do sr. Elias Garcia:

«Teve o sr. Mendes Leal uma existencia cortada de trabalhos, sendo por vezes a lucta capaz de consumir as mais valiosos forças.

Nos ultimos annos da sua vida póde dizer-se que nem sequer estava na reserva dos partidos.

Era estimado e respeitado. A estima provinha-lhe do seu trato agradavel e affectuoso, e o respeito impunha-o pelo seu talento e pelo seu trabalho perseverante. Primava principalmente por conservar o decoro da palavra ainda nas luctas mais accesas da imprensa.

Não se póde dizer qua a sua falta viesse agora influir na balança politica, mas o seu nome honrava o paiz, e dera provas de que o amava entranhadamente.

A sua morte foi por isso sentida como uma perda nacional, porque as nações sentem sempre a perda dos que as honraram em qualquer campo que appareçam, ou que militem.»

Do *Correio da Noite,* (n.º 1:895 de 23 de agosto de 1886), artigo do sr. Antonio Ennes:

«O jornalismo foi a grande porta por onde entrou na vida, porta que lhe mascarava um caminho largo, mas cheio de precipicios, de desgostos, de luctas, ora levadas com enthusiasmo, ora combatidas com desalentos, que o levou ao palco a emocionar profundamente as multidões com dramas violentos, apaixonados, cheios de vida e movimento, realçados por insignes bellezas de linguagem.

«O theatro de Mendes Leal, evidentemente inspirado do theatro francez d'aquella epoca, tem um logar distincto na nossa litteratura, e ainda ha de ter entre nós o seu periodo de renascimento, como em França o tem agora aquelle.

«O genio assombroso de Hugo tinha aberto caminho a uma nova fórma dramatica, arredando sem dó nem misericordia, e com uma grande consciencia da sua força e da sua superioridade, os *pastiches* classicos que atravancavam a *casa de Molière.* Sem guerrear Corneille nem Racine, fez logar para si entre elles, destruindo apenas os imitadores sem talento.

«Seguindo o grande innovador, mas como o pequeno Ascanio, Dumas pae, povoou as scenas de Paris e as da Europa d'obras immorredouras inspiradas ou pelas lendas dispersas nas tradições medievaes, ou pela anecdota historica.

«É esta a primeira e mais brilhante e vigorosa feição de Mendes Leal no theatro portuguez; e os *Dois renegados* são evidentemente a sua *Torre de Nesle,* com a vantagem que ninguem veiu discutir em vida, nem virá pleitear depois da morte, direitos de collaboração.

«Assim como em França o theatro se modificava, e, em scena, a casaca ou a blusa substituiam o gibão e a cota de armas, e as rehabilitações eram as theses favoritas dos escriptores, assim o temperamento dramatico de Mendes Leal se foi modificando, e os *Homens de marmore* e *Pedro* são a resultante d'essa modificação, sendo tambem duas obras de sinceridade.

«A estes dois periodos seguiu-se, com grande

intervallo, a ultima feição dramatica da sua obra theatral, em que, se havia ainda muito do poeta, havia já tambem uma grande parte concedida ao academico. *Os primeiros amores de Bocage* são o canto de cysne do homem do theatro. Este drama passou mais rapidamente; é obra mais erudita mas menos espontanea, menos *sentida* embora mais *feita*.

«A lyra de Mendes Leal inspirou-se sempre de um vivo sentimento patriotico e liberal, que lhe ditou paginas grandiosas e protestos eloquentes. Todas as suas poesias são productos de uma grande inspiração e modelos de correcção.

«Entre outras citaremos o *Pavilhão negro,* na qual brilha desde o primeiro ao ultimo verso a indignação ardente e sincera do patriota. Os seus versos vivem hoje na memoria popular... a melhor edição que ha para verdadeiros poetas.

«Na politica conquistou todos os cargos pelo seu merecimento, e desde governador civil a ministro de estado, deixou por onde passou assignalada a sua passagem, se não por obras grandiosas, por uma direcção intelligente e essencialmente honesta.

«Da sua carreira diplomatica é sufficiente abono a maneira distincta como os varios nossos governos e os estrangeiros sempre o consideraram.»

Do *Jornal da Noite* (n.º 4:764 de 23-24 de agosto de 1886):

«A litteratura, a imprensa, a tribuna, os conselhos da corôa, a diplomacia do nosso paiz, acabam de perder um dos seus mais eminentes vul-

tos, e a patria um dos filhos que mais a honraram.»

Do *Diario de Noticias* (n.º 7:399 de 23 de agosto de 1886), artigo do sr. Eduardo Coelho:

«... morreu o eximio poeta lyrico e dramatico, o prosador infatigavel em todos os generos, em todas as fórmas da arte, o auctor inexgotavel, o jornalista correctissimo, polemista ardente, orador facil e ornado, estadista cuidadoso e patriota, diplomata cioso da dignidade e do dever e cidadão feito a todos os civismos, como a todos os affectos da familia, soldado nobilissimo da causa da civilisação popular, em que deu lições e ensinamentos uteis e inspirados pelo sincero desejo de preencher com brio e consciencia o papel que lhe foi distribuido na grande evolução social do seu paiz a datar da revolução liberal de 1820...

«A triste obrigação do officio, nos manda traçar, tomados de sincera commoção, este registro. Veiu-nos hontem de Cintra a noticia em telegramma de um nosso collaborador ali. O acontecimento fatal occorrera ás 5 horas e 20 da manhã. A saude combalida do grande trabalhador da civilisação portugueza havia-o forçado na derradeira aspiração de uma luz mais iriada de esplendores, e de um ar mais franco e saudavel que o da Villa Coronada, a erguer-se da sua cadeira de embaixador na côrte hespanhola para vir respirar o ar delicioso da poetica montanha á beira do Oceano, tão impregnada de encantos e tradições, que lhe endeusavam o espirito, procurando nos haustos vivificadores refazer-se de um sopro de vida.

«Mas o corpo estava irremediavelmente cançado. Fôra laboriosa e talvez cruenta, e de certo longa a luta com a existencia e com os varios ideaes a que vizava e mais ou menos attingira. Filho de um artista musico, modesto, que lhe ministrára, com os seus limitados recursos, os ensinos litterarios que n'aquella epoca agitada se podiam offerecer á mocidade... Mendes Leal começou, dos quinze aos dezeseis annos, os lavores de composição litteraria, de modo que, aos dezenove, segundo dizem os seus biographos, podia escrever, auctor dramatico ousado e vigoroso, o celebre drama *Os dois renegados.*

«De modo que descontando para o conhecimento das primeiras letras e das noções com que enchera o seu bornal litterario, ao começar a fatigante marcha, do que foi por fim descançar nas graniticas penedias do Paraizo de Byron, podemos contar meio seculo util na sua finda carreira...»

«Na sua longa permanencia na missão em Paris, lidou em tão intima convivencia com as letras francezas, que o idioma de Victor Hugo lhe era quasi tão familiar como o de Camões, e n'elle compunha versos e prosa com egual sentimento e flexibilidade, com ornatos dos mais caprichosos rendilhados e matizes, e nas academias e nas sociedades e comicios, a palavra corria-lhe do mesmo modo facil e calorosa, como na lingua materna...»

«Mendes Leal, diga-se com inteira franqueza porque não ha já receio de que o tomem como lisonja ao homem, mas deve considerar-se como

proposito para honrar a memoria do escriptor, Mendes Leal, no theatro nacional, teve um logar distincto depois de Garrett.

«Deixou as platéas enthusiasmadas e commovidas, os auditorios attonitos e convencidos, e com seus versos dramaticos, interessados nos surprehendentes episodios e peripecias dos formosissimos poemas, ora pompeando as galas das lendas mouriscas ou cantando as xacaras dos castellos medievaes, ora exaltando os heroismos dos episodios patrioticos ou dos martyrios soffridos na libertação da patria e nas epopêas da liberdade.»

XXVI

José da Silva Mendes Leal era socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa (onde foi eleito em 1855), e por muitos annos foi secretario da 2.ª classe da mesma academia; socio effectivo da sociedade de geographia e da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, de Lisboa; socio correspondente do instituto de Coimbra, do instituto historico, geographico e ethnographico do Brazil; da academia de historia de Madrid; das sociedades de geographia de Paris e Londres; da dos antiquarios do norte, em Copenhague, etc.

Tinha a commenda e a gran-cruz das ordens militares: da Legião de Honra, de França; da Rosa, do Brazil; de Carlos III, de Hespanha; de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia; de S. Salva-

dor, da Grecia; do Leão, da Persia; de Leopoldo, de Austria; de Santa Rosa, de Honduras; de Pio IX; e de S. Tiago, do merito scientifico, litterario e artistico.

Esta ultima condecoração foi excepcionalmente concedida por el-rei D. Pedro V, pois que mandando chamar a Mendes Leal lhe entregou o respectivo diploma com os direitos de mercê pagos e um estojo com as insignias.

XXVII

Da familia de Mendes Leal restam ainda vivos seus irmãos:

Joaquim da Silva Mendes Leal, que nasceu a 24 de abril de 1821, e é presentemente chefe de repartição na contadoria do hospital de S. José;

João Carlos da Silva Mendes Leal, que nasceu em 9 de janeiro de 1823, e é desde muitos annos empregado nas obras publicas; e

D. Maria Carlota da Silva Mendes Leal Cardoso, que nasceu a 4 de novembro de 1826, e é casada com o sr. Alvaro Cardoso, empregado superior da fiscalisação das alfandegas do reino, e um cavalheiro estimavel, que muito obsequiou o auctor d'estas paginas com alguns esclarecimentos importantes.

XXVIII

Notas bibliographicas

Representemos, emfim, a actividade de Mendes Leal nas seguintes notas, com que rematamos o nosso resumido e despretencioso trabalho, seguindo a divisão que adoptámos no *Diccionario bibliographico,* e ampliando aquelle registro:

Theatro

1) *O braço de Nero.* Estudo tragico (em versos hendecasyllabos). — Na *Revista Peninsular*, tom. I, de pag. 335 a 353, e de pag. 382 a 394.

2) *Os dois renegados.* Drama em 5 actos. Representado pela primeira vez em Lisboa a 9 de julho de 1839 no theatro normal da rua dos Condes, e premiado pelo jury dramatico. Lisboa, typ. da sociedade propagadora de conhecimentos uteis (sem data), 8.º de XV–153 pag. e mais 2 innumeradas

de agradecimento no fim. Com o retrato do auctor e uma scena do drama, lithographados, desenho de Bordallo; mas trabalho imperfeito. — Tem dedicatoria á nação portugueza e aos seus amigos intimos; e prologo, em que o auctor dá a razão porque mandou imprimir este seu primeiro trabalho para a scena nacional.

Parece que a sociedade propagadora dos conhecimentos uteis projectára continuar a imprimir as obras de Mendes Leal, por que o ante-rosto tem *Theatro de J. S. M. Leal Junior*, e o rosto o numero I.

—— Nova edição. Rio de Janeiro, typ. de E. & H. Laemmert, 1867. 8.º gr. de 180 pag. com o retrato, tambem lithographado.

3) *O homem da mascara negra.* Drama em 5 actos. 1840, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1843. 8.º de 112 pag.

—— Nova edição. Pernambuco, typ. de Santos & C.ª 1845. 8.º de 127 pag.

—— Outra edição. Rio de Janeiro, typ. de Peixoto & Lisa, 1857. 8.º gr. de 102 pag. — Pertence á serie de obras dramaticas, que saía n'aquella cidade sob o titulo *Archivo theatral.*

—— Outra edição. Rio de Janeiro, typ. e lith. commercial de Fontes & Irmão, 1861. 8.º gr. de 92 pag.

4) *D. Maria de Alencastro.* Drama em 3 partes.

Premiado pelo conservatorio real de Lisboa. Lisboa, na typ. Rollandiana, 1846. 8.º de 122 pag. e 1 innumerada de nota.

Parte primeira: *Fortuna ou patibulo.*

Parte segunda: *Carta por carta.*

Parte terceira: *Peccado e justiça.*

Em uma nota declara o auctor, em resposta a quem suppozera que este drama encerrava allusões a pessoa collocada em posição eminente, que rejeitava completamente essas intenções que lhe attribuiram, ou que se lhe podiam attribuir, que nem dava o drama á imprensa, depois de tres annos de representado, para especular com infundados rumores que então correram, nem agora, nem nunca, se aproveitava das circumstancias politicas, etc.

5) *O caçador.* Farceta-lyrica em 1 acto; musica do sr. A. Frondoni. Representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes em 25 de março de 1845. Lisboa, typ. de O. R. Ferreira, 1845. 8.º gr. de 44 pag.

6) *Manhã de um bello dia.* Ode cantata allegorica offerecida e dedicada a S. M. el-rei o sr. D. Fernando, no dia 29 de outubro de 1845. (Musica do sr. Pinto. Personagem declamadora: *A manhã;* coristas: *As doze horas do dia, os doze mezes do anno, os genios das artes, o tempo.* E' dividida em duas partes). 8.º de 23 pag.

Entrou, na primeira parte de um livro

publicado n'esse dia, sob o titulo: *Representação no theatro de D. Maria* II. *Peças que na noite de 29 de outubro de 1845, anniversario natalicio de S. M. El-Rei, se hão de representar,* etc. Lisboa, livraria de Silva, praça de D. Pedro, n.º 32. N'este volume entraram as composições: de Mendes Leal, citada; *O senhor de Dumbiky,* comedia em 5 actos, de Dumas, traducção de João Baptista Ferreira; e a comedia *Um par de luvas,* de José Maria da Silva Leal, com musica de M. J. Casimiro.

7) *A pobre das ruinas.* Drama em 3 actos com prologo. Premiado pelo conservatorio real de Lisboa. Lisboa, na typ. Rollandiana, 1846. 8.º de 155 pag.

Prologo: *Tormenta e tormentos.*
Acto I: *Na Ericeira.*
Acto II: *A taberna do Corvo.*
Acto III: *O baptismo de sangue.*

—— Nova edição. Rio de Janeiro, typ. classica de José Ferreira Monteiro, 1847. 8.º gr. de IV–210 pag. com um juizo critico de Castilho (Antonio), antecedido de uma nota do editor.

8) *O pagem de Aljubarrota.* Drama em tres partes. Lisboa, na typ. Rollandiana, 1846. 8.º de 104 pag.

Parte I: *Bem querer, mal haver.*
Parte II: *O homem põe e Deus dispõe.*
Parte III: *Tal offensa, tal sentença.*

A ultima pag. tem o numero 108 em vez de 104.

9) *Madre-silva*. Drama em 5 actos. Lisboa, typ. Rollandiana, 1847. 8.º gr.

10) *Pedro*. Drama em 5 actos. Lisboa, typ. do *Panorama*, 1857. 8.º gr. de 142 pag. — Segunda edição. Ib., 1863. — Terceira edição correcta. Ib., imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1876. 8.º de 66 pag.

Este drama foi escripto em 1849 e só veio a ser representado em Lisboa em 1861.

11) *Quem porfia mata caça*. Comedia em 2 actos. Rio de Janeiro, typ. de Francisco de Paula Brito. 1850. 8.º gr. de 29 pag.

12) *O tributo das cem donzellas*. Drama em 5 actos. Lisboa, imprensa da *Lei*, 1851. 8.º de VII–273 pag.

Esta peça e a anterior formavam o tom. I do *Theatro de Mendes Leal Junior*. No tom. II entrou a peça seguinte, mas d'ahi por diante não continuaram a colligir as obras em serie.

13) *As tres cidras do amor*. Comedia em 4 actos. Lisboa, imprensa da *Lei*, 1852. 8.º de XII–143 pag.

14) *A afilhada do barão*. Comedia em 2 actos. Lisboa, typ. da Empreza da *Lei*, travessa

das Mercês, 11, 1851. 12.º de VII–110 pag.

15) *Os homens de marmore.* Drama em 5 actos. Lisboa, typ. do *Panorama*, 1854. 8.º de XII–1–129 pag.

Tem juizo critico de Rebello da Silva e prologo do auctor, no principio; e esboço critico de Lopes de Mendonça, no fim.

16) *A herança do chanceller.* Comedia em 3 actos e em verso lyrico. Lisboa, typ. do *Panorama,* 1855. 8.º de XII–141 pag. Dedicada a El-Rei D. Pedro V. — A dedicatoria a S. M. occupa as pag. VII e VIII; e o prologo do auctor vae de pag. IX a XII.

17) *O homem de ouro.* Drama em 3 actos (continuação dos *Homens de marmore*). Lisboa, typ. do *Panorama*, 1855. 8.º de V–99 pag.

Tem no começo prologo do auctor, e no fim juizo critico por Ernesto Biester (pag. 89 a 99).

18) *A pobreza envergonhada.* Drama em 5 actos e 1 prologo. Lisboa, typ. do *Panorama*, 1858. 8.º gr. de 245 pag. e mais 2 innumeradas de nota.

N'ella escreveu o auctor:

Que para o entrecho d'esta peça tomára a fabula do drama *Les pauvres de Paris,* mas perfilhou-o, mas nacionalisou-o, na applicação das cousas e pessoas portuguezas.

O thema a desenvolver era o desequilibrio entre as posições, os salarios e as subsistencias, graves preoccupações de difficil solução. O auctor desenvolveu a sua acção conforme lhe pareceu mais commum, pathetico e verosimil, e por isso modificou essencialmente a peça franceza.

19) *Alva Estrella*. Drama em 5 actos. Lisboa, typ. do *Panorama*, 1859. 8.º

20) *Flores e fructos*. Comedia em 4 actos. Imitação. Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II em 3 de setembro de 1859. Lisboa, typ. Portugueza, 1867. 8.º de 139 pag.

21) *Os ultimos momentos de Camões*. Poema dramatico, originalmente escripto em versos italianos por Leone Fortis, vertido em versos portuguezes. Representado por Mad. Ristori no theatro de S. Carlos. Lisboa, typ. Universal, 1861. 8.º de 38 pag.
Fôra antes publicado no *Archivo Universal*, tom. II, pag. 393 e 409 a 413.

22) *Marino Faliero*. Tragedia de Casimiro Delavigne, traduzida em verso. — Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo VII, pag. 296 e seguintes.

23) *O tio André, que vem do Brazil*. Comedia em 3 actos. — No *Theatro Moderno*, n.º 5.

24) *Receita para curar saudades.* Comedia n'um acto. — No *Theatro Moderno*, n.º 11.

25) *A escala social.* Drama em 3 actos. — No *Theatro Moderno*, n.º 14.

26) *Egas Moniz.* Drama em 6 actos, original portuguez, premiado com o primeiro premio no concurso dramatico de 1861 pelo conservatorio dramatico de Lisboa, e cedido por seu auctor á real sociedade amante da monarchia beneficente. Rio de Janeiro, typ. de J. J. Pontes, 1862. 8.º gr. de 139 pag.

O premio concedido a esta peça foi de 400$000 réis.

A portaria, que o adjudicou, e o parecer do conselho dramatico, ao qual já nos referimos em outro logar, vieram no *Diario de Lisboa*, de 7 de agosto de 1861.

27) *Os primeiros amores de Bocage.* Comedia em 5 actos. Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II em 7 de junho de 1865. Lisboa, na typ. Universal, 1865. 8.º de IX–2 in.–230 pag.

Os córtes feitos na peça para a representação vem notados n'uma advertencia, depois da pag. IX.

28) *A bella Helena.* Opera-parodia em 3 actos. Traducção livre. Lisboa, typ. Franco-Portugueza, 1869. 8.º de VIII–107 pag. e mais 2 innumeradas de notas.

Entre os dramas e comedias, não impressos, e de que temos nota, citemos:

29) *Ausenda.*
30) *D. Antonio de Portugal.*
31) *Pae e ministro.*
32) *O templo de Salomão.*
33) *Saul.*
34) *O capitão Urgel.*
35) *A côrte n'aldeia.*

Poesia

36) *Lagrimas e saudades!* Poesia dedicada á morte de S. M. a rainha D. Estephania. Imprensa Nacional (sem data). Uma pagina.

37) *Canticos.* Lisboa, na typ. do *Panorama*, travessa da Victoria, 52. 1858. 8.º gr. de 404 pag. e mais 4 innumeradas de erratas e indice. — É dedicado este livro a el-rei D. Fernando.

38) *O pavilhão negro. A Portugal e aos portuguezes.* Lisboa, typ. do *Futuro,* 1859. 8.º de 16 pag. — É difficil encontrar no mercado este, como outros opusculos poeticos de Mendes Leal.

Saíra antes publicado na *Revista Comtemporanea,* tom. I (1859), pag. 27 a 35.

39) *Napoleão no Kremlin.* Lisboa, typ. da *Gazeta de Portugal,* 1865. 8.º de 15 pag.

Saíu antes na *Gazeta de Portugal*, n.º 864, de 8 outubro do mesmo anno.

40) *Guttenberg!* Monologo em verso offerecido á associação typographica lisbonense, para ser recitado pelo actor João Anastacio Roza no beneficio da mesma associação, realisado no theatro de D. Maria II em 1 de novembro de 1866. Lisboa, Imp. Nacional, 1866. 8.º gr. de 12 pag. — Edição nitida a duas côres.

41) *Ave, Crente!* Poesia expressamente composta para ser recitada pelo sr. Augusto José Henriques Gonzaga em a noite do beneficio da familia do fallecido Francisco Vieira da Silva aos 17 de agosto de 1868 no theatro do Principe Real. (O producto d'esta poesia tambem reverteu a favor da mesma familia). — No fim: Typ. do *Futuro*, rua da Vinha. 8.º 4 pag. innumeradas.

42) *Caridade!* (Por occasião do 1.º anniversario da escola Caridade em 25 de março de 1868). — Folha avulsa (duas pag. de 4.º), que tem de um lado a poesia indicada de Mendes Leal e do outro uma commemoração em prosa, de Eduardo Coelho. Typ. Universal, 1868.

43) *Homenagem á nação brazileira pela terminação da guerra do Paraguay.* Lisboa, typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes,

1870. 8.º de 32 pag. — Compõe-se este opusculo (dedicado a S. M. o imperador do Brazil, sr. D. Pedro II, pelo reverendo padre Fernando Thomaz de Brito, em nome da escola Caridade e da associação de beneficencia da freguezia da Encarnação) de duas partes: a introducção, em que se dá conta da homenagem, assignada E. C. (Eduardo Coelho), pag. 5 a 10; e a *Congratulação fraterna! á nação brazileira,* poesia por Mendes Leal, pag. 11 a 32, reproduzida da revista *America,* tomo II, n.os 1 e 2.

44) *Memoração.* Poemeto offerecido e dedicado a S. M. a Rainha sr.ª D. Maria Pia, augusta protectora da illustre e benemerita associação das «crèches», fundada sob os seus auspicios. Lisboa, typ. da Academia Real das Sciencias, 1876. 8.º de 16 pag. — Datada de Paris a 10 de julho de 1876.

45) *Vision. 10 juin 1880.* Poésie portugaise. Traduction de F. de Santa Anna Nery. Paris, imp. do High-life, A. Brum, rue Gaillon, 1880. 4.º peq. de 8 pag.

A *Visão* fôra impressa antes, em portuguez, na edição dos *Lusiadas,* feita pelo photographo editor portuense, Emilio Biel, correndo ahi no começo do livro de pag. III a XIV.

46) *Hommage aux lettres Latines.* Lisbonne, im-

primerie de l'Academie Royale des Sciences. 1881. 8.º gr. de 65 pag.

47) *Cinco de maio.* Versão nova de «Il cinque Maggio» de A. Manzoni. — No jornal *Novidades,* n.º 198, de 1 de agosto de 1885, com o original italiano em confronto. No fim é datada do lazareto de Marvão, em 30 de junho do mesmo anno, onde o auctor, vindo passar alguns dias á patria, fôra detido por causa das providencias sanitarias então adoptadas contra o cholera, que invadira algumas cidades da Europa.

Note-se que, no dia 5 de maio de 1885, mandára o erudito portuguez sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães imprimir no Rio de Janeiro, com elegancia e nitidez, devidamente annotadas, as versões da ode de Manzoni feitas por Varnhagen, Ramos Coelho e S. M. o imperador D. Pedro II, do Brazil. É um livrinho mui digno de apreço.

48) *Ave Maria!* Cantico expositivo das apparições de Lourdes, versão paraphrastica sobre o texto francez do sr. Abbade F. I. D'Ezreville que a s. ex.ª Mons. D. Vicente Vannutelli, arcebispo de Sardia, nuncio apostolico, em justa e respeitosa homenagem de profunda veneração, dedica, offerece e consagra José da Silva Mendes Leal. Lisboa, Imprensa de Lallemant Frères, 1886. 8.º gr. de 18 pag.

Com uma pagina de musica lithographada, para canto e piano.

49) *Poesias varias.* (Em portuguez e francez). V. as folhas politicas e litterarias, mencionadas adiante.

Romances

50) *Um sonho na vida.* Lisboa, 1844. 8.° gr. de 87 pag.

51) *A estatua de Nabuco.* Lisboa, 1846. 8.° — Só foi impresso em separado o tom. I. Cremos que não continuou este romance, que saíra em folhetins na *Restauração da Carta.*

52) *Infaustas aventuras do Mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão.* Lisboa, livraria de A. M. Pereira, editor, 1863. 8.° — Segunda edição melhorada. Ib., mesmo editor. 1871. 8.° de VIII–306 pag. e 2 de indice.

É o vol. I da serie intitulada: *Chronicas do seculo* XVII. Dividido em duas partes: I *Infaustas aventuras do mestre Marçal Estouro;* II *O forte de S. Jorge.*

Saíra com o titulo de *Calabar* nos folhetins do *Diario Mercantil* do Rio de Janeiro, e depois impresso pela empreza d'essa folha em 1863, formando 4 tomos, 8.° de 177, 135, 105 e 141 pag. No tom. I inclue-se a historia do *Mestre Marçal Estouro* e o episodio do *Forte de S. Jorge,*

que foram publicados na *Patria*, periodico de Lisboa.

53) *Os mosqueteiros de Africa*. Lisboa, na typ. de J. G. de Sousa Neves, 1865. 8.º de IX-393 pag. e 1 de indice.

É o vol. II da serie de *Chronicas do seculo* XVII, do mencionado editor A. M. Pereira: — Saíra em fragmentos nos folhetins do *Campeão das Provincias*, de Aveiro com o titulo: *Como um povo surge*; e nos do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, sob o titulo: *Amostra de um grande dia*.

No *Panorama*, *Mosaico* e *Archivo Pittoresco*, deixou varios romances e contos. Relacionemos os seguintes:

54) *A flor do mar*.
55) *O infante Santo*.
56) *Por bem querer mal haver*.
57) *Não vale a lição mil doblãs?*
58) *Os irmãos Carvajales*.
59) *O que foram portuguezes*.
60) *Ignez de Castro*.
61) *Memorias insulanas*.
62) *Scenas da guerra peninsular*.
63) *A menina de Val de Mil*.

Estudos historicos, biographicos, criticos e politicos

64) *Elogio historico do conde de Sabugal.* — Nas memorias do conservatorio real de Lisboa, tom. II (1843), pag. 9 a 16.

65) *O conde de Thomar e o duque de Saldanha:* apontamentos para a historia contemporanea. Lisboa, typ. da *Lei*, 1850. 4.º de 169 pag. — Saiu sem o nome do auctor, mas n'este opusculo estavam expostas as doutrinas que então eram sustentadas por elle na *Lei.*

66) *Esboços e perfis.* Serie de artigos politicos, criticos e humoristicos, inserta no *Periodico dos Pobres do Porto,* com o pseudonymo *Timon sillographo.* — Foram reproduzidos no *Campeão do Vouga.*

67) *Necrologio e bosquejo biographico do conselheiro Duarte Cardoso de Sá,* dedicado a seus filhos. Lisboa, typ. na rua dos Douradores, 31-N, 185. 4.º peq. de 8 pag.

Fôra antes publicado na *Imprensa e Lei.*

68) *Elogio historico do socio effectivo visconde de Almeida Garrett, recitado na sessão publica da academia real das sciencias, em 19 de novembro de 1856.*

Nas Memorias da Academia Real das

Sciencias de Lisboa (classe de sciencias moraes, politicas e bellas lettras), nova série, tomo II, parte I (4.° de 12 pag.) Na ordem da inserção, é a sexta n'este tomo. Teve tiragem em separado.

No fim, em nota, o auctor declara que a parte publicada era a commemorativa, pois deixára para obra mais desenvolvida os estudos da indole e da influencia de Almeida Garrett na litteratura nacional.

Appareceu, com effeito, uma biographia de Almeida Garrett na *Revista Contemporanea,* tomo V, pag. 1 a 8, mas é o resumo do *Elogio* apresentado á Academia.

69) *Manuel Maria da Silva Bruschy.* Na *Revista Contemporanea* de Portugal e Brazil, tomo I (1859), de pag. 197 a 220.

70) *Historia da guerra do Oriente.* Lisboa, imprensa Commercial, poço do Borratem, n.° 41. 1855. 8.° 3 tomos, de 333, 318 e 283 pag. — O tomo III não foi concluido.

71) *As irmãs da caridade.* Série de artigos historico-criticos ácerca da sua introducção em Portugal, no *Jornal Mercantil,* e tambem ácerca do mesmo assumpto no *Jornal do Commercio,* onde assignava «M. L.»

72) *Elogio historico do socio effectivo da Academia Real das Sciencias e seu primeiro pre-*

sidente, D. João Carlos de Bragança, duque de Lafões. Proferido na sessão publica da Academia de 20 de fevereiro de 1859.
Nas Memorias da mesma Academia. Teve tiragem em separado.

73) *José Jorge Loureiro.* — Na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil,* tom. II, pag. 99.

74) *Discurso pronunciado por Mr. Victor Hugo,* no comicio reunido em Jersey para solemnisar os successos da Sicilia, com uma introducção do traductor. Lisboa, 1860. 8.º
Saíra antes no *Jornal do Commercio,* e fôra reproduzido na *Politica Liberal.*

75) *Discurso proferido pelo ministro da marinha nas sessões de 7, 9 e 11 de maio de 1862.* Na *Revista Contemporanea,* tom. IV, de pag. 39 a 56, 95 a 107, 150 a 163. — Refere-se, entre outros assumptos, á questão das irmãs da caridade francezas.

76) *Relatorio do ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, apresentado á camara dos srs. deputados na sessão de 12 de janeiro de 1863.* Lisboa, imprensa nacional, 1863. 8.º gr. de 64 pag.

77) *Relatorios do ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar apresentados á camara dos srs. deputados nas sessões de*

12 e 23 de janeiro de 1864. Lisboa, imprensa nacional, 1864, 8.º de 140 pag.

78) *Carta ao director da «Gazeta de Portugal.»* Na mesma *Gazeta*, n.º 982, de 4 de março de 1866.

79) *Discurso ácerca da actual situação economica e financeira, pronunciado na camara dos senhores deputados na sessão de 14 de março de 1867*. Lisboa, imprensa nacional, 1867. 8.º gr. de 47 pag. — Segunda edição correcta. Ibi, na typ. Franco-Portugueza, 1867. 8.º gr. de 59 pag.

80) *Monumentos nacionaes*. Texto de J. da S. Mendes Leal... Photographias de Henrique Nunes, etc. Lisboa, typ. Franco-Portugueza, 1868, 4.º de VIII–198 pag. — Só chegaram a publicar seis numeros com as correspondentes photographias:
- I *O castello de Almourol.*
- II *Mosteiro dos Jeronymos* (Belem).
- III *Paço acastelado da Pena* (Cintra).
- IV *S. João de Alporão* (Santarem).
- V *Basilica de Santa Maria Maior* (sé de Lisboa).
- VI *Torre de S. Vicente de Belem.*

81) *Nota contendo a averiguação da data em que chegou ao porto de Lisboa o capitão-mór Vasco da Gama no regresso da sua primeira viagem á India, apresentada á aca-*

demia real das sciencias de Lisboa... nas sessões de 15 de junho e 13 de julho de 1871.

Nas Memorias da academia real das sciencias de Lisboa (classe de sciencias moraes, politicas e bellas-lettras), nova série, tomo IV, parte II, (4.º peq. de 23 pag.). Na ordem das memorias insertas n'este tomo, corre no terceiro logar.

Fez-se tiragem em separado para o auctor offerecer exemplares aos seus amigos.

82) *Relatorio e documentos apresentados ás côrtes na sessão legislativa de 1870 pelo ministro, etc.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1870. 4.º de VIII-164 pag. — Tem relatorio assignado por Mendes Leal. Occupa tres pag.

Pertence á collecção do *Livro branco.*

83) *Parecer apresentado á academia real das sciencias de Lisboa, na assembléa geral de 9 de março corrente, em cumprimento da portaria expedida pela secretaria de estado das obras publicas, commercio e industria.* Lisboa, na typ. da mesma academia, 1871. 4.º gr. de 8 pag.

Trata do requerimento, em que o sr. Marx de Sori expunha o seu voto, ácerca da substituição, no arco da praça do Commercio, da estatua do illustre marquez de Pombal, pela do grande Affonso de Albuquerque.

84) *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, etc.* Lisboa, typ. da academia real das sciencias, 1874. 8.º

Pertencem-lhe os tomos XII (1874) e XIII (1876), de XVI–453–23 pag. e 1 de erratas, e XVIII–592 pag. e 1 de erratas.

85) Na reproducção do *Missal de Estevam Gonçalves Neto,* auctorisada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, e feita em Paris pela firma Maciá & C.ª (de 1870 a 1877, salvo erro), é de Mendes Leal a versão do ultimo fasciculo escripto por Ferdinand Denis.

86) *Camões e os Lusiadas.* Estudo feito para a edição dos *Lusiadas,* de Biel. Está no fim do livro, de pag. I a XC.

87) *La légende et l'histoire dans les affaires politiques et financières du Portugal, 1826 e 1880. Les prétensions des porteurs de titres D. Miguel devant leurs propres allégations, les textes par eux présentés, et les documents authentiques par l'Europe.* Lisbonne, imp. nationale, 1881. 8.º gr. de 405 pag.

88) *Nouvelles confrontations à propos d'une prétendue réponse à «La légende et l'histoire» (collection de documents sur l'emprunt D. Miguel).* Ibi, na mesma imp., 1882. 8.º gr. de 74 pag.

Ambas estas obras se referem á questão

do denominado «emprestimo de D. Miguel.» Sairam sem o nome do auctor.

89) *Pareceres ácerca das razões do «Tartufo» e «Medico á força,» de Molière, feitos pelo visconde de Castilho.*

Andam encorporados nos respectivos dramas.

90) Mendes Leal collaborou nos jornaes litterarios:

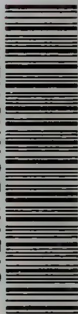
Recopilador,
Mosaico,
Sociedade Philomatica,
Revista Universal,
Revista Lusitana (em francez),
A Aurora,
A Epoca,
A Semana,
A Illustração,
O Panorama (em varias series),
A Illustração Luso-brazileira,
A Revista Peninsular,
A America.

E nos jornaes politicos:

A Restauração da Carta,
O Telegrapho,
O Estandarte,
O Tempo,
A Lei,
A Imprensa e Lei,
A Patria,
A Civilisação,

A Opinião,
O Jornal do Commercio
O Diario de Noticias,
O Commercio do Porto, e o
Diario Mercantil, do Rio de Janeiro.




UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 06 07 007 0